

ROSILÂNDIA FLÁVIA DE LIMA RAMOS

**A CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO
CAMPO:**

Reflexões sobre a formação docente

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA – PROLING
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA E ENSINO

**A CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO
CAMPO:**

Reflexões sobre a formação docente

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal da Paraíba-PROLING, em cumprimento às exigências acadêmicas para a obtenção do grau de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria de Fátima Almeida

João Pessoa – PB

2008

R175c Ramos, Rosilândia Flávia de Lima

A concepção de leitura do educador do campo: reflexões sobre a formação docente / Rosilândia Flávia de Lima Ramos. -- João Pessoa: UFPB, 2008.

193 f.

Orientadora: Maria de Fátima Almeida.

Dissertação (Mestrado) – UFPB, CCHLA, PROLING-Programa de Pós Graduação em Lingüística.

1. Lingüística. 2. Linguagem. 3. Letramento. 4. Formação docente.

UFPB/BC

CDU: 81(043)

Agradecimentos

À Deus, por mais uma realização.

À professora Maria de Fátima Almeida, pela acuidade na orientação deste trabalho, pelo respeito ao meu processo de aprendizagem, sempre valorizando o trabalho já feito e me instigando a aprendizagens mais complexas, sobretudo pela confiança e paciência com que me acompanhou nesses meses de estudo.

Ao meu tio Severino, pelo amor e confiança na pessoa que sou.

À minha avó Dora, pelos anos de cuidados dispensados a mim.

À Lorena, companheira e amiga de todas as horas, por tudo.

Aos amigos que, delicadamente, compreenderam as minhas ausências.

Ao programa de Pós-Graduação em Lingüística, pelo apoio nos momentos que precisei, especialmente à Vera, pela seriedade em seu trabalho.

Aos alunos, professores e coordenadores do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, pelas aprendizagens e ensinamentos recíprocos.

A CAPES, pela concessão de bolsa para a realização desta pesquisa.

A todos que, a seu modo, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa versa sobre a concepção de leitura dos educadores do campo do curso de formação, em nível médio, do Magistério – PRONERA. A abordagem teórica é a sociointeracionista, para qual a linguagem é concebida como lugar de interação humana, ou seja, da constituição de cidadãos no processo de construção de sentido do ato de ler. A concepção de leitura pautada no conceito de linguagem como interação representa um aspecto fundamental na construção da competência discursiva do sujeito falante/ouvinte, o que resulta em práticas mais abrangentes e significativas do ato de ler, em condições especiais, em que a leitura envolve elementos do contexto sócio-histórico e ideológico dos indivíduos, ou seja, o letramento. A pesquisa revela a importância de olharmos a educação do campo em um contexto onde seus sujeitos sejam responsáveis pelo seu projeto educacional, considerando as especificidades circunscritas no seu espaço, bem como na vivência de seus sujeitos, como aspectos relevantes para o exercício da cidadania.

Palavras – chaves: Linguagem, Leitura, Letramento, Formação docente

RESUMEN

La presente disertación es un estudio teórico sobre la concepción de lectura dos educadores del campo del curso de formación, en nivel mediano, del Magisterio – PRONERA. El aparato teórico es la teoría sociointeraccionista, en que el lenguaje es concebido como lugar de la interacción humana, o sea, de la constitución de ciudadanos en el proceso de construcción del sentido del acto de leer. La concepción de lectura guiada en el concepto de lenguaje como interacción representa un aspecto fundamental en la construcción de la competencia discursiva del sujeto hablador/oyente, lo que resulta en prácticas más amplias y importantes del acto de leer, en condiciones especiales, en que la lectura involucra elementos del contexto general de las personas, o sea, el letramento. El estudio muestra la importancia de mirarnos la educación del campo en un contexto en que sus sujetos sean responsables por su proyecto educativo, considerando las especificidades en su espacio, su vivencia, como aspectos importantes para el ejercicio de la ciudadanía.

Palabras- llaves: Lenguaje, Lectura, Letramento, Formación del profesor

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	
Situando o objeto de pesquisa e definindo a metodologia.....	8
CAPÍTULO 1	
As concepções de linguagem e leitura: teias significativas na construção dos modos de dizer e perceber no ensino.....	13
1.1 Concepções de linguagem.....	13
1.1.1 A linguagem como forma de interação.....	17
1.2 Leitura: do decodificar ao interagir: implicações teóricas no processo da concepção do ato de ler.....	20
CAPÍTULO 2	
Letramento, formação docente e educação do campo: diálogos indispensáveis ao exercício da cidadania.....	30
2.1 Letramento como prática possível ao ensino e aprendizagem da leitura.....	30
2.2 Formação de educadores do e para o campo: diálogos possíveis entre as especificidades e as generalidades do fazer docente.....	35
2.3 Educação do campo: conceitos e preconceitos de uma luta social.....	39
2.3.1 PRONERA: Uma política de democratização do conhecimento no/do campo...41	41
CAPÍTULO 3	
Análises: observações e julgamentos pertinentes a uma prática docente.....	45
3.1 Relato de uma experiência: o papel dos gêneros textuais no desenvolvimento da competência lingüístico-discursiva dos sujeitos leitores.....	45
3.2 Caracterização do processo de formação e da concepção de leitura: o olhar dos educadores do campo.....	56
3.2.1 Primeira parte: aspectos da formação.....	56
3.2.2 Segunda parte: aspectos da concepção de leitura dos educadores do campo.....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	75
ANEXOS.....	78

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Situando o objeto de pesquisa e definindo a metodologia

Em dezembro de 2004, na cidade de João Pessoa, iniciou-se o curso de formação do Magistério em nível médio, promovido pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. Esse curso surgiu com o objetivo de formar educadores e educadoras capazes de trabalhar a partir da realidade do povo do campo, em áreas de assentamento e acampamento, considerando a singularidade desse lugar e dos sujeitos que lá vivem, compreendendo o processo educacional como o caminho para o exercício da cidadania.

Nesse contexto, as experiências vivenciadas, como professora de língua portuguesa, oportunizaram-me reflexões acerca da importância do processo de formação para o desenvolvimento de uma compreensão sociointeracionista do ato de ler. Surgiu, a partir daí, o interesse de realizarmos essa pesquisa, tendo como objeto a concepção de leitura do educador do campo.

Sendo assim, o objetivo principal é analisar a concepção de leitura do educador do campo, assim como as categorias a ela relacionadas: texto, gênero textual e gramática. Como objetivos específicos, averiguamos a contribuição do curso para uma formação docente de acordo com as especificidades do campo e verificamos se as atividades de leitura, realizadas na disciplina de língua portuguesa, se desenvolveram em uma perspectiva de letramento.

A questão que se apresenta como problema, porém, diz respeito à contribuição do processo de formação do educador para (re)definir sua concepção de leitura em consonância com seu contexto de atuação, ou seja, o campo. Dessa forma, apontamos a hipótese de que o curso de formação, para o aluno do campo, deve considerar as condições de produção desse lugar e de seus sujeitos como elementos fundamentais para o desenvolvimento eficiente de atividades de leitura.

Na verdade, a trajetória educacional do nosso país mostra que a educação camponesa esteve focada em experiências urbanas, negando o campo como espaço de atuação de sujeitos ativos na construção de sua identidade e do seu projeto educacional,

conforme suas particularidades. As ofertas de educação para esse segmento, tendo como parâmetro a cidade, em nada contribuíram para seu crescimento como lugar de sociabilidades próprias, portanto, torna-se imprescindível um projeto de educação que se desenvolva conforme os interesses dos povos do campo.

Em nossa concepção, o trabalho com a leitura, nas aulas de língua portuguesa, dará as diretrizes para uma concepção do ato de ler como processo interativo que envolve não apenas o texto, mas seu autor, seus interlocutores e suas condições de produção. Por isso, é fundamental a maneira como o profissional formador concebe a linguagem para que os sujeitos participantes do processo de formação possam apreendê-la.

Sob essa ótica, a concepção de linguagem do educador responsável pelo trabalho com a língua portuguesa, nesse curso de formação, será essencial, visto que, o docente que compreende a linguagem como um conjunto de códigos utilizado, para expressar o pensamento ou como um instrumento de transmissão de conteúdos, limita o trabalho que envolve a leitura a uma concepção unilateral, vazia e ritualizada do ato de ler. Por outro lado, o educador que percebe a linguagem como o lugar da interação compreende que o trabalho com a leitura deve propiciar ao aluno condições para que ele desenvolva sua competência lingüística, permitindo, dessa forma, a prática da leitura em condições sociais de uso, ou seja, o letramento.

Nossa pesquisa se respalda na teoria sociointeracionista da linguagem, conforme representam as idéias de Bakhtin (2006). Também nos fundamentamos nos estudos de Geraldi (1996, 1997 e 2003), Koch (2004 e 2006) e Travaglia (2005) para quem a linguagem é concebida como forma de interação. De acordo com uma concepção interativa do ato de ler, nos apoiamos nas pesquisas de Batista (1991), Silveira (1998) e Brandão (1998), entre outros. Foram pertinentes as leituras dos textos de Soares (1991) e Kleiman (1995, 2001 e 2005) sobre letramento e formação docente. Ademais, nos serviram de referencial teórico os estudos de Marcuschi (2002) e Bakhtin (2003) acerca da importância das atividades com gêneros textuais.

A nossa metodologia de trabalho baseou-se demasiadamente nas observações que fizemos no decorrer do curso. A partir de então, elaboramos um questionário como instrumento de pesquisa. O motivo pelo qual o escolhemos diz respeito ao seu caráter mais

sistemático e pessoal, logo ao passo em que orienta as questões conforme o que o pesquisador pretende investigar, igualmente, dá a liberdade de resposta, através do contato mais próximo às questões abordadas.

O questionário elaborado consta de vinte e quatro questões, divididas em duas partes. Foram aplicados a vinte e quatro alunos, porém, visto que não seria possível trabalhar com todo o material, fizemos alguns recortes necessários, mas que não prejudicaram o andamento de nossas análises. Assim, analisamos doze dos questionários escolhidos, através de um sorteio. Vale salientar que o questionário foi aplicado na última etapa de formação. O modelo do questionário, bem como os questionários respondidos, constam em nossos anexos.

A primeira parte do questionário, que denominamos de caracterização da formação, contém seis questões, nas quais focalizamos os aspectos mais gerais da formação do educador do campo. Dessa forma, seus principais objetivos foram investigar os pontos positivos e negativos dessa formação; a relação do curso com a realidade camponesa; a adequação dos conteúdos trabalhados à necessidade dos sujeitos do campo e a interferência positiva desses conteúdos no cotidiano dos camponeses.

Assim, tencionamos responder ao nosso primeiro objetivo específico: saber se o curso de formação se desenvolveu considerando as especificidades do campo que o constituem como lugar de dinâmicas próprias, de movimentos históricos, sociais e culturais.

A segunda parte do questionário, denominada de caracterização da concepção de leitura do educador do campo, focalizou aspectos mais voltados ao trabalho com a língua portuguesa, para, a partir daí, captar a noção de leitura do educador. Algumas categorias relacionadas à concepção de leitura foram questionadas, como por exemplo, a concepção de texto, de gênero textual e de gramática, pois, através delas, as respostas dos educadores demonstram coerência ou contradição. Contudo, respondemos ao nosso segundo objetivo específico.

É importante esclarecer que mencionamos os educandos, sujeitos de nossa pesquisa, como educadora ou educador A, B, C, e, assim por diante. E, trataremos como educador ou professor formador o responsável pelo trabalho com a disciplina de língua

portuguesa, após a explanação do nosso objeto de pesquisa e da metodologia adotada na sua elaboração, o trabalho ganha corpo e segue a seqüência exposta abaixo:

- considerações iniciais: situamos a pesquisa, descrevemos objetivos: geral e específicos, o problema e a hipótese do trabalho, a justificativa, a fundamentação teórica e a metodologia;
- capítulo primeiro: trata das concepções de linguagem e suas contribuições para o ensino e aprendizagem da leitura, destacando a concepção sociointeracionista por seu valor dado à dimensão sócio-histórica e ideológica do uso da língua;
- capítulo segundo: discorre sobre o processo de letramento como prática necessária ao ensino e aprendizagem da leitura em condições concretas de uso, versa sobre a formação dos educadores, conforme os princípios de uma educação que abarca os conteúdos e metodologias adequadas ao campo, e descreve um breve percurso da educação camponesa em nosso país, assim como algumas políticas educacionais para os camponeses, como é o caso do PRONERA, acerca do qual também fazemos algumas reflexões;
- capítulo terceiro: análise que se subdivide em três momentos: o primeiro é o relato de uma atividade, desempenhada em sala de aula, que se respaldou no trabalho com os gêneros textuais, o segundo momento é a análise da primeira parte do questionário: caracterização da formação docente, e o terceiro momento é a análise da segunda parte do questionário: caracterização da concepção de leitura do educador do campo;
- considerações finais: concluímos algumas idéias referentes à análise e fazemos sugestões acerca do processo de formação, suas limitações, mas, sobretudo, sobre sua relevância para o crescimento da educação camponesa.

CAPÍTULO 1

As concepções de linguagem e leitura: teias significativas na construção dos modos de dizer e de perceber no ensino

1.1 Concepções de linguagem

Em todas as épocas, a concepção de linguagem é fundamental para a prática pedagógica do professor de língua portuguesa. Na trajetória educacional, o contexto sócio-histórico orientou as concepções de linguagem que nortearam, coerentemente ou não, o fazer pedagógico de professores de língua portuguesa. Com os avanços dos estudos lingüísticos, a necessidade de se adotar uma perspectiva teórica adequada para as práticas de linguagem tornou-se imprescindível e essencial. Os territórios circunscritos pela Lingüística são movediços e requerem do pesquisador uma postura teórica sólida e reflexiva que o permita enveredar pelos conceitos, práticas e sistematizações para apreensão dos limites e funcionalidades de uma dada linha.

Geraldi (1999, p.40) postula “que toda e qualquer metodologia de ensino articula uma opção política – que envolve uma teoria de compreensão e interpretação da realidade – com os mecanismos utilizados em sala de aula”. Ou seja, o fazer pedagógico do professor – de língua portuguesa – está intrinsecamente relacionado às suas concepções acerca do trabalho com a linguagem.

Outro estudioso do assunto, Travaglia (2008, p. 21), afirma que “a concepção de linguagem e a de língua altera substancialmente o modo de estruturar o trabalho com a língua em termos de ensino e considera essa questão tão importante quanto à postura que se tem em relação à educação”.

Nesse sentido, a concepção do professor e suas atitudes são fatores decisivos no processo de aprendizagem, principalmente, se esse deseja intervir, de forma benéfica e adequada no intento de obter as ferramentas necessárias à configuração tanto da forma de operação (interferência) como da construção ética dos conteúdos. Em outros termos, a concepção de linguagem do professor pode dar as diretrizes para o trabalho com a língua portuguesa, e o docente deve estar bem consciente das concepções que existem, dos

princípios que a norteiam para, a partir daí, desenvolver uma metodologia que consiga estabelecer vínculos significativos entre aquilo que se ensina e o sujeito que aprende.

Dessa maneira, Geraldi (1999, p.40 e 41) lança uma questão prévia ao discutir uma alternativa para a crise do ensino de língua portuguesa no país: *para que ensinamos o que ensinamos?* e sua correlata: *para que as crianças aprendem o que aprendem?* No caso específico de língua portuguesa, de acordo com o autor, a possível resposta envolve a articulação metodológica entre uma concepção de linguagem e sua correlação com a postura educacional.

Atendo-se a considerar a questão da concepção de linguagem, Geraldi (1999, p 40) aponta três modos de concebê-la: como “expressão do pensamento”, como “instrumento de comunicação” e como “forma de interação”. O autor comenta que a primeira forma de conceber a linguagem nos remete a afirmativas comuns “de que pessoas que não conseguem se expressar não pensam”. Essa concepção iluminou os estudos tradicionais. A segunda “está ligada à Teoria da Comunicação e vê a língua com código (conjunto de signos que se combinam segundo regras) capaz de transmitir ao receptor certa mensagem”. A terceira significa

mais do que possibilitar uma transmissão de informação de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Por meio dela o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala.

A concepção sociointeracionista servirá para analisar o *corpus* selecionado, pois, concordamos com Geraldi (1999, p. 40) quando diz que a terceira concepção de “implicará uma postura educacional diferenciada, uma vez que situa a linguagem como o lugar de constituição de relações sociais, onde os falantes se tornam sujeitos”.

Tornar-se sujeito, então, é “tomar as rédeas do dizer em suas mãos”. O homem é responsável pelo que diz e o seu dizer está carregado das marcas que o constituem. Essas marcas representam sua historicidade. O ser humano não está só no mundo, ele interage com outros seres humanos, com as diversas situações cotidianas e consigo mesmo, estabelecendo um jogo cheio de teias significativas. Essas teias se expressam na fala, ou

seja, no discurso, no dizer. Aquilo que o homem enuncia não é ingênuo (desprovido de sentido); não é puro, visto que todo dizer retoma outros dizeres que se entrelaçam e se marcam na interlocução, estabelecendo um processo dialógico; não é alheio, pois o sujeito reveste seu enunciado de determinadas intencionalidades, e essas provocam e esperam respostas.

Segundo Geraldi (1999, p. 42) “a língua só tem existência no jogo que se joga na sociedade, na interlocução. É no interior do seu funcionamento que se pode procurar estabelecer as regras de tal jogo”. Estudar a língua, nesse âmbito, é perceber os compromissos estabelecidos por meio da fala, além das formas como cada falante enuncia em situações reais do uso da língua. O autor ressalta que, de acordo com a concepção de linguagem como forma de interação, “já é insuficiente fazer uma tipologia entre frases afirmativas, interrogativas, imperativas e optativas a que estamos habituados, seguindo manuais didáticos ou gramáticas escolares”.

Podemos, portanto, deduzir que a relevância do ensino/aprendizagem de língua está nas relações que se instituem entre os sujeitos-falantes na ocasião em que enunciam. E isso, conforme Geraldi (1999) é mais importante que simplesmente estabelecer classificações e denominar os tipos de sentenças. Visto que, nessa esfera, se consolida a interação humana, a interação entre sujeitos que falam em determinadas condições de produção. O processo interacional, aqui, entrevê os aspectos tocantes à formação sócio-histórica e ideológica dos sujeitos. E a enunciação inscreve o homem no mundo como dono e responsável pelo seu dizer.

Também preocupado com o ensino significativo de língua portuguesa, Travaglia (2008) ressalta a importância da concepção de linguagem do professor no seu exercício docente, e postula as mesmas três possibilidades mencionadas anteriormente. A primeira concepção, afirma o estudioso, “vê a linguagem como expressão do pensamento”; a segunda, “como instrumento de comunicação, como meio objetivo para a comunicação”; a terceira, “como forma ou processo de interação”. Conforme afirma o autor (2008, p. 23) a terceira forma de conceber a linguagem é aquela para a qual os “usuários da língua ou interlocutores interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e “falam” e “ouvem” desses lugares de acordo com formações imaginárias (imagens) que a sociedade estabeleceu para tais lugares sociais”.

Koch (2004, p.7) comenta as diversas maneiras que são concebidas a linguagem “no curso da história”, e também sintetiza em três principais: a linguagem como “espelho” do mundo e do pensamento, a linguagem como “ferramenta” de comunicação e a linguagem como “lugar” de ação ou interação. A autora enuncia que

a terceira concepção, finalmente, é aquela que encara a linguagem como atividade, como forma de ação, ação inter-individual finalisticamente orientada, como lugar de interação que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações e/ou comportamentos, levando ao estabelecimento de vínculos e compromissos anteriormente inexistentes.

Ao adotarmos a concepção sociointeracionista, concordamos com as idéias dos autores mencionados sobre a importância de conceber a linguagem como processo interativo, como espaço das constituições sócio-históricas e também ideológicas dos sujeitos-falantes/ouvintes. Sobretudo, acreditamos que essa visão vem subsidiar a formação do educador de língua portuguesa, nos seus procedimentos diários na prática pedagógica com o objetivo de formar um leitor crítico para ler o mundo globalizado.

Contudo, faz-se necessário compreender que toda concepção de linguagem guarda restritos laços com o contexto histórico de cada época, portanto, com acontecimentos de ordem social, política, ideológica. É a partir dessa compreensão que poderemos investigar, com maior acuidade, os conceitos que envolvem tais idéias.

A concepção de linguagem adotada por professores de língua portuguesa, no seu exercício docente, durante a história dessa disciplina, não foi imediatamente substituída por outra quando novas tendências surgiam. Paulatinamente, os professores foram revendo sua concepção e a relação desta com a sua prática docente, mudando ou não sua maneira de perceber o trabalho com a linguagem e sua postura diante dela.

Entretanto, em muitos casos houve a fusão dissonante de posturas metodológicas que culminou em um ensino contraditório e discriminatório. É por isso que, ainda hoje, deparamo-nos com professores que trazem, na sua metodologia, aspectos de uma concepção inovadora (na superficialidade), mas que se revela intrinsecamente tradicional.

Os estudos mostram que as três concepções de linguagem correspondem às três grandes correntes dos estudos lingüísticos: a gramática tradicional, o estruturalismo sob a influência do transformacionalismo e a lingüística da enunciação. Todas foram importantes para sua época e trouxeram significativas contribuições para os estudos lingüísticos. A seguir, comentaremos com mais minúcia sobre a concepção sociointeracionista da linguagem.

1.1.1 A linguagem como forma de interação

Geraldi (1997, p.41), “situa a linguagem como o lugar de constituição de relações sociais, onde falantes se tornam sujeitos”. Nessa concepção, como define Travaglia (2008, p.23),

a linguagem é pois lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico.

Esse pensamento se pauta nos estudos de Bakhtin (2006, p.127) que introduz uma definição diferenciada de Saussure no que se refere à língua:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Nesse sentido, a palavra dita no momento da enunciação nos convida a um jogo que ultrapassa o âmbito da simples decodificação das palavras. A palavra se arma de sentidos amplos e, ao mesmo tempo, restritos a um determinado espaço físico, histórico ou ideológico. A palavra é signo, não é sinal. Conforme Bakhtin (2006, p. 96)

o signo é decodificado; só o sinal é identificado. O sinal é uma identidade de conteúdo imutável; ele não pode substituir, nem refletir, nem refratar nada; constitui apenas um instrumento técnico para designar este ou aquele objeto (preciso e imutável) ou este ou aquele acontecimento (igualmente preciso e imutável).

O sinal, portanto, não pertence ao domínio da ideologia. Apenas dominar o código, sem perceber as sutilezas com que se expõe a linguagem, não nos dá elementos suficientes para a compreensão do ato enunciativo. Ainda sobre o tema, o autor (2006, p.98) diz que

a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.

A linguagem para Travaglia (2008, p.23) “é representada por todas as correntes de estudo da língua que podem ser reunidas sob o rótulo de lingüística enunciação”. Assim, as várias correntes e teorias que analisam a linguagem em situações de uso, ligadas à lingüística da enunciação, são: Lingüística Textual, a Teoria do Discurso, a Análise do Discurso, a Análise da Conversação, a Semântica Argumentativa e todos os outros estudos relacionados à Pragmática.

A lingüística da Enunciação coloca no centro das suas reflexões o sujeito da linguagem que fala/enuncia em determinadas condições de produção, considerando o contexto sócio-histórico e ideológico no qual se insere, assim como as relações de sentido estabelecidas entre os interlocutores. Nessa perspectiva, o sujeito se constitui e é constituído pela linguagem, essa é a grande contribuição dessa visão teórica para os estudos lingüísticos.

Para Travaglia (2008, p.23), “nessa concepção, o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão somente traduzir e exteriorizar um pensamento ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor)”.

Koch (2006, p.13 e 14), nesse contexto, relata que

à concepção de língua como lugar da interação corresponde a noção de sujeito como identidade psicossocial, sublinhando-se o caráter ativo dos sujeitos na produção mesma do social e da interação e defendendo a posição de que os sujeitos (re)produzem o social na medida em que participam ativamente da definição da situação na qual se acham engajados, e que são atores na atualização das imagens e das representações sem as quais a comunicação não poderia existir.

Sob o olhar da teoria sociointeracionista, surgem as bases de uma nova concepção de linguagem que passa a compreendê-la como forma de interação, pois não se limita apenas a transmissão de informações e mensagens de um emissor a um receptor. A linguagem, aqui, atua como um lugar de interação de interlocução humana. O enunciado traz as marcas sócio-históricas e ideológicas de quem o pronuncia. Essa nova concepção de linguagem rompe com as concepções mais tradicionais que não consideram a historicidade do sujeito que enuncia e a interferência do ambiente social.

Nessa visão, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria realizar se não estivesse falando; com ela, o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que precedem à fala. De acordo com a concepção de linguagem num processo de interação, o indivíduo se projeta enquanto sujeito ativo no processo enunciativo, pois o que ele diz o inscreve no momento da sua produção e reflete suas marcas, que já trazem as marcas do “outro” com quem dialoga.

Nesse processo, a linguagem constitui-se dialogicamente. E, nesse constituir-se, o sujeito banha-se no dizer do outro para, assim, se dizer. O diálogo com o *outro* tornar-se condição para a existência do *eu*. Sem o *outro*, o *eu* não se define, pois o processo de auto-compreensão se dá pela aceitação e percepção dos valores do outro.

Conceber a linguagem como forma de interação significa entendê-la como um trabalho coletivo, portanto em sua natureza sócio-histórica. Por isso, concordamos com Brasil (2001, p. 23 e 24) para qual “a linguagem é uma forma de ação interindividual orientada por uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos da sua história”.

Na visão dialógica de Bakhtin (2006), é na interação verbal, estabelecida pela língua com o sujeito falante e com os textos anteriores e posteriores, que a palavra (signo social e ideológico) torna-se real e ganha diferentes sentidos conforme o texto. Os estudos bakhtinianos (2006) postulam que os modos de dizer de cada indivíduo são realizados a partir das possibilidades oferecidas pela língua e só podem se concretizar por meio dos gêneros discursivos, que são enunciados relativamente estáveis, veiculados nas diferentes

áreas de atividade humana e se caracterizam, sobretudo pelo(a) conteúdo temático: “o que é e o que pode ser dizível nos textos pertencentes a um gênero” (Brasil, 1998, p.21).

O pensador russo Bakhtin (2006, p.98) postula que “na prática viva da língua, a consciência lingüística do locutor e do receptor nada tem a ver com o sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular”. Assim, a crítica bakhtiana recai sobre as grandes correntes teóricas da lingüística contemporânea, que reduzem a linguagem ou a um sistema abstrato de formas (objetivismo abstrato) ou à enunciação monológica isolada (subjetivismo idealista).

Para Bakhtin (2006, p. 99) não se pode separar a linguagem de seu conteúdo ideológico ou vivencial, já que ela se constitui pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação, que é um diálogo (no sentido amplo do termo, englobando as produções escritas). O sentido do enunciado se dá através de uma compreensão ativa entre os sujeitos, ou seja, é o efeito da interação dos interlocutores. Afirma o autor que todo enunciado tem um destinatário, entendido como a segunda pessoa do diálogo.

A atividade mental do sujeito e sua expressão exterior se constituem a partir do social, portanto, toda a enunciação é socialmente dirigida. É no fluxo da interação verbal que a palavra se transforma e ganha diferentes significados, de acordo com o contexto em que surge. A categoria básica da concepção de linguagem em Bakhtin é a interação verbal, cuja realidade fundamental é o seu caráter dialógico. Em uma concepção sociointeracionista, a linguagem é entendida como um fenômeno em que as pessoas se relacionam segundo níveis sócio-históricos e ideológicos. Ela caracteriza-se por sua ação social.

A percepção das variedades lingüísticas não se faz, como se observa no interior da primeira concepção de linguagem, com explicações simplistas que refletem o “certo” e o “errado”, o “aceitável” e o “inaceitável” ou porque uma linguagem é mais rica do que a outra. Ademais, a linguagem está em constante evolução. Todas as variedades existentes em nossa sociedade pertencem à nossa língua e, embora a língua padrão possua maior prestígio social, as demais variedades também possuem expressividade e comunicatividade.

Do ponto de vista sociointeracionista da linguagem, a norma culta é vista como uma variante, uma possibilidade a mais de uso e não como a única forma lingüisticamente correta e a única linguagem representante de uma cultura. Instaura-se a relação dialógica e polifônica em contextos não imunes às variações e diferenças existentes nas situações concretas de uso.

É em uma concepção de linguagem enquanto lugar de interação humana que o trabalho com a língua portuguesa deve fornecer, aos alunos, condições para que estes possam desenvolver sua competência de ler criticamente, de se expressar nas mais diversas situações de uso da linguagem, escrever tendo em mente um possível leitor, refletir sobre a própria linguagem numa perspectiva de interação social, percebendo-se como sujeito desse processo.

Nessa esfera, o trabalho com a língua portuguesa tem a finalidade de formar sujeitos leitores/ouvintes críticos, reflexivos, capazes de compreender e produzir textos (orais e escritos) eficientes nas mais diversas situações da vida humana. Com esse olhar, as atividades que envolvem a leitura precisam contribuir para a democratização do processo educacional.

Dessa forma, o ato de ler deve proporcionar meios para que os sujeitos exerçam sua cidadania a partir da construção significativa de sentidos da leitura, que reflete na escrita. Logo, no item que segue, trataremos das concepções que envolvem o processo da leitura e a importância desse processo se desenvolver de acordo com a concepção sociointeracionista da linguagem para o acesso às competências descritas acima.

1.2 Leitura: do decodificar ao interagir: implicações teóricas no processo da concepção do ato de ler

O processo da leitura está intrinsecamente relacionado às concepções de linguagem. Durante os estudos da linguagem, a leitura, como disciplina, passou, por diferentes fases e sempre esteve ligada às diversas teorias. No entanto, a visão que se perpetuou na educação e serviu de base para o ensino foi a estruturalista em que ler é decodificar signos. Segundo Brasil (2002, p. 55), “por conta desta concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler”.

Nesse âmbito, Martins (1993, p. 31) postula duas formas de concepção do ato de ler:

como decodificação mecânica de signos lingüísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana)” e “como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica).

A concepção de leitura como decodificação está nos alicerces de uma estrutura tradicional de ensino para o qual escrever significa transcrever fonemas e ler significa decodificar os símbolos gráficos. Essa concepção orientou, durante anos, o processo de formação e a prática pedagógica do professor de português, e deixou suas marcas na atualidade. O aprendizado da leitura, numa visão de decodificação, conforme Martins (1994, p. 23), “baseava-se em disciplina rígida, por meio de método analítico caracterizado pelo progresso passo a passo: primeiro, decorar o alfabeto; depois, soletrar; por fim, decodificar palavras isoladas, frases, até chegar a textos contínuos”.

Conceber a leitura como ato de decodificar, para Kleiman (2004, p. 20)

dá lugar a leituras dispensáveis, uma vez que em nada modificam a visão de mundo do aluno. A atividade compõe-se de uma série de automatismos de identificação e pareamento das palavras do texto com as palavras idênticas numa pergunta ou comentário. Isto é, para responder a uma pergunta sobre alguma informação do texto, o leitor só precisa o passar do olho pelo texto à procura de trechos que repitam o material já decodificado da pergunta.

Postula a autora (2004, p. 20) que “essa atividade passa por leitura, quando a verificação da compreensão, também chamada, no livro didático de “interpretação”, exige apenas que o aluno responda a pergunta sobre informação que está expressa no texto”.

Na visão estruturalista, o ato de ler serviu, durante anos, para manipular, inibir e/ou reprimir quaisquer formas de expressões ou de atitudes dos indivíduos. Aprender a ler e a escrever, aqui, tinha como fundamento a manutenção de determinada ordem política, por isso, as atividades eram da aquisição de um conhecimento pré-estabelecido, com ênfase no

domínio de determinadas habilidades, na capacidade de memorização e repetição de conteúdos.

A leitura vista com uma técnica para a decifração limita o texto a um lugar vazio de significados e submete o sujeito (não leitor) a um ritual também vazio e manipulador de memorização e repetição quer seja das letras, palavras ou frases, mas sem condições de atribuir sentido ao que ler. Essas atividades não oferecem aos indivíduos condições de exercerem sua cidadania através do exercício crítico de reflexão e da tentativa de mudança no plano individual e/ou coletivo.

Conceber a leitura como processo de decodificação, embora caracterize uma prática antiga, continua presente no cotidiano do professor. A maioria dos educadores ainda mantém seu fazer pedagógico arraigado ao modelo tradicional que vê a leitura como prática mecânica, sem levá-la à reflexão. Segundo Martins (1994, p. 23)

para a maioria dos educandos aprender a ler se resume à decoreba de signos lingüísticos [...]. Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o porquê, como e para quê, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade.

Nessa discussão, podemos inserir Freire (1996, p. 11) para quem “o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”. Em outras palavras, considerando a leitura como um processo mais amplo que o simples ato de decodificar, a leitura de mundo antecipa a leitura da palavra, ou seja, as formas de interação na sociedade, os diálogos produzidos com os outros e com nós mesmos, tudo faz parte do ato de ler.

Sob o mesmo enfoque, Brasil (2002, p. 53) assegura que ler

não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita.

Aprender a ler, nesse sentido, não se configura em aprendizagem mecânica, mas envolve a aprendizagem da própria palavra, que abarca os aspectos sócio-históricos e ideológicos presentes na formação do sujeito.

Ao contrário de um exercício passivo, o ato de ler compreende a participação efetiva do sujeito leitor, porque, ao ler, o leitor desempenha um trabalho de constituição do sentido do texto, ou seja, atribui-lhe significado a partir do seu conhecimento de mundo, de suas leituras prévias, suas vivências, isto é, dos aspectos sociais, políticos, históricos, culturais e ideológicos que permeiam e influenciam seu cotidiano. De tal modo, a tarefa principal da leitura é formar sujeitos leitores e, conseqüentemente, escritores competentes. Corroborar com essa idéia Brasil (2002, p. 53) no qual

a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua. (BRASIL, 2002, p. 53)

Nesse âmbito, já não se admite relacionar a leitura apenas a aquisição formal da habilidade de decodificar símbolos gráficos. Antes, a leitura relaciona-se à forma como o indivíduo interage no seu lugar social, com os membros de sua comunidade, com as diversas situações do cotidiano (dentro e fora do seu contexto vivencial) e consigo mesmo. Vale salientar que essa interação não se restringe unicamente à escola e não está associada apenas aos processos formais de aquisição das habilidades de ler e escrever. Trata-se de um processo mais amplo que concebe a linguagem como lugar da interação humana e os sujeitos como seus participantes ativos.

As novas perspectivas no ensino e aprendizagem da leitura surgiram e foram importantes na construção de uma maneira outra de pensar esse processo. Percebeu-se que não basta ensinar, no sentido de transmitir a leitura, mas criar condições para o seu desenvolvimento enquanto lugar de interação, vivendo a linguagem nas suas diversas possibilidades, criando condições para o seu exercício. Dessa maneira, provocando, no aluno, sua capacidade de interagir com o texto a partir do conhecimento prévio que possui, da capacidade de inferir, de analisar e de atribuir sentido ao texto (oral e escrito).

Na elaboração dessa pesquisa, assumimos uma perspectiva sociointeracionista do ato de ler, em que a leitura constitui um processo que envolva não apenas a capacidade de decodificação de signos, mas também um processo que articula os conhecimentos prévios do sujeito-leitor, suas vivências com o meio social. Concebida como processo interativo, a leitura vai de encontro à concepção monológica e passiva do ato de ler e constitui-se como processo dialógico, em uma relação recíproca entre os interlocutores.

Confirma essa idéia Silveira (1998) que concebe a leitura segundo a abordagem cognitiva e sociointeracional e desenvolve um estudo sobre os aspectos da leitura segundo determinadas tendências lingüísticas. Dada a sua relevância, elaboramos uma síntese dessas idéias e expomos no quadro abaixo.

Aspectos da leitura segundo a abordagem da frase do sistema da língua	Aspectos da leitura segundo a abordagem gerativo-transformacional	Aspectos da leitura segundo a abordagem sociointeracional
<ul style="list-style-type: none"> • estrutura geral da linguagem; • a língua é uma sistema homogêneo, que pode ser estudado considerando apenas os fatores lingüísticos; • visão unidisciplinar relativa as estruturas de palavra e de frases; • a produção textual é vista como codificação e decodificação; • a leitura é mera decodificação, representando a busca que o leitor faz do significado para o significante lido, recorrendo ao sistema abstrato da língua. 	<ul style="list-style-type: none"> • noção de produtividade da linguagem humana relacionada ao conhecimento interiorizado que um falante tem de sua língua e ao desempenho, seu uso; • visão unidisciplinar • o texto não é objeto de estudo; • ler é conhecer as regras da competência de um falante ideal e aplicá-las de forma a se ter um bom desempenho. 	<ul style="list-style-type: none"> • os indivíduos não constroem seus discursos em abstrato, mas sofrem influências de fatores cognitivos, sociais, culturais e ideológicos; • o leitor é um sistema complexo de transformação da informação e não um mero armazenador de representações estanques.

Formar leitores competentes, conforme uma concepção sociointeracionista da linguagem, só é possível através da prática constante da leitura de textos que circulam na sociedade, quer dizer, textos que façam parte do cotidiano dos educandos, que tenham sentido em suas vidas, que dialoguem com a realidade dos alunos, para que estes possam descobrir, no ato de ler, desde a solução para um problema do dia-a-dia até o entretenimento, o deleite. Dessa forma, quanto maior a familiaridade do aluno com uma variedade de textos, maior será sua competência em relação à função que desempenham na sociedade, bem como seu valor discursivo.

O trabalho com a diversidade textual, nesse sentido, é fundamental para o exercício da leitura e, por conseguinte, para a formação de leitores competentes. Assegura Brasil (2002, p. 55)

que um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente.

Decorrem de atividades que entrevêm a diversidade textual e o desempenho discursivo dos sujeitos, a formação de um leitor competente, capaz de ler além do código, apto a perceber, nas entrelinhas de um texto, seu sentido velado em outros sentidos, seu domínio discursivo, sua intenção. É, pois, nesse exercício que o leitor transpõe a mecanicidade do ato de ler e passa a interagir com o texto, dialogando com seus sentidos, com seu autor e consigo mesmo.

Para Orlandi (1996) “a leitura é o momento crítico da constituição do texto, em que os interlocutores (autor e leitor), identificando-se como tais, desencadeiam o processo da significação”. Esta significação é resultado da interação entre autor/texto/leitor. Dessa forma, a significação não se restringe a nenhuma dessas instâncias, mas se constitui no diálogo entre elas. Geraldí (1994, p.80) nos diz que “ao ler, o leitor trabalha produzindo significações e é nesse trabalho que ele se constrói como leitor. Suas leituras prévias, sua história de leitor, estão presentes como condição de seu trabalho de leitura e esse trabalho o constitui leitor e assim sucessivamente”.

Contudo, vale salientar que o leitor não está sozinho com suas leituras, pois, desde a produção do texto, o leitor já se faz presente, visto que todo texto pressupõe seu leitor.

No momento da produção de um texto, o seu autor tem em mente um possível leitor e, à medida que dialoga com esse, o torna co-autor do texto que escreve. Por outro lado, se considerarmos que o leitor, ao dialogar com o texto, também enuncia suas significações, então tornamos o autor co-enunciador dos sentidos do texto que produziu. Eis a relação dialógica entre autor/texto/leitor na ocasião da produção e da leitura de um texto. Nesse ponto de vista, afirma Batista (1991, p. 23)

A leitura é, portanto, um aspecto, dentre outros, de uma relação de interlocução. Compreendê-la, delimitá-la, contê-la dentro de seus limites é, portanto, paradoxalmente, não considerá-la em si mesma, mas em suas relações com os demais aspectos dessa relação interlocutiva: o texto, o autor e as práticas histórico-sociais nas quais essa relação de interlocução se constituiu.

É necessário pontuar que embora o escritor tenha em mente um possível leitor no momento de sua produção, e o leitor dialogue com esse escritor no momento de sua leitura, o domínio de um sobre o outro é parcial, visto que se trata de sujeitos cada qual com sua historicidade. Assim, o texto se configura como unidade complexa de significação, entretanto, não é completa. Afirma Orlandi (1996, p.180) que

a natureza do texto é intervalar. Sua unidade não se faz nem pela soma de interlocutores nem pela soma de frases. O sentido do texto não está em nenhum dos interlocutores especificamente, está no espaço discursivo dos interlocutores; também não está em um ou outro segmento isolado em que se pode dividir o texto, mas sim na unidade a partir da qual eles se organizam.

Sendo assim, o ato de ler não se constitui em um processo solitário, monológico, vazio de sentido. Antes, configura-se como uma atividade plural de construção de sentido por meio da interlocução entre autor/texto/leitor, a leitura é um processo interativo, discursivo, portanto uma concepção de língua como código não é suficiente para abranger o seu universo de significações, onde se interligam aspectos sociais, políticos, históricos, culturais e ideológicos. Assim, assevera Brandão (1998, p.197)

o ato de ler é um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de inteligência de mundo que envolve uma característica essencial e

singular ao homem: a sua capacidade simbólica, a sua capacidade de interagir com o outro pela mediação da palavra.

O sentido estabelecido no processo da leitura é construído em situações reais do uso da língua que envolve além dos aspectos lingüísticos os não lingüísticos, por exemplo, os interlocutores, o lugar social de onde falam, a sua historicidade, seus valores, a representação que têm de si e do próximo, entre outros.

Considerando as condições de realização de um texto, a leitura não se limita a um ato utilitário da linguagem, direcionado a um único objetivo, acabado e/ou determinado pela visão do autor ou do professor. Os propósitos da leitura são mais abrangentes e dinâmicos, pois ler é um ato dinâmico, que envolve mais que a capacidade cognitiva, abarca conhecimento de mundo, interação com os espaços sociais, com membros da comunidade e consigo mesmo. O sujeito que é capaz de ler o mundo a sua volta e interage com as mais variadas situações do cotidiano também é capaz de ler livros, jornais, cordéis, a bíblia.

Se a leitura deve constitui-se em um processo crítico, a tarefa dos educadores não é fácil, mas árdua e complexa. Os sujeitos: crianças, jovens ou adultos envolvidos no processo de leitura chegam à escola com seu conhecimento prévio, ou seja, sua leitura de mundo particular. O respeito e a consideração ao conhecimento que os sujeitos já trazem, torna-se elemento indispensável para que o educador inicie a construção de um pensamento mais crítico e mais elaborado sobre sua prática em relação a um trabalho efetivo e significativo com a leitura e também com a escrita.

Nesse contexto, a tarefa do professor é crucial no sentido de fornecer elementos para que o aluno, pouco a pouco, relacione as leituras desse mundo particular, de domínio de suas vivências, com as leituras de domínio de um universo mais amplo. Sob essa ótica, a leitura deve passar da decodificação ingênua de símbolos, de palavras e de frases para a leitura crítica do mundo. Essa leitura apenas será possível se o sujeito colocar-se enquanto elemento ativo não só na construção do sentido do texto, mas, sobretudo no processo de mudanças, seja em um âmbito mais particular, seja no mais geral da vida humana.

Desse ponto de vista, o ato de ler não pode ser um processo mecânico, mas um processo criativo de percepção do mundo e dos acontecimentos particulares da vida do

sujeito, inerentes ao seu lugar social que resultam em um processo mais amplo de conscientização adquirido a partir de um processo dialógico entre o homem e o mundo. Daí a necessidade dos sujeitos perceberem-se, no mundo, através de suas leituras, como agentes da história. Pessoas que fazem a história, mas que não apenas participam como expectadores. No entender de Freire (1996; p. 40) “fazer a História é estar presente nela e não simplesmente nela estar representado”.

Infelizmente, ainda hoje, o trabalho com a leitura na escola, muitas vezes, fundamenta-se no discurso das elites dominantes. Essa questão é a chave para a compreensão do domínio das classes populares pelas camadas mais elevadas da sociedade.

A construção de significados na escola, durante o ensino da leitura e da escrita, segue uma linguagem da cultura dominante sendo regulada através dos conteúdos que devem ser ensinados e como devem ser ensinados. Esse processo é parte de uma cultura maior que determina o que deve ser feito, de maneira que as ordens são repassadas sem direito a voz. Por isso, o acesso à leitura crítica é a oportunidade dos indivíduos lutarem e alcançarem as transformações políticas, sociais e ideológicas que necessitam.

Somente a concepção de leitura como interação pode subsidiar esse processo, pois, através dela, os sujeitos interagem com suas vozes e com as diversas vozes que constituem os seus espaços discursivos.

Nesse sentido, os diversos estudos sobre linguagem têm como objetivo auxiliar os educadores para que tenham condições de desenvolver seu trabalho em uma perspectiva que veja o aluno como parte integrante do processo de leitura, que considere sua participação em tal processo, e observe a relevância do seu saber prévio, de sua habilidade de questionar o que lê, de dialogar com o que e com quem lê, de se perceber parte do processo. Este é, sem dúvida, um grande desafio para o professor de língua portuguesa, visto que sua formação traz lacunas que refletem sua dificuldade de trabalhar a leitura dentro de uma perspectiva de linguagem como interação.

Assim, em uma perspectiva sócio-histórica do trabalho com a linguagem, a leitura passa a ter valor libertário, democrático; passa a ser um direito inalienável dos sujeitos e um componente de transformação social. É nesse âmbito que situamos o trabalho com a leitura no curso de formação, em nível médio, do Magistério – PRONERA, visto que se trata de um projeto que visa à democratização do saber, a autonomia social e política dos

sujeitos por meio de sua consciência crítica. O exercício da leitura deve desenvolver, nos sujeitos, sua capacidade de compreender o mundo e nele atuar como cidadãos.

Conforme já referimos, é fundamental para o desenvolvimento da competência crítica do sujeito leitor que ele leia em situações reais de uso da leitura, que tenha a oportunidade de interagir com os diversos textos que circulam na sociedade e que, sobretudo possa lhes atribuir sentido, portanto são fundamentais as atividades de leitura que envolvam a prática de letramento, entendidas, aqui, como práticas sociais do uso da leitura. Dedicamos, pois, o capítulo seguinte a algumas reflexões sobre esse tema.

CAPÍTULO 2

Letramento, formação docente e educação do campo: diálogos indispensáveis para o exercício da cidadania

2.1 Letramento como prática possível ao ensino e aprendizagem da leitura

A aquisição e a elaboração do conhecimento necessário, tanto para a compreensão das situações vividas por indivíduos e grupos, quanto para a articulação das ações coletivas que promovem a transformação social, só são possíveis através do processo educacional. Nesse processo não cabe uma educação arraigada aos modelos mecânicos de aprendizagem de leitura, mas uma educação que permita, ao homem, refletir sobre suas ações seja no plano individual, seja no plano coletivo, porém em função do crescimento social.

Apesar de, durante muito tempo, o ensino e a aprendizagem da leitura limitar-se apenas ao contexto escolar, hoje, considera-se que as questões de ensino aprendizagem não estão restritas à escola, mas estão presentes em quaisquer situações em que as pessoas precisem desenvolver e/ ou aplicar seus conhecimentos, sejam aqueles aprendidos formalmente ou no cotidiano de cada um. Assim, deve-se compreender o aluno como sujeito social que aprende com e sobre a cultura do seu grupo, e não como um aluno que aleatoriamente reproduz informações sem relação com as questões diárias.

O discente, aqui, constitui-se como cidadão à medida que busca compreender as interações sociais das quais participa: comparando idéias, inferindo outras, identificando problemas, construindo conceitos e propostas de intervenção na realidade, entre outros. A realização de um trabalho como esse se dá por meio de práticas que considerem situações reais do uso da língua, ou seja, situações em que a leitura tenha sentido na vida daqueles que aprendem, só assim, podemos falar em práticas de letramento.

O termo letramento surgiu pela primeira vez, no Brasil, na segunda metade dos anos 80 e tem sido, desde então, discutido por estudiosos das áreas da educação e da lingüística. O letramento, como alfabetização, é um processo educativo, porém, além de ocupar-se do ensino e da aprendizagem da leitura, preocupa-se com as práticas da leitura

dentro de um contexto social, compreendendo as práticas e eventos relacionados ao uso, função e impacto social da escrita.

Esse processo também está presente na oralidade, e não apenas nas situações comunicativas mediadas pelo contexto escrito, que também compreende a leitura. Uma atividade como escutar notícias de um jornal se configura em uma situação de letramento, pois esse texto ouvido possui a mesma estrutura léxica comum ao texto escrito, além de ter o poder de, no caso das notícias jornalísticas, provocar discussões e reflexões sobre os fatos da realidade.

Dessa forma, até o não alfabetizado pode participar de situação de letramento, ouvindo um jornal, ditando um bilhete para que alguém o escreva, participando do sindicato de moradores do bairro, entre outros. Nesses momentos, fazendo uso do texto oral, o não alfabetizado lança mão dos traços característicos do texto escrito, além de desenvolver sua competência discursiva.

Atualmente, tornou-se lugar comum nas academias e nas escolas, entre outras instituições que lidam com a educação, discutir questões envolvendo o letramento, embora este ainda seja um vocábulo relativamente novo nesses meios. De fato, os estudos sobre o letramento são recentes, mas causam grande impacto na forma como professores e, de maneira mais geral, profissionais da educação, compreendem o trabalho realizado com a leitura.

No momento em que o termo letramento surgiu no cotidiano da educação brasileira, o país estava passando por vários avanços, principalmente no setor tecnológico. Esses avanços demandavam uma forma outra de participação dos indivíduos na sociedade. Já não bastava, porém ser alfabetizado no sentido de ter adquirido a tecnologia da leitura e da escrita, mas era necessário interagir com tais mudanças e com seus impactos, sob pena de ficar à margem desse processo. Um dos maiores choques sofridos pela sociedade, nesse âmbito, diz respeito à globalização dos meios de comunicação.

Nesse enfoque, considerando homens e mulheres que vivem em uma sociedade grafocêntrica, para que estes exerçam sua cidadania plena, torna-se fundamental a condição de ser letrado. Assim sendo, não é suficiente saber ler e escrever, ou seja, ser alfabetizado, mas fazer uso da leitura e da escrita nas mais diversas práticas sociais.

A discussão, posta acima, provoca questões cujas respostas serão importantes para o desenvolvimento de nossas idéias: o que é letramentos? E, nesse sentido, o que significa ser letrado? O que significa ser alfabetizado?

Soares (2006) percorre um determinado caminho até chegar ao surgimento da palavra letramento. Conforme a autora (2006, p. 17) a palavra letramento surgiu da versão da palavra inglesa literacy. Nesta língua, literacy significa “estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e a escrever”. No entanto, esse estado ou condição não se limita a tais habilidades, mas envolve “a idéia de que a escrita traz conseqüências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, lingüísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprende a usá-la”.

A partir dessa idéia, constatamos que o letramento implica resultados mais complexos que a alfabetização, tanto no que se refere ao plano individual quanto ao social, porém não apenas os resultados do letramento são mais complexos que os resultados da alfabetização, mas, também, o processo do letramento traz atitudes outras na relação indivíduo/sociedade/escola.

Na verdade, o letramento e a alfabetização são dois processos de aquisição da leitura e da escrita. Esses dois processos não se excluem, mas se interligam. A alfabetização diz respeito à aquisição da escrita e da leitura; o letramento diz respeito aos aspectos sócio-históricos desta aquisição, bem como seus impactos na sociedade. Dessa maneira, embora interligados, esses processos guardam diferenças entre si.

O letramento caracteriza-se por seu aspecto contínuo, enquanto a alfabetização caracteriza-se por ser um processo que se encerra, que se acaba, que limita o indivíduo ao aprendizado das habilidades da leitura e da escrita. Segundo Tfouni (1997, p. 15) “o que caracteriza a alfabetização é a sua incompletude [...] a alfabetização está intimamente ligada à instrução formal e às práticas escolares”.

Em um sentido contrário a essa definição, a autora Tfouni (1997, p. 9) comenta que

o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da escrita. Entre outros casos, procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades quando adotam um sistema de escritura de maneira restrita ou generalizada [...] tem por objetivo

investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, e, nesse sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social.

Comunga dessa idéia Soares (2006) para quem letrar é ensinar a ler e a escrever em contextos significativos na vida dos educandos, representando práticas mais amplas do que o ato de alfabetizar. De acordo com a autora (2006, p. 36)

existe uma diferença entre saber ler e escrever, ser alfabetizado, e viver na condição ou estado de quem sabe ler e escrever, ser letrado. Ou seja: a pessoa que aprende a ler e a escrever – que se torna alfabetizada – e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita e de escrita – que se torna letrada – é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever – é analfabeta – ou, sabendo ler e escrever não faz uso da leitura e da escrita – é alfabetizada, mas não é letrada, não vive no estado ou condição de quem saber ler e escrever e pratica a leitura e a escrita.

Apresenta-se, aí, a chave para o grande impasse que se estabeleceu com o surgimento da palavra letramento e, sobretudo os impactos deste processo na estrutura sócio-histórica, política e ideológica da sociedade. Nesse contexto, surge a preocupação com a formação cidadã do indivíduo. Para este já não basta aprender a transcrever fonemas em letras e decodificá-las, agora, exige-se que o sujeito faça uso da leitura e da escrita nas mais diversas situações sociais, questionando, inferindo, analisando, problematizando e buscando possíveis soluções para as questões individuais e sociais inerentes à vida humana. Essa competência se relaciona às práticas do letramento.

Sabe-se que o nível de formação educacional dos indivíduos de uma sociedade torna-se elemento decisivo na construção ou manutenção de determinados fatores sociais, políticos, econômicos, culturais, ideológicos e todos aqueles relacionados à vida humana. É nesse contexto que se dá a importância do processo de aquisição da leitura e da escrita. Mas, não uma aquisição que se prenda nos limites da decodificação de letras em palavras e de palavras em frases, que se limite à capacidade de assinar o nome.

Aprender a ler e a escrever deve fornecer às pessoas condições para que elas exerçam sua cidadania, para que sejam capazes de escrever seus nomes sim, mas que sejam capazes também, sobretudo de perceberem que um indivíduo não é apenas mais um

indivíduo, mas é tudo que reúne sua história de vida, desde a escolha do seu nome, ou antes, desde a sua concepção, suas experiências, suas lutas, suas conquistas, suas alegrias, suas tristezas, suas expectativas diante da vida, seus medos, suas angústias, suas dúvidas, suas certezas, enfim, toda a complexidade de ser humano.

Saber ler e escrever, para um indivíduo, não deve ser importante apenas para que ele assine seu nome ao votar, mas para que ele vote em um político da sua escolha, que ele perceba a importância social, política, histórica do seu ato, que ele saiba do compromisso ético que se estabelece entre seu ato de votar, e o dever político de quem foi votando para com o povo.

O letramento, então, como um processo que visa à aquisição da leitura e da escrita nos termos mencionados acima, estabelece-se como práticas comprometidas com as mudanças na vida do sujeito, mudanças que, em um diálogo entre o individual e o social, se configurem nas transformações necessárias para uma vida mais digna.

No que se refere ao processo de alfabetização, entendido como a capacidade de aprender a ler e a escrever, esse nem sempre se desenvolve considerando os aspectos do letramento. Como cita Soares (2006, p. 47) “o interessante é que se alfabetize letrando”. Nesse sentido, o sujeito deve apropriar-se das habilidades da leitura e da escrita num contexto em que estas habilidades desenvolvam sua competência nos âmbitos lingüístico-discursivo e social.

Um outro fator interessante no que diz respeito às *nuances* que envolvem cada um desses processos de aquisição da leitura e da escrita, é que, embora esses processos não se excluam, nem sempre se desenvolvem concomitantemente. Dessa forma, o sujeito alfabetizado não necessariamente está envolvido em práticas de letramento, pois ele pode dominar a “tecnologia” da leitura e da escrita e não ser capaz de realizar leituras críticas, questionar determinadas situações do seu cotidiano, bem como procurar soluções para elas, etc. Da mesma forma, o indivíduo, para ser letrado, não precisa necessariamente ser alfabetizado, mas participar, no seu dia-a-dia, de atividades que se configurem em práticas de letramento.

Segundo Soares (2006) uma pessoa nem sempre precisa ser alfabetizada, para ser letrada. Caso esse indivíduo participe, no seu cotidiano, de atividades como, por exemplo,

assistir a um jornal televisionado; ditar uma carta para alguém escrever; ouvir histórias da cultura popular, entre outros, essa pessoa, então, está envolvida em práticas de letramento, assim, é, portanto, considerada letrada. Ao contrário, uma pessoa que saiba ler e escrever, mas não é capaz de fazer uso social desta leitura e escrita, é alfabetizada, mas não é letrada, pois suas habilidades de saber ler e escrever não lhe fornece a competência para que ela use suas habilidades em situações reais, sociais, cotidianas.

Sendo assim, o letramento surge como produto da participação em práticas sociais letradas, que ocorre em quaisquer níveis de escolaridade. Desse jeito, o curso do Magistério investiu em uma formação que se desenvolvesse de acordo com uma visão interativa da linguagem, abrangendo seus usos sociais e seus modos de representação na sociedade a partir das práticas de letramento. Sobre esse tópico, discorreremos no item seguinte.

2.2 Formação de educadores do e para o campo: diálogos possíveis entre as especificidades e as generalidades do fazer docente

O tema da formação de professores é sempre atual, pois estes se configuram atores sociais imprescindíveis no processo educacional – base para a construção da cidadania. Sendo assim, esse tema precisa estar nas pautas das discussões políticas de todo Governo e, além disso, precisa se materializar em ações significativas, necessárias para o desenvolvimento e crescimento social.

Nos tempos atuais, apesar de toda a evolução tecnológica, a presença do docente se faz necessária. O professor é o profissional do desenvolvimento humano, dessa forma, ele tanto se modifica em função das novas dinâmicas que envolvem o desenvolvimento social quanto contribui com essas dinâmicas. Na verdade, o professor é fundamental para auxiliar seus alunos a conviverem em um ambiente tomado pela informação e pelo conhecimento. Por outro lado, em uma sociedade globalizada, a atuação do professor é fundamental para ajudar seus alunos na compreensão de sua identidade individual.

Dessa maneira, o papel do professor, enquanto orientador de percursos, é o que fundamenta sua identidade profissional. As questões que envolvem sua função, antes disso, o próprio conceito de professor, alude à idéia de alguém que ajuda os outros a desenvolver suas potencialidades. Ademais, este profissional é responsável pelas aprendizagens que

considerem aspectos éticos, políticos, sociais e culturais da vida humana. Cabe comentar que, aparentemente, ser professor é tarefa fácil, no entanto, esta tarefa apresenta dificuldades, pois lida com a formação humana de diferentes indivíduos em vários contextos do desenvolvimento social e humano. Aí parece residir a complexidade do assunto.

Dada a sua relevância, a temática formação de professor é constante no dia-a-dia da educação. A cada época, como já discutimos em capítulos anteriores, o contexto sócio-histórico e político determina as diretrizes educacionais. Nesse contexto, a formação de professores segue as determinações de sua época.

Falar sobre a formação de docentes abrange todas as modalidades e níveis de ensino. Desta forma, nossa discussão se apresenta, até certo ponto, fragmentada, já que o nosso objetivo é discutir a formação de educadores em nível médio, com a particularidade de ser do campo. Assim, fazemos um recorte nessa discussão complexa e abrangente.

As mudanças ocorridas em todos os setores que abrangem as questões sociais põem em curso novas demandas de educação e dão os contornos de um outro fazer pedagógico. Assim, fica a cargo do docente refletir sobre cada processo pedagógico que surge, bem como investigar quem são os beneficiários desse processo e quais são suas propostas e suas contradições, além de observar que articulações tal processo estabelece entre a teoria e a prática, destacando os aspectos inerentes ao desenvolvimento da cidadania.

Nessa esfera, podemos inferir que não há um modelo pronto e estabelecido para a formação de professores, mas modelos que se diferenciam considerando as concepções de educação respaldadas nas concepções de sociedade de cada época em que se estabelecem e se confrontam finalidades e interesses que são contraditórios.

Isso significa dizer que as demandas de formação de professores estão relacionadas às mudanças ocorridas no mundo do trabalho e nas relações sociais, bem como nas diversas posições assumidas em relação aos projetos apresentados por diferentes grupos que ocupam o poder. Portanto, torna-se imprescindível a compreensão das políticas atuais de formação de professores para que se delimitem os contornos das demandas dessa formação.

Nesse âmbito, a formação de educadores, para o campo, surge como forma de estruturar e materializar as mudanças necessárias ao desenvolvimento social, político e econômico daqueles que vivem no e do espaço do campo. Além disso, não se pretende apenas formar educadores para atuarem em áreas de assentamento ou acampamento da Reforma Agrária, mas, sobretudo formar educadores que sejam do campo, que conheçam a realidade camponesa, as necessidades de sua gente e possam trabalhar a partir das especificidades desse espaço.

Formar educadores do campo e para o campo é fundamental para se configurar as mudanças necessárias nessa área. Os sujeitos do campo têm suas especificidades, suas particularidades, suas dinâmicas que se estendem a forma como se organizam social e culturalmente. Esses aspectos não podem ser renegados, desvalorizados ou não vistos, porque os sujeitos do campo são capazes de desenvolver seu próprio projeto educacional conforme as especificidades do seu lugar e de sua gente.

O tema da educação do campo e a preocupação com a formação, nos diversos níveis da educação, tomaram grande impulso, no ano de 1998, com a primeira conferência sobre a educação do campo, no Brasil. Essa conferência contou com a participação de políticos, de representantes de movimentos sociais, de sindicatos dos trabalhadores rurais, entre outros órgãos envolvidos na luta pela Reforma Agrária e pela permanência do homem do campo, no campo, com qualidade de vida, com justiça social e com desenvolvimento sustentável.

A formação de educadores - em áreas de assentamento - requer um olhar singular sobre os sujeitos que estão envolvidos nesse processo de formação, os quais chegam com um conhecimento prévio que não podemos desconsiderar, chegam com suas experiências de trabalho no campo, suas vivências na relação com a família e com a comunidade. Assim, a elaboração e execução desse curso, magistério em nível médio, devem abarcar conteúdos e metodologias que permeiam essa complexidade. Na elaboração da proposta pedagógica do curso de magistério do PRONERA, considerando o exposto acima, alguns princípios foram definidos:

1. O princípio de que o saber provém da prática e a ela deve retornar, ou seja, a prática social dos educandos, sujeitos sociais e históricos, deverá se constituir em ponto de partida e ponto de chegada do processo da formação;
2. O princípio de que a base da prática educativa é o processo de produção do conhecimento, o que significa dizer que a produção do saber crítico supõe, inicialmente, acolher a leitura, o saber, os valores, atitudes e habilidades que os alunos já elaboram até o momento, para, em seguida, estimulados para novas leituras, reflexões, problematizações, consigam aprofundar a compreensão e o conhecimento da realidade construindo novos conhecimentos, valores, atitudes e habilidades. Espera-se que o novo conhecimento construído se transforme em ação efetiva de intervenção nessa mesma realidade “devolvendo-o para onde e para quem ajudou a gerá-lo” (MOURA/2003), de forma a provocar as mudanças esperadas para o desenvolvimento individual, local e social – desenvolvimento sustentável;
3. O princípio da pedagogia da alternância que consiste em organizar o processo de formação em períodos alternados de estudo, assegurando de forma equilibrada o movimento que vai da ação a reflexão e vice-versa; da teoria à prática e da prática à teoria;
4. O princípio da omnilateralidade que entende que a formação deve se preocupar e buscar atingir o ser humano em todas as suas dimensões de vida (social, política, cultural, familiar, religiosa, biológica, econômica), enfim um processo que vise o homem na sua individualidade e na sua relação com o mundo e com os outros indivíduos;
5. O princípio da interdisciplinaridade que permite sair de um currículo centrado nas disciplinas para um currículo a partir de recomposição dos saberes e dos objetivos de aprendizagem (NOVOA/2003), evita uma formação segmentada, compartimentada e busca um direcionamento da prática para um conjunto integrado do conhecimento;
6. O princípio da articulação entre pesquisa e ensino. Segundo Paulo Freire (1996), “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. A pesquisa deve ser estimulada o tempo todo para reconhecer os problemas, os desafios e permitir identificar as saídas, soluções, para superá-los com a mobilização da escola e da comunidade;

7. O princípio da participação e do diálogo que conduz uma formação mútua entre educandos e educadores baseada na cooperação e no diálogo profissional; no respeito às diferenças e na disponibilidade para ouvir o outro e rever os seus próprios conceitos e preconceitos;
8. O princípio da reflexão sobre a prática. A capacidade de mudar a prática que se produz de forma ingênua, para uma prática docente crítica, não acontece espontaneamente. Ela implica momentos de estímulos, provocações, reflexões sobre o próprio fazer pedagógico.

Considerando as propostas pedagógicas aqui discutidas, podemos, então, constatar que o processo de formação dos educadores (as) do campo, em nível médio, deve articular as práticas educativas ao contexto sócio-histórico das comunidades rurais, o que determina as práticas de letramento.

Dessa forma, tais práticas e suas atribuições, se tornam elementos de construção de identidade, de cidadania e de direito no sentido de elevar os elementos culturais e possibilitar a manutenção do camponês na terra, visto que não basta conquistá-la, mas, sobretudo é fundamental desenvolver meios de permanência digna, a partir de um projeto de desenvolvimento sustentável e de uma educação fundamentada no contexto sócio-histórico e ideológico dos povos do campo. A seguir, trataremos um pouco dos conceitos e preconceitos enfrentados e vividos por essa luta social.

2.3 Educação do campo: conceitos e preconceitos de uma luta social

Para compreendermos o momento atual da educação do campo é preciso lançar os olhos para o passado e enxergar o caminho percorrido pela constituição do sistema educacional brasileiro. Conhecer o passado torna-se a primeira condição necessária para podermos situar o tema da educação do campo, no Brasil, e compreender porque, atualmente, a população camponesa continua excluída do processo de escolarização e de um ensino de qualidade que considere suas especificidades.

A trajetória das políticas de educação voltadas para o campo, bem como as concepções pedagógicas que as nortearam, guarda restritos laços com os paradigmas de desenvolvimento sócio-econômico do meio rural. Séculos de escravidão aliados a uma

acentuada concentração agrária foram determinantes no processo de expulsão e expropriação das comunidades rurais, no entanto, por uma questão de sobrevivência, os povos do campo desenvolveram estratégias de resistência que preconizaram políticas de desenvolvimento sustentável para os sujeitos do campo, entre elas, políticas de educação mais conscientes da singular existência do homem no/do campo.

A partir da segunda metade do século XX, em decorrência de várias discussões sobre a necessidade de conter a saída do homem do campo para a cidade, e o interesse em aumentar a produtividade agrícola, a educação do campo é efetivada mediante programas e projetos de caráter emergencial, assistencialista e focados nas experiências da cidade, por considerar a população do campo inculta e atrasada. Aliada a esse contexto, está a falta de consciência da importância da educação no processo de construção da cidadania, já que o trabalho na agricultura dispensava o ensino escolar na formação de mão de obra para esta atividade.

Dessa forma, as poucas políticas de educação para o campo tinham como parâmetro a cidade. De acordo com Caldart (2004)

a partir de uma visão idealizadora das condições materiais de existência na cidade e de uma visão particular do processo de urbanização, alguns estudiosos do campo consideram que a especificidade do campo constitui uma realidade provisória que tende a desaparecer, em tempos próximos, face ao inexorável processo de urbanização que deverá homogeneizar o espaço nacional. Também as políticas educacionais, ao tratarem o urbano como parâmetro e o rural como adaptação, reforçam essa concepção.

Portanto, as ofertas de educação para o campo pouco avançaram no sentido de olhar e contemplar com mais atenção o que há de singular nesse lugar e nos sujeitos que o constituem. Contraindo a essa idéia, alguns movimentos de educação popular lançaram mão de iniciativas de educação voltadas especialmente para a população rural ancoradas na concepção da pedagogia libertadora formulada por Paulo Freire. Depois do golpe militar de 1964, a maioria dos programas de alfabetização e educação popular de jovens e adultos da cidade e do campo foi interrompida.

O tema só voltou a ser discutido anos mais tarde, após duas décadas de um elevado processo de urbanização e uma saída significativa do homem do campo para a cidade, a

temática da educação do campo ainda não ocupava lugar na agenda de políticas públicas educacionais. Foi, então, a partir dos anos 90 que, pelas mãos dos movimentos sociais, a educação do campo voltou a ser discutida pelo Governo.

Na verdade, as políticas públicas de educação para o meio rural caracterizam-se como políticas de adaptação ao modelo urbano, negando a capacidade do homem do campo de desenvolver seu próprio projeto educacional, partindo de suas concepções sócio-políticas e ideológicas para ressaltar e reafirmar suas potencialidades e especificidades.

Comenta Caldart (2004, p. 27 e 28) que

A educação do campo se identifica pelos seus sujeitos: é preciso compreender que, por trás de uma identificação geográfica e de dados estatísticos isolados, está uma parte do povo brasileiro que vive neste lugar e desde as relações sociais específicas que compõem a vida no e do campo, em suas diferentes identidades e em sua identidade comum; estão pessoas de diferentes idades, estão famílias, comunidades, organizações, movimentos sociais. A perspectiva da Educação do Campo é exatamente a de educar as pessoas que trabalham no campo, para que se encontrem, se organizem e assumam a condição de sujeitos da direção de seu destino.

Dessa maneira, os movimentos sociais do campo vêm se colocando como protagonistas na luta pelos direitos de sua gente. A cada desafio vencido, a cada objetivo alcançado, a cada necessidade imposta pelas condições de vida, os sujeitos do campo fortalecem sua identidade e se mostram atuantes, dinâmicos, históricos, porque são responsáveis pelo processo de construção da cidadania.

Ao passo que esses sujeitos buscam políticas de incentivo para uma educação que considere as particularidades do seu lugar, também se colocam e se percebem como o próprio processo, como sujeitos que se constroem e são constituídos no convívio social. O item que segue trata de uma das políticas de educação, voltada para os povos do campo, que surgiu a partir das reivindicações dos movimentos sociais e encontra, na sua luta, a resistência, para continuar.

2.3.1 PRONERA: uma política de democratização do conhecimento no/do campo

Construído tardiamente, o sistema educacional brasileiro, a partir da lógica da educação européia, revelou, ao longo da sua trajetória, certo desinteresse dos poderes públicos por uma educação voltada à formação crítica e consciente dos indivíduos, dessa maneira, o sistema educacional estabeleceu-se, no país, privilegiando os centros urbanos e negando o campo.

Esse paradigma contribuiu para a estruturação e materialização de uma cultura de submissão e dependência dos camponeses em relação aos interesses das elites agrárias do país, no entanto, os sujeitos do campo começaram a se organizar e a formar movimentos que despertaram para uma consciência outra sobre a dinâmica de vida do homem do campo no campo. A partir daí, os movimentos sociais do campo, entendendo a dívida educacional que o país tem com a população camponesa, desenvolveram novas alternativas para a educação do seu povo.

Após muitas lutas, surgiram diversos projetos que procuraram incluir o contexto sócio-histórico, político e ideológico da população camponesa nas pautas de discussões do sistema educacional da Nação, preconizando propostas de políticas públicas voltadas para esse segmento da sociedade.

Como resultado das reivindicações dos movimentos sociais, bem como de outros atores sociais da sociedade civil organizada em prol da construção de uma proposta educacional específica para o campo, surge, em 1998, o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. Esse programa representa uma grande inovação com relação às políticas anteriores que não consideravam as especificidades do campo e a existência de sujeitos sociais com demandas específicas. Sujeitos estes que têm nome, rosto, sonhos, histórias, saberes, lutas, gêneros, raças e etnias diferenciadas.

O PRONERA se desenvolve considerando a identidade dos sujeitos do campo que se determina pela sua relação com os aspectos constitutivos de sua realidade como, por exemplo, a temporalidade e os seus conhecimentos próprios. Tais aspectos estão presentes na sua constituição e implantação.

Embora não contemple toda a população do campo, esse programa vem fornecendo subsídios para pensar, formular e estruturar políticas de educação para o campo. O PRONERA é uma política do Governo Federal, executada pelo Instituto Nacional de

Colonização e Reforma Agrária – INCRA, no Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA. Esse Programa visa à ampliação dos níveis de escolarização formal dos trabalhadores e trabalhadoras assentados da Reforma Agrária.

O objetivo do PRONERA é fortalecer o mundo rural como território de vida em todas as suas dimensões: econômicas, sociais, ambientais, políticas, culturais e éticas. Esse programa representa o fruto da luta dos movimentos sociais pelo direito a uma educação que se desenvolva segundo os aspectos que identifiquem o espaço do campo, assim como sua gente.

Um dos aspectos mais relevantes do PRONERA está no seu caráter descentralizador, visto que as instituições públicas, parceiras desse programa, deverão desenvolver seus projetos em comunhão com os movimentos sociais e as organizações dos trabalhadores rurais, ou seja, o programa leva para dentro das instituições os representantes dos movimentos sociais e sindicais de trabalhadores e trabalhadoras rurais, e leva para o campo os representantes das instituições. O diálogo entre esses representantes configura-se em uma prática de interação necessária para o desenvolvimento de aspectos que abrangem o processo educacional, como, por exemplo, a cidadania.

O PRONERA, com suas parcerias, trabalha em função do desenvolvimento sustentável no campo, da cidadania, da solidariedade e da justiça social. Configura-se por ser um programa que, associado ao desenvolvimento territorial, contribui com a elevação das condições de vida dos sujeitos que vivem no campo. Ademais, compreende que o modo de vida dos camponeses possui especificidades quanto à forma de se relacionar com a família, o trabalho, a comunidade, o tempo, o meio ambiente, a educação e o lazer. As particularidades dos sujeitos do campo e a dinâmica da vida nesse espaço estabelecem uma identidade cultural, social e ideológica que lhes são próprias.

Sendo assim, o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária provoca reflexões inerentes tanto as questões teóricas quanto as questões práticas que envolvem a educação do campo. Em sua essência, esse programa aposta na formação humana como condição primeira capaz de possibilitar, aos seus sujeitos, uma atuação ativa na construção de sua história e tudo aquilo que demanda essa construção como, por exemplo,

o desenvolvimento democrático, responsável e ético das relações dos camponeses entre si e das suas relações com o meio ambiente, portanto, ajudando a repensar e organizar o espaço socioterritorial em que vivem.

Os cursos promovidos pelo PRONERA se desenvolvem de acordo com a pedagogia da alternância. Uma maneira de dividir o tempo em que os alunos passam na Instituição de Ensino, tempo-escola, do tempo que eles passam em suas comunidades, tempo-comunidade. Trata-se, portanto, de uma dinâmica que envolve um tempo de formação e um tempo de prática: alternância. Dito de outra forma, o curso estabelece um tempo para a teoria, conhecimento acadêmico, sistemático, e outro para a prática, cotidiano, conhecimento popular.

O primeiro tempo-escola do Magistério teve início em dezembro de 2004. Vale ressaltar que, antes do início do curso, quando foram selecionados os professores, para trabalhar na formação, foram realizadas várias reuniões com os membros e parceiros do Programa, dessa forma, participavam dos encontros professores, coordenadores da Universidade Federal da Paraíba – UFPB e coordenadores da Comissão Pastoral da Terra – CPT.

Esses encontros discutiam as propostas do PRONERA, sua relevância para o desenvolvimento da educação camponesa, a metodologia e os conteúdos a serem trabalhados. Além de reuniões, as coordenações, juntamente com o corpo docente, realizaram algumas viagens para assentamentos com o intuito de promover uma interação, um diálogo construtivo e significativo entre os sujeitos envolvidos no processo de formação.

Sendo assim, antes do início das aulas do Magistério já existia a preocupação de conhecer os indivíduos que participariam desse curso, seu lugar social, suas vivências, suas expectativas para que se pudesse desenvolver um trabalho eficaz e capaz de atender suas necessidades. Nesse âmbito, O Magistério – PRONERA objetivou o desenvolvimento do senso crítico que leve as pessoas à reflexão da sua vida e das suas práticas sociais e, sobretudo ao entendimento dos fatores sócio-históricos e ideológicos que permeiam seu cotidiano.

CAPÍTULO 3

Análises: observações e julgamentos pertinentes a uma prática docente

3.1 Relato de uma experiência: o papel dos gêneros textuais no desenvolvimento da competência lingüístico-discursiva dos sujeitos leitores

O trabalho com a língua portuguesa, no curso de formação do Magistério, adotou uma concepção sociointeracionista de linguagem e, conseqüentemente, de leitura. Sendo assim, as atividades de leitura foram elaboradas e realizadas tendo como ponto de partida a historicidade dos educandos em formação, com a finalidade de fomentar discussões a respeito das questões sociais, políticas, culturais e ideológicas presentes em seu cotidiano.

Partindo do pressuposto de que, ao nos comunicarmos, nunca o fazemos da mesma maneira, mas enunciamos em determinadas condições de produção, desenvolvemos nossas atividades de leitura, no curso de formação de Magistério. Essas condições de produção envolvem os interlocutores e a situação em que se dá o processo comunicativo, materializando-se no texto (oral ou escrito) que passa a ser a unidade básica do trabalho com a linguagem. Dessa forma, numa concepção sociointeracionista da linguagem, a noção de gênero surge como questão fundamental nas discussões a respeito da eficácia do ensino e da aprendizagem da leitura, visto que, “a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual” (Marcushi, 2002, p. 22).

É verdade que a comunicação verbal só se concretiza através dos gêneros textuais, e é também verdade que os gêneros só surgem a partir das necessidades comunicativas dos sujeitos falantes/ouvintes. De acordo com Bakhtin (2003, p. 261 e 262)

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. [...] O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) [...] Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem [...] mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos [...] estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada

campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.

Em uma sociedade em constante desenvolvimento das ciências humanas e das tecnologias, as necessidades comunicativas dos sujeitos, como já mencionamos, fazem emergir novos gêneros de texto, entretanto, são responsáveis pelo desuso de outros. Nesse âmbito, podemos compreender o caráter maleável e não estanque dos gêneros textuais, visto que,

surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (Marcushi, 2002, p.19)

Entendidos como fenômenos sócio-históricos, os gêneros de texto estão intrinsecamente relacionados ao cotidiano da vida humana. Assevera Marcushi (2002, p. 19) que “os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia”. Portanto, é imprescindível que as atividades realizadas nas aulas de língua portuguesa se pautem no trabalho com os gêneros de texto, levando os alunos à reflexão crítica e ao desenvolvimento da sua competência discursiva e consolidando, verdadeiramente, a formação de sujeitos leitores.

Sendo assim, durante o curso de formação, em nível médio, do Magistério – PRONERA, nas aulas de língua portuguesa, procurou-se trabalhar os conteúdos associados ao uso efetivo da língua, ou seja, por meio dos gêneros textuais, considerando um contexto específico: a educação do campo.

Vale ressaltar que não interessa, em tal perspectiva de trabalho com a língua, que o aluno reconheça apenas os aspectos estruturais que diferenciam um gênero de texto de outro. Além disso, é importante que o aluno, com a orientação do professor, reconheça as estratégias utilizadas pela linguagem para conferir determinado sentido ao texto, bem como as marcas sócio-históricas e ideológicas que o compõem. Desse modo, o aluno poderá desenvolver sua competência discursiva e ampliar seu domínio acerca dos diversos gêneros textuais que circulam na sociedade.

Nesse contexto, relatamos uma atividade desempenhada, em sala de aula do curso de Magistério, com gênero de texto diálogo. Na ocasião, foi entregue, aos alunos, o texto Falando sério, do escrito Luis Fernando Veríssimo, que retrata o tema da Reforma Agrária. Esse assunto já havia sido discutido, em sala de aula, até mesmo por se tratar de um curso de formação para sujeitos do campo, moradores de áreas de assentamento ou de acampamento. A partir de então, percebeu-se a relevância do trabalho com o texto que expomos a seguir:

Falando sério (Luis Fernando Veríssimo)

Ele disse:

- Ora, reforma agrária...
- Vai dizer que você é contra?

Ele tentou cair fora:

- O assunto é complexo.

Ela insistiu:

- Espera um pouquinho.
- Dá um beijo, vai.
- Espera. Isto é importante. Eu quero saber.
- O quê?
- A reforma agrária. Você é contra?
- Por quê? Você é a favor?
- Mas só sou.
- Você quer que o velho divida as terras dele?

- Seu pai é latifundiário?
- Tremendo lati.
- Eu não sabia!
- Tem muita coisa a meu respeito que você ainda não sabe, boneca. Vem cá que eu te mostro...
- Espera. Falando sério.
- Dá uma beijoca.
- Falando sério, pomba.
- Está bem. O que você quer saber?
- Seu pai. Quantos hectares ele tem? Ou acres? É acres ou hectares?
- E eu sei? Nunca fui lá.
- Quantos?
- Um monte.
- Mais ou menos?
- Olha, eles pegam no jipe da fazenda e, num dia, não conseguem chegar ao fim das nossas terras.
- Meu Deus do céu!
- É que o jipe quebra sempre. Dá um beijo, poxa.
- Pára.
- Vem cá, mulher!
- Não vou. Olha, nunca pensei, viu?

- O quê? Que o meu velho fosse fazendeiro? Como é que você pensa que tou pagando a faculdade? E o carro? E o apartamento? E as nossas alianças de noivado?
- Ele tem terra improdutiva?
- Tem. Exatamente a parte que ele está guardando pra me dar quando eu casar. A nossa terra amor.
- Mas... E o seu discurso?
- Bom...
- Até eu achava radical. E olha que eu sou meio PT.
- Não vamos brigar por causa disto.
- Tudo o que você vive dizendo. Justiça social...
- Confere.
- A insensibilidade dos ricos no Brasil.
- Mantenho.
- Os escândalos dos sem-terra num país deste tamanho.
- Sustento.
- Vem cá. Outra noite, aqui mesmo, neste bar, você disse que toda a propriedade é um roubo. Eu achei bacanérrimo.
- Foi uma frase que me ocorreu na hora. Mas escuta...
- E agora vem dizer que é contra a reforma agrária.
- E então?
- Você não entende? Agora não é teoria. Agora são as terras do velho!

O objetivo maior dessa atividade foi fomentar algumas discussões com o intuito de levar os educandos à emissão pertinentes, sobre a reforma agrária. Ademais, procurou-se praticar a competência de reconhecer e criar textos em discurso direto e dar expressividade à pontuação.

Sendo assim, o trabalho se desenvolveu da seguinte forma:

- após a entrega do texto, fez-se a leitura;
- considerando que os educandos já tinham um conhecimento sobre o tema, solicitou-se que escrevem, em uma folha de papel, seu conceito de reforma agrária, assim como de latifúndio e latifundiário;
- depois disso, coletivamente, educandos e professor releam o texto, descentralizando o seu sentido em uma instância apenas, o texto, e construindo um conceito coletivo, imbricados nos diversos dizeres dos diferentes sujeitos envolvidos no processo da leitura;
- em seguida, pediu-se que os alunos revisem os conceitos inicialmente registrados por eles e comparassem ao que desenvolveram posteriormente, contrapondo e analisando esses conceitos, bem como os aspectos que levaram ou não a uma mudança de sentido a respeito do assunto discutido – a Reforma Agrária;
- a partir de então, iniciou-se uma discussão sobre determinados aspectos lingüísticos que conferem ao gênero diálogo, especificamente o texto trabalhado, uma estrutura narrativa, em forma de discurso direto, para lhe atribuir agilidade, à expressividade dos sinais de pontuação para a compreensão da mensagem e o efeito de humor;
- logo depois, questionou-se se os educandos já vivenciaram situações em que pessoas afirmaram uma idéia na teoria e, na prática, revelaram outra;
- posteriormente, refletiu-se sobre a questão da Reforma Agrária: contra ou a favor? Na teoria ou na prática?
- após, solicitou-se que os alunos produzissem um texto trabalhado, em dupla, um argumentando contra e outro a favor da reforma agrária, expondo seus argumentos e tentando convencer o outro do seu ponto de vista.

- por último, houve a apresentação e comentários sobre os diálogos produzidos, bem como uma exposição dos trabalhos feitos em sala de aula.

Como resultado da atividade proposta, descrevemos abaixo uma das atividades realizadas pelos alunos, que mostrara grande desempenho, criatividade e competência lingüístico-discursiva.

Alunos A e B

A: - Por que defendes sem-terra?

B: - A luta começa agora.

B: - Por ser uma causa nobre.

A: - Vou ganhar esta questão.

A: - Isso é besteira de pobre!

B: - Você só faz opressão.

B: - Mas é quem cuida da terra.

A: - Quero tudo concentrado.

A: - Só vivem fazendo guerra!

A: - Tu és sem-terra coitado.

B: - Mas é por obrigação.

B: - És latifúndio ladrão.

A: - Gente sem educação.

B: - Somos marginalizados.

A: - Falas de barriga cheia!

A: - Tu és sem-terra coitado.

B: - Coma capim, desgraçado!

B: - És latifúndio ladrão.

A: - Planto capim para o meu gado.

B: - Jogaste o povo pra fora.

B: - Eu planto é feijão para a ceia.

A: - Lugar de pobre é favela.

A: - Invadindo a terra alheia?

B: - Mas terra, eu luto por ela.

B: - Fazendo ocupação.

A: - Pegue as contas, vá embora.

A: - Só que em minhas terras não!

B: - Aqui nasci, fui criado.

B: - São os meus calos nas mãos.

A: - Tu és sem-terra safado.

A: - Mas eu gastei um dinheirão.

B: - És latifúndio ladrão.

B: - Mas eu que fiz o roçado.

A: - Além de pobre, é lascado.

B: - Proclamo Reforma Agrária

B:- És miserável, ladrão.

A: - Oh! Proclamação perdida!

B: - Eu luto igual Margarida.

A: - Tá na direção contrária.

B: - Luta extraordinária.

A: - Pobre é pra servir patrão.

B: - Se enganou cidadão!

A: - Comigo tu tá lascado.

A: - Tu és sem-terra coitado!

B: - És latifúndio ladrão.

A: - Jamais vou dar o que é meu!

B: - Ela é minha por direito.

A: - Me prove aí, seu sujeito.

B: - Vô, mãe e pai aqui nasceu!

A: - Quais os documentos seus?

Após a leitura e discussão do texto, foram feitas atividades que levaram à compreensão dos aspectos que caracterizam o gênero diálogo, assim como os recursos lingüísticos utilizados, a importância do uso dos sinais de pontuação, para conferir expressividade ao texto, a estrutura do discurso narrativo com enunciados curtos, para dar agilidade ao texto e também um efeito de humor ao discurso direto. Atividades como essas também devem ser desempenhadas, embora não devam encerrassem em si, mas concordamos com Marcushi (2002, p. 21) quando afirma que

embora os gêneros textuais não se caracterizem nem se definam por aspectos formais, sejam eles estruturais ou lingüísticos, e sim por aspectos sócio-comunicativos e funcionais, isso não quer dizer que estejamos desprezando a forma. Pois é evidente, como se verá, que em muitos casos são as formas que determinam o gênero e, em outros tantos serão as funções. Contudo, haverá casos em que o próprio suporte ou o ambiente em que os textos aparecem que determinam o gênero presente.

Dessa maneira, embora não nos detenhamos na análise estrutural e formal do gênero, fizemos algumas atividades que permitissem o educando reconhecer as características estruturais do gênero diálogo, bem como os recursos utilizados por ele, no entanto nosso estudo se deteve na função comunicativa do gênero trabalhado, procurando responder questões como: a que esfera da comunicação humana ele pertence? Quem são os interlocutores desse texto e que valores: sociais, políticos, históricos, culturais, ideológicos, marcam suas vozes.

A atividade desenvolvida pelos alunos A e B, revela-nos um elevado grau discursivo. Os discentes, além de desenvolverem um texto coeso, utilizando todos os recursos lingüísticos responsáveis por conferir expressividade ao diálogo, demonstraram competência crítica e argumentam, de forma coerente, seus pontos de vista, além de construir o texto inteiramente em versos rimados. Ademais, a atividade ilustra uma visão sociointeracionista de trabalho com a leitura, bem como sua compreensão por parte dos discentes.

Conforme tratamos no capítulo 1, a língua, ao contrário de ser um sistema fechado de regras pré-estabelecidas ou de significados cristalizados, é o espaço da interação entre os sujeitos. Estes trazem, em seus enunciados, as marcas do lugar social a que pertencem. Os sujeitos falantes, ao materializar seu discurso em forma de texto, imprimem nele a sua historicidade, portanto, os sentidos

expressos nos textos enunciados pelos indivíduos só podem ser apreendidos a partir da referência ao contexto sócio-histórico, ideológico e cultural dos sujeitos.

Considerando que em todas as situações de comunicação nos expressamos através de algum gênero textual, asseveramos a importância de um ensino baseado nos gêneros para assegurar um aprendizado mais significativo e apropriado para desenvolvimento de sujeitos-leitores. Dessa maneira, o estudo sobre os gêneros textuais referenciam-se nas idéias de Bakhtin (2006) para quem a linguagem permeia toda a vida social e exerce um papel fundamental na formação sociopolítica e nos sistemas ideológicos.

Segundo o estudioso Bakhtin (2006, p. 31) a linguagem é de natureza socioideológica e tudo “que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo”. A ideologia é um reflexo das estruturas sociais, e entre linguagem e sociedade existem relações dinâmicas e complexas que se materializam nos discursos, ou melhor, nos gêneros do discurso.

Bakhtin (2006) critica tanto a noção de língua sustentada no objetivismo abstrato de Saussure, quanto no subjetivismo idealista de Humbolt. No que se refere ao objetivismo, sua crítica recai sobre a idéia de separar a língua do seu conteúdo ideológico. Segundo o autor (2006, p. 99) “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”. No tocante ao subjetivismo, sua crítica recai sobre a sua concepção de língua enquanto ato monológico.

Conforme as idéias do pensador russo Bakhtin (2006, p. 128) “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema lingüístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes”. Dessa maneira, podemos inferir que a língua constitui um processo e, como tal, apresenta uma evolução ininterrupta. Ademais, sua evolução é regida por leis de caráter socioideológico.

A linguagem, nesse âmbito, configura-se por ser uma atividade interativa e não forma ou sistema. Sendo assim, um dos seus aspectos mais relevantes está no seu caráter dialógico, ou seja, todo enunciado é sempre um enunciado de um locutor para seu interlocutor em determinadas condições de produção. Aí reside a concepção de gênero discursivo estabelecida por Bakhtin.

Todas as atividades humanas, segundo Bakhtin (2006), estão relacionadas à utilização da língua e, portanto, não é de se admirar que tenhamos tanta diversidade nesse uso e uma conseqüente variedade de gêneros que se figuram incalculáveis. A esse respeito, o autor observa que essa atividade se concretiza “em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”. (2006, p. 261)

De acordo com Marcuschi (2002) os gêneros discursivos não são criados, a cada vez, pelos falantes, mas são transmitidos social e historicamente. Nesse âmbito, os gêneros do discurso são criados, preservados, transformados, renovados a partir das necessidades apresentadas pelo contexto sócio-histórico, e os falantes têm papel fundamental nessa dinâmica.

Também, nesse sentido, postula Bakhtin (2006, p. 279) “que cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso”. Portanto, língua e vida humana dialogam e, nesse sentido, um gênero não se restringe a um ato individual, mas, sobretudo configura-se em uma forma de inserção social.

Os gêneros do discurso, nos estudos bakhtinianos, consolidam-se como frutos da comunicação humana de acordo com seu caráter dialógico, interacional. Os textos, assim, não são formas vazias, abstratas, mas formas históricas, carregadas de sentido, de ideologias. A teoria dos gêneros pressupõe que os sujeitos, quando se comunicam, não trocam apenas palavras e orações, mas enunciados que englobam as condições de produção do que é dito, levando em conta todas as variantes dessa produção.

A importância da nossa discussão em relação ao trabalho com gêneros do discurso, especificamente no curso de formação do Magistério, corresponde ao fato de que esse estudo pode subsidiar o desenvolvimento da competência discursiva dos educandos, a partir da aproximação com os diversos textos em circulação na sociedade, cada qual com especificidades, estruturas e intenções comunicativas inerentes. O reconhecimento das funcionalidades que diferenciam um gênero de texto de outro, torna-se elemento fundamental para o desempenho crítico, reflexivo e discursivo responsável pela formação de leitores competentes.

Nesse âmbito, as atividades de leitura, em língua portuguesa, devem favorecer o acesso, dos alunos, aos mais variados gêneros pertencentes ao seu meio social, para que eles atribuam sentido ao que lêem e percebam que a leitura fornecer elementos para a resolução de problemas, assim como para o deleite e para despertar uma consciência mais crítica. De modo tal, o trabalho com os gêneros deve servir para ampliar as práticas sociais de leitura e de escrita.

3.2 Caracterização do processo de formação e da concepção de leitura: o olhar dos educadores do campo

3.2.1 Primeira parte: aspectos da formação

Nossa análise consta de dois momentos. O primeiro pretende dar uma visão panorâmica da formação, em nível médio, do Magistério – PRONERA, conforme as avaliações dos educadores. A partir daí, averiguamos se os resultados dessas avaliações estão de acordo com os princípios pedagógicos de uma escola do campo. O segundo busca avaliar as concepções de leitura dos educadores do campo, objetivo de nossa pesquisa, assim sendo, analisamos, nas suas falas, os aspectos constitutivos da concepção ato de ler.

Os educadores são unânimes em assegurar o caráter de mudança trazido pelo curso de formação, seja no plano individual e/ou coletivo. Questionados sobre os aspectos positivos e negativos do curso, os educadores apontam como positivos os avanços que obtiveram como pessoas e como profissionais, a valorização do seu espaço e da sua identidade, ou seja, os pontos positivos estão relacionados à formação pedagógica e humana.

Referente aos pontos negativos, os educadores responsabilizaram a burocracia pelo impasse nas liberações dos recursos para as formações, atrasando os períodos de aula e impedindo o acompanhamento dos professores nos assentamentos ou nos acampamentos.

Nesse âmbito, verificamos as falas dos educadores acerca dos pontos que julgaram positivos e negativos no processo de formação:

- “Uma ótima formação com base na realidade do aluno, formando educadores do campo. Os aspectos positivos são os avanços que cada um de nós obteve e um negativo é o tempo que passamos parados e a desistências dos alunos”. (educadora B)
- “O magistério fez eu enxergar a minha realidade, aspectos positivo: a metodologia dos professores e negativo: a burocracia”. (educador G)
- “Penso que o curso de magistério é importante para atender uma grande demanda de alunos que precisam de um tratamento diferenciado em seu processo básico de educação. Os aspectos positivos são: metodologia voltada para a realidade, com significado, desperta a visão crítica entre outros. Os aspectos negativos são: os preconceitos enfrentados na UFPB por quem não conhece o Programa, a dificuldade em manter-se unido em grupo etc”. (educador I)
- “É um curso que abriu as portas para pessoas de áreas de assentamentos, com o objetivo de formar educadores do campo para o campo com o pensamento crítico voltado para a sua realidade. Aspectos positivos: professores capacitados, conteúdos adequados, coordenação pedagógica competente etc. Aspectos negativos: a burocracia do sistema que atrasou o processo, falta de acompanhamento dos coordenadores de área, estrutura de alojamentos, alimentação”. (educadora T)
- “Ótimo. Indubitavelmente contribuiu para minha formação pedagógica. Os professores todos envolvidos com o curso, principalmente aptos ou buscando conhecer a base da nossa realidade. A ligação da atividade de um professor para o outro, enquanto no ensino tradicional praticamente não veremos essa sistematização/organização e a preocupação se os alunos estão aprendendo ou não.

Negativo: o modo como os alunos acabaram ficando “soltos” em suas comunidades, o estágio que só foram duas aulas”. (educador E)

Uma das questões mais pertinentes lançadas aos educandos procurou saber se o curso atendeu às especificidades dos sujeitos do campo. O objetivo foi constatar se existiu coerência entre discurso e prática, ou seja, entre aquilo que o curso pronunciava como sendo uma educação voltada aos interesses do campo e do seu povo e o desenvolvimento dos seus conteúdos, assim com da sua metodologia. Consoante os educadores, houve coerência entre os dois aspectos apontados acima, o que podemos comprovar em suas respostas:

- “Sim, porque é um curso que trabalha a realidade do campo e as pesquisas com os próprios camponeses fez este um curso muito rico”. (educadora R)
- “Com certeza. Uma das necessidades do campo é olhar em volta e trabalhar a realidade. E o curso com seus trabalhos e pesquisas atendeu muito as necessidades desses sujeitos”. (educadora B)
- “Sim. O curso visa mudança, valorização do campo e isso é super importante para ser e formar sujeitos do campo”. (educador D)
- “Sim. Além de se preocupar com a nossa formação, o curso nos instruiu a pensar na luta por reforma agrária, como por educação, saúde, por uma vida digna etc., me tornou um ser capaz de refletir sobre qualquer decisão a ser tomada e me deu a capacidade de buscar isso das pessoas”. (educador E)
- “Sim, uma vez que a formação deste foi toda contextualizada com o seguimento “educação do campo””. (educadora J)

Outra questão importante refere-se às conseqüências do curso na vida pessoal e profissional dos educadores, bem como sua participação mais efetiva nos assuntos da comunidade. Desse modo,

procuramos constatar a eficiência pedagógica do curso, bem como sua orientação para o exercício da cidadania, conforme os educadores abaixo:

- “A minha evolução crítica e pessoal, o meu amadurecimento diante da vida deve-se ao curso, profissionalmente, me possibilitará condições de estar em uma sala de aula e aprimorar meus conhecimentos”. (educadora C)
- “Ele me desperta o desejo de continuar estudando, pesquisando e, ao mesmo tempo, um desejo de justiça na luta pela Reforma Agrária e trabalho”. (educadora F)
- “Representa uma grande mudança de personalidade, amadurecimento em relação a um maior interesse pela comunidade e pelo contexto em que estou inserida. E, profissionalmente, me deu a oportunidade de adentrar no meio educacional agindo na mudança da realidade local”. (educadora T)
- “O curso representa libertação, me sinto inserido na sociedade, sabendo me expressar, lutar e buscar direitos, e me dá subsídios para ser um bom educador do campo”. (educador H)

Além dos reflexos na vida pessoal e profissional, procuramos saber sobre os reflexos que o curso teve na comunidade. Segundo os educadores:

- “A contribuição para o seu desenvolvimento, a partir dos trabalhos desenvolvidos”. (educadora B)
- “Maior conscientização na proteção para com a natureza, no problema do lixo, na participação de todos os membros da comunidade (homens, mulheres, jovens, crianças) nas assembléias, nos mutirões, nas mobilizações etc”. (educadora C)

- “O curso tem oferecido aprendizagens bastante significativas e estas são repassadas de alguma forma na comunidade, seja no grupo de jovens, na roda de amigos, palestras nas escolas”. (educador D)
- “Hoje, em minha comunidade, têm vários trabalhadores(as) e jovens que estão alfabetizados, de início o projeto Escolarização, mas se não fosse o magistério, obviamente, eu não teria conseguido ajudar a realizar sonhos como: aprender ler e escrever, desenvolver o senso crítico das pessoas e muito mais, contribuir para uma boa qualidade de vida na comunidade através dos trabalhos designados pelos professores e efetuados no acampamento em que resido, levou a comunidade a pensar em práticas como as queimadas, desmatamentos, poluição. Hoje temos cerca de mil e duzentas árvores plantadas na propriedade”. (educador E)
- “A questão do lixo que foi um assunto discutido com a professora Flávia e os alunos. E depois com o professor Ismael. Levamos essa discussão para a comunidade, para as assembleias e o lixo teve um outro tratamento, como outras questões ambientais como o desmatamento, queimadas, o uso de agrotóxicos, que foi com o professor Toninho, tem repercutido na comunidade”. (educador H)

É possível averiguar que a participação dos jovens dos assentamentos ou dos acampamentos, no curso de formação refletiu no dia-a-dia da comunidade. Os alunos do magistério, conforme desempenhavam suas atividades do tempo-comunidade, também inseriam a comunidade em suas discussões e na realização das tarefas, despertando questionamentos acerca de problemas como: a prática de queimadas, o destino do lixo doméstico, a importância da preservação dos rios, entre

outras questões. Logo, alunos e comunidade se desenvolviam e encontravam sentido na educação, o que para nós significa realizar práticas de letramento.

O curso de Magistério procurou desempenhar suas atividades de acordo com uma concepção de campo como lugar social, de sujeitos históricos que possuem uma dinâmica própria. Desse modo, o fazer docente do educador do campo deve ser coerente com essa concepção. Assim, os educadores foram questionados sobre o que, para eles, significa ser um educador do campo, bem como se o curso de formação contribuiu para esse significado. Conforme as respostas, vejamos abaixo:

- “Para mim, ser um educador do campo é trabalhar a realidade do campo de forma que venha beneficiá-lo. Contribuiu. Porque foi através da formação do curso que passei a dar valor para a minha comunidade”. (educadora B)
- “Educador do campo é aquele que trabalha dentro de uma perspectiva de mudança, visando melhorar cada vez mais a sua comunidade, fazendo com que os camponeses sintam prazer em viver no campo. Com certeza, o curso contribuiu para iniciar minha vida de educador do campo, pois passei a valorizar mais o campo e a enxergar as desigualdades e transformá-las em desafios”. (educador D)
- “É viver a realidade e participar não apenas por participar, mas para poder entender essa realidade e contribuir para o crescimento da comunidade, tendo em vista que educar não é apenas ensinar a ler e a escrever e sim tornar-se construtor da história, da sociedade, do mundo. Pois a ótica que tenho como educador é graças ao magistério e sei, com certeza, que jamais qualquer outro curso irá me oferecer a base que o curso de magistério me deu, realmente voltado para a vida no e do campo”. (educador E)
- “Para ser um educador do campo é preciso conhecer a luta e os desafios dos movimentos e ter sua própria formação vivenciada na comunidade, a partir daí, passar por um desejo de transformar tudo aquilo que é possível dentro da realidade

camponesa. O curso, para mim, contribuiu na aprendizagem, na realidade de mundo e na minha verdadeira realidade”. (educadora F)

- “Educador do campo é aquele que trabalha a realidade do campo, que parte da necessidade do aluno e, acima de tudo, observa e conhece os problemas do educando. O curso magistério contribuiu demais na minha formação como educador do campo, me dando condições de diagnosticar o problema para, junto à comunidade, solucionar. Através das aulas ministradas por todos ótimos professores que passaram pelo magistério”. (educador H)

De acordo com as respostas acima, perguntamos aos educadores se é importante a existência de uma escola do campo e quais os aspectos que a caracterizam. Para os educadores, é importante a presença de uma escola do campo que compreenda a realidade deste espaço e favoreça o crescimento da comunidade. Constatemos suas respostas:

- “Com toda certeza, a educação do campo precisa trabalhar nas crianças a essência deles que é o lugar onde eles vivem e a profissão de seus pais etc”. (educadora C)
- “Sim, que seja uma escola onde venha desenvolver e contribuir para a vida no campo, que possa dar o devido valor que o campo tem e que trabalhe as especificidades do campo. Uma escola onde todos sejam tratados igualmente, onde educador e educando possam discutir os problemas e tomar decisões, que a comunidade também faça-se corpo da escola e que todos possam usufruir da mesma”. (educador E)
- “Sim, porque a educação precisa estar na realidade, nos costumes, nas atividades diárias do campo”. (educadora F)
- “É importante pelo fato de que as existentes não atendem as necessidades por falta de estrutura adequada. As características de uma escola do campo deveriam ser

totalmente desenvolvidas a partir das opiniões dos pais de alunos e sociedade civil organizada”. (educador I)

- “Sim. Porque seria uma escola diferenciada onde a comunidade terá a oportunidade de participar, de criticar e construir sua história”. (educadora L)

De acordo com as falas dos educadores, acreditamos que o curso de formação do Magistério se desenvolveu em uma perspectiva de diálogo com a realidade do campo e de seus sujeitos; favoreceu uma formação significativa, voltada para o exercício da cidadania e da construção do senso crítico dos educadores. De forma que atendeu os princípios para os quais foi elaborado, entretanto, não podemos deixar de comentar as dificuldades enfrentadas no percurso da formação e que foram responsáveis por tantas desistências, pelo desestímulo e atraso na conclusão do curso, além de prejudicar o trabalho pedagógico que, certamente, foi o mais grave.

3.2.2 Segunda parte: aspectos da concepção de leitura do educador do campo

Depois da reflexão sobre os aspectos mais gerais do processo de formação, nos detemos à análise do nosso objeto de pesquisa: a concepção de leitura dos educadores do campo, além das categorias a ela relacionadas, como por exemplo, as concepções de texto, gênero textual e gramática, enquanto norma, a partir das quais podemos confirmar ou não a concepção de leitura do educador do campo.

A concepção de leitura que adotamos é aquela relacionada a uma concepção sociointeracionista da linguagem, de modo a constituir um processo que envolve não apenas a capacidade de decodificação de signos, mas também um processo que articule os conhecimentos prévios do sujeito-leitor, suas vivências com o meio social.

No decorrer da nossa análise, verificamos que os educadores, às vezes, se contradizem em relação à concepção de leitura que têm. Em determinados momentos, enunciam uma concepção de leitura como processo interacional, no entanto, questionados sobre as categorias relacionadas ao ato

de ler, demonstram outra concepção vinculada a aspectos estruturais do processo da leitura. Daí, a importância da análise de tais categorias.

Conforme a educadora F, ler significa “transformar, modificar, é conhecimento”. Esta educadora demonstra uma compreensão ampla do ato de ler, pois enuncia a idéia do poder de transformação e modificação através da leitura, além de afirmar que ler traz conhecimento.

Sob o prisma da transformação comentada pela educadora F, concordamos que o ato de ler é muito mais do que juntar letras e ensinar a ler, pois vai além de ensinar o alfabeto e a silabação. Ler é perceber que todo texto envolve um contexto do qual dependerá seus sentidos, é perceber que em todo texto há alguém, há um tempo, um espaço, há visões de mundo que se entrelaçam e “se” significam.

A mesma educadora revelou, no questionário, que tem o hábito da leitura, entretanto, em outro momento, questionada sobre que atividades devem predominar nas aulas de língua portuguesa, respondeu:

- “Gramática é tudo que falta para aprimorar meus conhecimentos”.

Acreditamos que essa resposta vai de encontro às outras, pois, mesmo conferindo à leitura poder transformador e afirmando o seu hábito de ler, a educadora acredita que lhe faltam conhecimentos gramaticais para se aprimorar. Esse é um pensamento antagônico que recai em uma concepção tradicional da linguagem para qual saber língua é saber gramática. Nesse âmbito, concordamos com Possenti (2001, p. 30) para quem

Saber falar significa saber uma língua. Saber uma língua significa saber uma gramática. Saber uma gramática não significa saber todas as regras que se aprendem na escola, ou saber fazer algumas análises morfológicas ou sintáticas. Mais profundo do que esse conhecimento é o conhecimento necessário para falar efetivamente a língua.

O conceito de gramática ao qual se refere o autor não é aquele tradicional que envolve o estudo de regras que se estendem nas atividades puramente descritivas. O conhecimento de

gramática que se veicula, aqui, relaciona-se ao saber internalizado que os falantes nativos de um idioma possuem. Representa o

conjunto de regras que o falante domina – refere-se a hipótese sobre os conhecimentos que habilitam o falante a produzir frases ou seqüências de palavras de maneira tal que essas frases ou seqüências são compreensíveis e reconhecidas como pertencendo a uma língua. (POSSENTI, 2001, P. 69)

Ademais, concordamos com Bagno (1999, p.67) ao dizer que “não é o ensino/estudo da gramática que vai garantir a formação de bons usuários da língua”.

Para Antunes (2003, p. 85 e 86)

quando alguém é capaz de falar uma língua é então capaz de usar, apropriadamente, as regras (fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas) dessa língua [...] na produção de textos interpretáveis e relevantes. Aprender uma língua é, portanto, adquirir, entre outras coisas, o conhecimento das regras de formação dos enunciados dessa língua. Quer dizer, não existe falante sem conhecimento de gramática.

Em outro momento, a educadora acima assegura que a leitura “é importante para o conhecimento e para perceber o que podemos transformar”.

Mais uma vez, a educadora fala da importância da leitura como meio de transformação, portanto, o ato de ler representa uma espécie de compromisso entre o leitor e as possíveis mudanças na esfera individual ou coletiva. Nesse contexto, recordamos Freire (1999, p. 20) quando diz que

podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura de mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.

Adiante, a educadora F fala sobre como podemos desenvolver o gosto pela leitura:

- “Trabalhando temas da realidade dos alunos, partindo da vivência e do conhecimento de cada um”.

A educadora reconhece a necessidade do ensino e aprendizagem partirem do cotidiano do aluno, para que esse possa encontrar sentido naquilo que aprende. Essa resposta ratifica aquele primeiro princípio pedagógico descrito por nós no capítulo sobre a formação de educadores, o princípio de que o saber provém da prática e a ela deve retornar, ou seja, a prática social dos educandos (sujeitos sociais e históricos) deverá se constituir em ponto de partida e ponto de chegada do processo da formação.

De acordo com a educadora F, devem ser avaliados nas aulas de leitura:

- “Participação dos alunos, desenvolvimento de texto, leitura e escrita nas aulas”.

Contrapondo-se a essa idéia, a mesma educadora considera como erro nas aulas de leitura

- “ler com dificuldade de pronunciar as palavras e não respeitar os sinais de pontuação”.

As respostas da educadora demonstram certa ambigüidade, visto que, ao mesmo tempo ela considera a participação dos alunos, na aula de leitura, como aspecto avaliativo, mas demonstra uma noção de erro ligada às questões estruturais que o exercício da leitura e a orientação do professor podem resolver.

Em relação à noção de texto, a educadora F diz que “texto é o que informa o leitor todos os acontecimentos em várias formas”. Esta definição inclui uma noção de gênero. Além disso, a educadora comenta que “é importante que o aluno conheça as diversas formas textuais” e dá exemplos de gêneros de texto, como: “crônicas, poemas, charges etc”.

Podemos apontar que a educadora acima, apesar das limitações, demonstra uma compreensão mais interativa do ato de ler, lhe conferindo valor de mudança e definido texto como as diversas maneiras de transmitir informação. As contradições percebidas nas respostas da educadora, acreditamos que são reflexos de décadas de ensino e de aprendizagem de língua como descrição e análise de regras. Nesse sentido, para saber uma língua é necessário saber as normas gramaticais.

Bago (1999, p. 124), contestando a idéia de que devemos saber gramática para saber a língua, assevera que

todo falante nativo de uma língua é em falante plenamente competente dessa língua, capaz de discernir intuitivamente a gramaticalidade ou a agramaticalidade de um enunciado, isto é, se um enunciado obedece ou não às regras de funcionamento da língua.

Outro educador H, questionado sobre sua concepção do ato de ler respondeu:

- “Leitura não é apenas decodificar, ler palavras ou um texto. Ler é interagir e fazer da leitura a solução de problemas. É fazer a leitura de um poema, redação ou um texto escrito e também fazer a leitura de uma imagem, de um lugar especial, algo que faça sentido etc”.

Além de explicitar a sua concepção de leitura, como forma de interação, meio para a solução de problemas, o educador acima demonstra que tem conhecimento sobre outra, a leitura como processo de decodificação. Ademais, afirma que a leitura não está arraigada a uma única instância ou espaço, mas que pode estar presente em um poema, em uma imagem, em um lugar, ou seja, em tudo que faça sentido para o leitor.

De acordo com o que o educador pronunciou, Brasili (2001, 55) explica que

É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal dela é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação.

Conforme o educador H, ler é interagir. A essa assertiva, relacionamos a concepção de linguagem como lugar da interação, do diálogo entre os interlocutores de um texto, como espaço de constituição de sujeitos. De acordo com Antunes (2003, p. 67) a leitura é uma

atividade de interação entre sujeitos e supõe muito mais que a simples decodificação dos sinais gráficos. O leitor, como um dos sujeitos da interação, atua participativamente, buscando recuperar, buscando interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidas pelo autor.

Na visão do educador H, a leitura também serve para resolver problemas, ou seja, o exercício da leitura estimula o desempenho da competência crítico-discursiva, ampliando o conhecimento de mundo do sujeito leitor, dando-lhe condições para buscar melhores condições de vida.

Ao dizer que ler é “algo que faça sentido”, o educador restaura a idéia de que o leitor precisa atribuir significado ao que ler, caso contrário, a leitura não se realiza. Para tanto, é necessário que o leitor atue ativamente no processo da leitura, dando e tirando do texto seus sentidos possíveis, presentes em seus interlocutores, configurando, assim, uma relação interativa e dialógica. Segundo Koch (2006) é na interação texto-sujeitos que o sentido do texto é construído e não algo que preexista a essa interação.

No decorrer das suas respostas, o educador H demonstra um conhecimento que só afirma sua concepção de leitura. Assegura que a leitura deve ser trabalhada “a partir da necessidade e da facilidade do educando, por exemplo, se o aluno gosta de ler histórias infantis, é começar com o gosto do aluno, mas incentivá-lo a outras leituras”, o que corrobora a idéia de que o ensino e aprendizagem devem partir do conhecimento prévio do aluno, das suas experiências de e no mundo, deve ter sentido em sua vida, a partir daí, deve propor diálogos entre o seu saber e os demais saberes existentes na sociedade.

No que diz respeito à avaliação das atividades de leitura, o mesmo educador comenta que se deve avaliar “a compreensão, o entendimento, a socialização, o interagir e em que contexto a leitura gera conhecimento”.

Sendo assim, ele avalia os aspectos de construção de sentidos, no processo da leitura, por parte dos educandos. Valorizando elementos como a compreensão, a socialização, a interação, confirma a importância do trabalho com a leitura a partir de diálogos significativos para a vida do sujeito leitor.

A concepção de texto do educador acima é outro aspecto importante, para ratificar sua concepção de leitura, para ele “texto é tudo aquilo que se pode ler [...] um poema, uma música, um livro, uma fotografia, imagem ou paisagem etc”.

Dessa maneira, a leitura apresenta-se como processo mais amplo, não se prende apenas ao texto escrito, mas estende-se a leitura de uma música, de um gesto. Nesse aspecto, o educador também se estende à noção de diversidade de texto. Sabemos que a diversidade textual é imprescindível para o desenvolvimento lingüístico-discursivo dos sujeitos leitores, visto que nos deparamos, fora e dentro da escola, com um grande número de textos, cada um com formas e funções distintas.

Apóia essa idéia Brasil (2001, p. 555) afirmando a necessidade de se oferecer, aos alunos, os textos do mundo, pois essa é

a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática da leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes.

Contudo, ao definir a sua noção de erro no trabalho com a leitura, o educador H diz:

- “Erro no trabalho com a leitura é quando se ler sem respeitar vírgula, pontos, desordenadamente”.

Expondo, dessa maneira, uma concepção arraigada à noção de erro para o estudo tradicional da linguagem. A esse respeito, somos favoráveis ao pensamento de Bagno (1999, p. 124) ao dizer que

ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou ao respirar. Só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento, prática e memorização.

Embora o educador H tenha a idéia de erro descrita acima, em nosso entendimento, sua concepção de leitura está de acordo com uma visão interacionista da linguagem, que concebe o ato de ler, não apenas como a capacidade de decodificar signos, mas também como um processo que articula os conhecimentos prévios do sujeito-leitor e suas vivências com o meio social.

Por outro lado, acreditamos que a noção de erro defendida pelo educador é resultado de experiências com modelos tradicionais de ensino. Ademais, o tempo de formação do Magistério não

foi suficiente para sanar todas as dificuldades dos educadores em relação a anos de estudo em um sistema educacional, geralmente, pautado em uma concepção estruturalista de ensino de língua portuguesa. Contudo, percebemos avanços significativos na maneira como a maioria dos educadores passaram a conceber o trabalho com a língua, especialmente, com a leitura.

Conforme a educadora B, “ler é conhecer o mundo”. Aparentemente, essa resposta nos dá uma noção abrangente do ato de ler. Além disso, a educadora comenta uma situação em que a interação com a leitura lhe trouxe benefícios. Questionado sobre que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura, esse respondeu:

- “O livro foi a bíblia, não estava passando bons momentos, por isso, comecei a ler e a refletir”.

Esse comentário nos revela a influência da leitura como fator positivo e motivador em um momento difícil da vida da educadora, a partir da interação com o texto que leu e do sentido que lhe atribuiu.

Apesar de a referida educadora atribuir sentido à leitura que fez, ao ser indagada sobre a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa, não conseguiu estabelecer esse mesmo vínculo de significação e revelou uma certa confusão em relação a sua concepção de leitura:

- “Ler já é de fundamental importância, principalmente na aula de língua portuguesa. Faz com que o aluno aprenda a ler corretamente, respeite a pontuação, enfim, a leitura deve estar presente na vida do ser humano”.

Percebemos, aqui, que a educadora confundiu o aspecto mais estrutural referente ao uso dos sinais de pontuação, e a importância da leitura estar presente na vida do ser humano. Contudo, não é transparente seu ponto de vista.

No que se refere aos procedimentos adotados, para se trabalhar a leitura em sala de aula, o educador afirma que se deve “trabalhar texto de forma coletiva, com debate e participação”.

Tal resposta assegura uma visão interacionista do ato de ler. Ademais, questionada acerca dos aspectos constitutivos da avaliação do trabalho com a leitura, a educadora afirma que “deve ser avaliado o empenho, participação, o desenvolvimento e a compreensão dos alunos. Porque cada um desses fatos é de fundamental importância”.

No entanto, contrapondo-se ao que foi dito, essa educadora ressalta que “engolir palavras e atropelar a pontuação” devem ser considerados erros no trabalho com a leitura. A educadora acaba revelando uma preocupação ligada a uma visão mais tradicional de trabalho com a leitura, entretanto dá uma relevante definição de gênero ao dizer que “são diversos tipos de textos de características diferentes” e assegurar que sua importância está em “aprender que o texto não é apresentado só de uma maneira”. Dessa forma, apresenta aspectos mais relacionados a uma visão tradicional e outros mais interativos do trabalho com a leitura.

Segundo a educadora C, ler “é direcionar sua própria vida, viajar por lugares através da imaginação, culturas e povos diferentes”.

O primeiro aspecto que a educadora acima relaciona ao ato de ler é a sua capacidade de direcionar. A nosso ver, essa questão está de acordo com a competência crítica desenvolvida pelo indivíduo que ler efetivamente, compreendendo o que ler, fazendo inferências, dialogando com a leitura e encontrando sentidos naquilo que ler.

No decorrer de nossa análise, nos deparamos com questões que confirmam uma concepção interativa do trabalho com a leitura e questões que se contradizem em relação a tal concepção. Acreditamos que esse fato deve-se aos anos de estudo de língua portuguesa voltados para uma compreensão tradicional, estruturalista; uma visão de trabalho que valorizava o saber gramatical, o falar e escrever corretamente de acordo com modelos estabelecidos previamente. As marcas dessa concepção de ensino se perpetuam atualmente. E ainda são muitas as mudanças a serem alcançadas.

Contudo, ressaltamos que nossa análise não está concluída, nem no que se refere ao número de questionários sorteados para a análise, nem no que se referem às questões analisadas. Sabemos

que ainda há muito que fazer, no entanto já é possível uma breve conclusão, que apresentamos nas nossas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com a língua portuguesa adotou uma concepção de linguagem como espaço de constituição de sujeitos ativos, capazes e responsáveis pela construção da sua história, ou seja, uma concepção sociointeracionista. Daí, as atividades propostas e realizadas, no decorrer do curso, procuraram provocar os discentes na tentativa de fomentar discussões a respeito das questões sociais, políticas, históricas, culturais e ideológicas que permeiam seu cotidiano.

O fazer docente do professor de língua portuguesa, conforme nos referimos no início desse trabalho, está diretamente relacionado à sua concepção de linguagem. O trabalho efetivo com a língua se dará a partir de atividades que a concebem como lugar da interação. Nesse enfoque, pretende-se formar cidadãos aptos ao exercício da cidadania por meio da prática da reflexão, da atuação e da luta por melhores condições de vida.

Assim sendo, nosso trabalho voltou-se para a análise da concepção de leitura do educador do campo como elemento fundamental para uma prática significativa do ato de ler, a partir do qual, os alunos se inserem no processo de construção desse significado, relacionando-o às suas vivências, apreendendo os possíveis sentidos do texto, dialogando com o seu autor e seus possíveis leitores, suas condições de produção e enunciando seus significados como produto de sua participação ativa enquanto leitor competente.

Sabemos que o curso de formação não foi suficiente para solucionar todas as dificuldades encontradas por parte dos educandos, pois fatores como o tempo de duração do curso e anos de estudo em um sistema tradicional criam obstáculos que dificultam o trabalho. Apesar disso, constatamos, através das análises, que os educadores, em sua maioria, concebem a leitura como lugar da interação, embora, em determinados momentos, demonstrem uma noção mais estrutural do ensino e aprendizagem da leitura. Contudo, os avanços observados são significativos e revelam a eficiência de um trabalho realizado na perspectiva sociointeracionista.

Nesse contexto, é imprescindível que os cursos de formação se desenvolvam de acordo com uma concepção interativa do ato de ler, para formar professores com a mesma concepção. Também,

é necessário que se tenha um tempo significativo de formação que assegure um trabalho mais específico e mais eficaz com a língua portuguesa.

A educação voltada para indivíduos do campo deve relacionar-se ao seu cotidiano, aos aspectos constitutivos da sua cultura, dos seus valores, das suas ideologias, da sua história e da sua forma de se organizar no tempo e no espaço. Assim, o processo educacional se efetiva e promove mudanças necessárias à ordem social, política e econômica em detrimento da democratização do espaço e dos sujeitos do campo.

Por conseguinte, um projeto eficiente de educação para o campo não pode esperar, antes, deve constar nos planos governamentais como uma política necessária ao crescimento sócio-territorial sustentável. As políticas de promoção de educação voltadas para o campo, não devem apenas estar a cargo das lutas dos movimentos sociais, mas devem encontrar apoio em toda a sociedade, principalmente, nas gestões administrativas. Ademais, devem assumir outro caráter além da forma de projetos, de maneira que se estenda a todas as escolas do campo.

Assim, é fundamental que os órgãos responsáveis pelas políticas educacionais voltem seus interesses à formação de educadores competentes e comprometidos com projetos de mudança, atendendo às especificidades do campo, suas necessidades e objetivos. A educação do campo, então, servirá para formar pessoas mais responsáveis pela construção de sua história de acordo com princípios éticos de respeito à comunidade e ao meio ambiente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ARROYO, Miguel Gonzales. BERNARDO, Maçano Fernandes. **A educação básica e o movimento social do campo.** Brasília: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 1999. Coleção Por uma Educação Básica do Campo, nº 2.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz.** 7 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. 12 ed. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: Hucitec, 2006.
- BATISTA, Antônio Augusto G. **Sobre a leitura: notas para a construção de uma concepção de leitura de interesse pedagógico.** Em Aberto, Brasília, DF, ano 10, n.52, p. 21-38, out./dez. 1991.
- BENJAMIN, César. CALDART, Roseli Salette. (orgs). **Projeto popular e escolas do campo.** Brasília: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 2000. Coleção Por uma Educação Básica do Campo, nº 3.
- BRAIT, Beth (org). 4ª Ed. **Bakhtin: conceitos-chaves.** São Paulo: Contexto, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa.** 3. ed. Brasília: 2001.
- BASTOS, Neusa Barbosa (org). **Língua Portuguesa: História, Perspectivas, Ensino.** São Paulo: Educ, 1998.
- CARDOSO, Sílvia H. Barbi. **Discurso e Ensino.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard (orgs). **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- FREIRE, Paulo. 32 ed. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores associados/ Cortez, 1987.
- FREIRE, Paulo. 3 ed. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Moraes, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, João Wanderley (org.) **O texto na sala de aula.** 3 ed. São Paulo: Àtica, 1997.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem.** 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e Ensino:** exercício de militância e divulgação. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

KLEIMAN, Ângela (org.). **Os significados do letramento:** uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, Ângela B. e MANTENCIO, Maria de Lourdes M. (orgs). **Letramento e formação do professor:** práticas sociais, representações e construção do saber. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

KLEIMAN, Ângela B., SIGNORINI, Inês... [et.al.] **O ensino e a formação do professor:** alfabetização de jovens e adultos. 2 ed. rev. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

KLEIMAN, Ângela B. **Oficina de leitura:** teoria e prática. 10 ed. Campinas: Pontes, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça. 9ª Ed. **A inter-ação pela linguagem.** São Paulo: Contexto, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto.** 5 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

KOLLING, Edgar Jorge. CALDART, Roseli Salete. CERIOLI, Paulo Ricardo (orgs). 2 ed. **Educação do campo: identidade e políticas públicas.** Brasília: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 2002. Coleção Por uma Educação Básica do Campo, nº 4.

KOLLING, Edgar Jorge. NERY, Israel José. MOLINA, Mônica Castagna. 3 ed. **Educação do campo.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999. Coleção Por uma Educação Básica do Campo, nº 1.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação. 3 ed. Brasília, 2006.

MACIEL, Lizete Shizue Bomura. NETO, Alexandre Shigunov (orgs). **Formação de Professores:** passado, presente e futuro. São Paulo: Cortez, 2004.

MAGALHÃES, Maria C. Camargo (org.). **A formação do professor como um profissional crítico:** linguagem e reflexão. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. “Gêneros textuais: definição e funcionalidade”. In: **Gêneros Textuais e Ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. P. 19-36.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. Coleção primeiros passos.

- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.
- MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina (orgs). 2 ed. **Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2005.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **O que é lingüística**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- POEL, Cornelis J. Van der. POEL, M. Salet Van der. **Letramento de pessoas jovens e adultas na perspectiva sócio-histórica**. João Pessoa, 1997.
- POSSENTI, Sírio. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- ROJO, Roxane (org.) **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCN's**. São Paulo: Mercado de Letras, 2000.
- SAUSSURE, Ferdinand. Curso de lingüística geral. 8 ed. São Paulo: Cultrix, 1977
- SOARES, Magda. 16ª Ed. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**.
- SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: um tema em três gêneros**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1991.
- TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

ANEXOS

ANEXO A

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA
CURSO DE FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO (NÍVEL MÉDIO)

CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS/EDUCADORES

NOME:

IDADE:

SEXO:

GRAU DE ESCOLARIDADE:

ASSENTAMENTO/ACAMPAMENTO:

MUNICÍPIO:

CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

1. O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

2. O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.
3. No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?
4. Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.
5. Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?
6. Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

1. Para você, o que é ler?
2. Você tem o hábito da leitura?
3. Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.
4. Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?
5. Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?
6. Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?
7. Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

8. A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?
9. Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.
10. O que você considera **erro** no trabalho com a leitura? E com a escrita?
11. Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?
12. O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.
13. Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?
14. De e acordo com a sua concepção, defina **texto**.
15. Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?
16. Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.
17. Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.
18. Na sua opinião, o que se deve saber para **saber português**? Justifique.

ANEXO B

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA
CURSO DE FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO (NÍVEL MÉDIO)

EDUCADORA B

CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

1. O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

Uma ótima formação com base na realidade do aluno, formando educadores do campo.

Os aspectos positivos são os avanços que cada um de nós obtivemos e um negativo é o tempo que passamos parados e a desistências dos alunos.

2. O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Na minha vida pessoal é que me tornei um novo ser, com capacidade de olhar o mundo de maneira diferente. Na profissional, atender em partes as necessidades do campo, local em que vivo.

3. No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Para mim, ser um educador do campo é trabalhar a realidade do campo de forma que venha beneficiá-lo. Contribuiu. Porque foi através da formação do curso que passei a dar valor para a minha comunidade.

4. Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

A contribuição para o seu desenvolvimento, a partir dos trabalhos desenvolvidos.

5. Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Com certeza. Uma das necessidades do campo é olhar em volta e trabalhar esta realidade. E o curso com seus trabalhos e pesquisas atendeu muito as necessidades desses sujeitos.

6. Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Sem dúvida. Porque como em todos os lugares é essencial que exista uma escola. Uma escola que tenha professores capacitados a trabalhar com a realidade, que tenha um educador que eduque, porque professores existem muitos, mas educadores que se preocupem com a educação são poucos.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

1. Para você, o que é ler?

Ler é conhecer o mundo.

2. Você tem o hábito da leitura?

Nem sempre.

3. Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

Na minha vida profissional é uma base de avanço. Na pessoal, para obter cada vez mais desempenho.

4. Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

O que é necessário e o que me agrada. Gosto de leitura como revistas de signos porque ao lê-las acabo me divertindo.

5. Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

O livro foi a bíblia, não estava passando bons momentos, por isso, comecei a ler e a refletir.

6. Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Leitura e escrita, interpretação de texto, regras gramaticais. Porque todas são de fundamental importância na formação do ser humano.

7. Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

Ler já é de fundamental importância, principalmente na aula de língua portuguesa. Faz com que o aluno aprenda a ler corretamente, respeite a pontuação, enfim, a leitura deve estar presente na vida do ser humano.

8. A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Trabalhar texto de forma coletiva, com debate e participação.

9. Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

Deve ser avaliado o empenho, participação, o desenvolvimento e a compreensão dos alunos. Porque cada um desses fatos é de fundamental importância.

10. O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

A questão de engolir palavras e atropelar a pontuação. Falta de letras, acento e pontuação.

11. Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

A importância de um grande aprendizado. Nenhuma crítica.

12. O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Com certeza. É um material que envolve o aluno sobre sua realidade.

13. Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Podemos desenvolver o nosso gosto pela leitura lendo, começando pelo que gosta de ler.

14. De e acordo com a sua concepção, defina “texto”.

Algo criado para apresentar alguma coisa.

15. Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

Gêneros textuais são diversos tipos de textos de características diferentes. A importância de aprender que o texto não é apresentado só de uma maneira.

16. Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores?

Explique.

De maneira alguma. Se o professor não tem o hábito da leitura como é que vai dar incentivo para seus alunos?

17. Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

O professor que não produz textos jamais vai formar seu aluno para dar um passo à frente, mas sim acaba atrapalhando a vida do educando, vai ser um incapaz de produzir bons frutos.

18. Na sua opinião, o que se deve saber para “saber português”? Justifique.

Primeiro saber a importância do português na nossa vida, saber as regras gramaticais e ter sempre o hábito da leitura, pois é através dela que retiramos nossos conhecimentos.

ANEXO C

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA
CURSO DE FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO (NÍVEL MÉDIO)

EDUCADORA C

CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

1. O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

Que é um curso que nos prepara não apenas para sala de aula, mas para a vida. A metodologia de ensino, com base na realidade dos educandos, é um dos aspectos positivos. Já é notadamente negativo para a nossa evolução no curso o tempo comunidade que não nos dá condições de ter o acompanhamento dos professores.

2. O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

A minha evolução crítica e pessoal, o meu amadurecimento diante da vida deve-se ao curso, profissionalmente, me possibilitará condições de estar em uma sala de aula e aprimorar meus conhecimentos.

3. No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Conhecer primeiramente a realidade dos educandos e fornecer a eles subsídios, materiais que possam ser úteis no seu dia-a-dia, no seu trabalho no campo, nas relações com os outros seres e no envolvimento com a comunidade e com os problemas do país.

4. Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

Maior conscientização na proteção para com a natureza, no problema do lixo, na participação de todos os membros da comunidade (homens, mulheres, jovens, crianças) nas assembléias, nos mutirões, nas mobilizações etc.

5. Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Em parte sim, porque é necessário que o homem do campo tenha esse conhecimento acadêmico diferenciado, voltado para a sua realidade. E que além de mostrar os erros, traga novas soluções.

6. Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Com toda certeza, a educação do campo precisa trabalhar nas crianças a essência deles que é o lugar onde eles vivem e a profissão de seus pais etc.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

1. Para você, o que é ler?

É direcionar sua própria vida, viajar por lugares através da imaginação, culturas e povos diferentes.

2. Você tem o hábito da leitura?

Às vezes, gosto muito de ler, é o que me permite a capacidade de discernimento crítico.

3. Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

Primeiro que o educador não proporciona aprendizado daquilo que não conhece, segundo que ler é viajar por mundos diferentes sem sair do lugar.

4. Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Faço outras leituras que me agradam como revistas, romances, jornais, horóscopos, piadas, crônicas etc., porque descontraem e sociabilizo as linguagens utilizadas com a vida real.

5. Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

Livro: Dom Casmurro de Machado de Assis; situação: a época da luta pela terra onde passamos por vários perigos para ir à escola, pois tínhamos que todos os dias cruzar os caminhos da fazenda.

6. Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Todas que tenham um sentido para a vida e a formação cidadã dos educandos.

7. Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

Principalmente a de ter a capacidade de se expressar diante de um público, perder o medo de falar.

8. A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?
- Trabalhar textos significativos, deixar os educandos bem à vontade para lerem e manifestarem suas opiniões diante do texto.**
9. Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique
- Expressão de leitura, postura ao ler o texto, entonação de voz, leitura correta da gramática.**
10. O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?
- Incentivar pouco os alunos sobre a importância de ler também fora do ambiente escolar. Não explorar dos educandos a criação inicial de pequenos textos.**
11. Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?
- Cultura, essência, material com significado atribuição na minha realidade. Que foram poucos materiais, queria ter utilizado outros materiais.**
12. O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.
- Sim, embora alguns achem que está fora da realidade do campo, ela está ali em alguns momentos ou em todos os momentos na vida dos sujeitos.**
13. Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?
- Lendo textos bons, livros, praticando sempre.**
14. De e acordo com a sua concepção, defina “texto”.
- Toda ou qualquer leitura feita pelo sujeito é um texto, seja ele escrito ou visual.**

15. Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

São diferentes modelos de textos, críticos, engraçados, mas que passam uma mensagem em comum.

16. Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

Não, porque esse professor não estimulará nos seus educandos o gosto pela leitura.

17. Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

Professor que não produz textos produzirá alunos avessos à criação de textos, porque isto exige raciocínio, para criar um texto e necessário pensar e reavaliar o que escreveu-se sobre o que pensou.

18. Na sua opinião, o que se deve saber para “saber português”? Justifique.

Ler muita gramática normativa, ler muitos textos, saber interpretar e diferenciar a linguagem coloquial e falada da linguagem escrita.

ANEXO D

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA
CURSO DE FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO (NÍVEL MÉDIO)

EDUCADOR D

CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

1. O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

Individualmente o curso está sendo essencial não só para minha vida profissional, mas também para a pessoal. Julgo como pontos negativos: deixar a família, amigos e atividades do cotidiano, em nosso assentamento, para estudar no tempo-escola. Pontos positivos: amigos, brincadeiras, acesso à informação, ótimos professores...

2. O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Em termo de conhecimento acadêmico, com certeza houve um crescimento muito significativo em minha vida que me deu subsídio para continuar minha vida pessoal e ingressar na profissional.

3. No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribuiu para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Educador do campo é aquele que trabalha dentro de uma perspectiva de mudança, visando melhorar cada vez mais a sua comunidade, fazendo com que os camponeses sintam prazer em viver no campo. Com certeza, o curso contribuiu para iniciar minha vida de educador do campo, pois passei a valorizar mais o campo e a enxergar as desigualdades e transformá-las em desafios.

4. Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

O curso tem oferecido aprendizagens bastante significativas e estas são repassadas de alguma forma na comunidade, seja no grupo de jovens, na roda de amigos, palestras nas escolas.

5. Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim. O curso visa mudança, valorização do campo e isso é super importante para ser e formar sujeitos do campo.

6. Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Claro. É importantíssimo não uma escola no campo, mas a “escola do campo” que trabalhe com aspectos da realidade não da comunidade, mas também do aluno. A escola do campo precisa ter ferramentas que são utilizadas no trabalho. Ter novas

tecnologias como computador para facilitar a busca da informação, ter professores que trabalhem com as especificidades do campo.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

1. Para você, o que é ler?

É ver algo como é e interpretar.

2. Você tem o hábito da leitura?

Em parte.

3. Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

A leitura traz conhecimento, informações e isso é imprescindível na vida do ser humano.

4. Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Nem sempre, mas, às vezes, costumo fazer outras leituras que não são necessárias na minha vida profissional, como revistas de músicas...

5. Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

Um dos livros que marcou minha vida como leitor, foi o livro “além das cercas” do professor Toninho.

6. Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

A linguagem portuguesa é bastante complexa, mas, se tem que predominar uma atividade é a leitura.

7. Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

Com a leitura você tem o poder de conhecer mais, de se superar na busca do conhecimento.

8. A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Um critério importante é a socialização da leitura.

9. Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

Tudo tem que ser avaliado e, dependendo das circunstâncias, procurar outros caminhos, se necessário.

10. O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Não sei se é erro, mas, com certeza, é uma falha quando o professor faz uma leitura e não reflete juntamente com seus alunos e quando é um texto insignificante.

11. Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

O material trabalhado foi super importante, pois sempre vinha com uma reflexão crítica.

12. O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Sim. É um material que você pode refletir criticamente, te dá o poder de crescer.

13. Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Lendo material significativo.

14. De e acordo com a sua concepção, defina “texto”.

Texto ver como é e interpretar de acordo com o seu ponto de vista.

15. Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

São as diversidades de textos, cada um com as suas especificidades, têm pessoas que gostam de poemas, outras de crônicas... Por isso é interessante ter em sala de aula diferentes gêneros textuais.

16. Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores?

Explique.

Difícilmente, como vou aconselhar uma pessoa para não fumar se eu fumo? O professor é referencial, um espelho para o seu aluno.

17. Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

É preciso que o professor produza, expresse sua opinião através de textos escritos, que na verdade é uma produção.

18. Na sua opinião, o que se deve saber para “saber português”? Justifique.

Se deve saber que o português é essencial para a nossa vida.

ANEXO E

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA
CURSO DE FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO (NÍVEL MÉDIO)

EDUCADOR E

CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

1. O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

Ótimo. Indubitavelmente contribuiu para minha formação pedagógica. Os professores todos envolvidos com o curso, principalmente aptos ou buscando conhecer a base da nossa realidade. A ligação da atividade de um professor para o outro, enquanto no ensino tradicional praticamente não veremos essa sistematização/organização e a preocupação se os alunos estão aprendendo ou não. Negativo: o modo como os alunos acabaram ficando “soltos” em suas comunidades, o estágio que só foram duas aulas.

2. O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Na verdade, hoje devo o que sou e me tornei ao curso, pois, pessoalmente e profissionalmente cresci, posso dizer que minha vida inteira, ou melhor, nos três anos e seis meses de magistério, superou meus onze anos de estudo pelo município.

3. No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

É viver a realidade e participar não apenas por participar, mas para poder entender essa realidade e contribuir para o crescimento da comunidade, tendo em vista que educar não é apenas ensinar a ler e a escrever e sim tornar-se construtor da história, da sociedade, do mundo. Pois a ótica que tenho como educador é graças ao magistério e sei, com certeza, que jamais qualquer outro curso irá me oferecer a base que o curso de magistério me deu, realmente voltado para a vida no e do campo.

4. Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

Hoje, em minha comunidade, têm vários trabalhadores(as) e jovens que estão alfabetizados, de início o projeto Escolarização, mas se não fosse o magistério, obviamente, eu não teria conseguido ajudar a realizar sonhos como: aprender ler e escrever, desenvolver o senso crítico das pessoas e muito mais, contribuir para uma boa qualidade de vida na comunidade através dos trabalhos designados pelos professores e efetuados no acampamento em que resido, levou a comunidade a pensar em práticas como as queimadas, desmatamentos, poluição. Hoje temos cerca de mil e duzentas árvores plantadas na propriedade.

5. Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim. Além de se preocupar com a nossa formação, o curso nos instruiu a pensar na luta por reforma agrária, como por educação, saúde, por uma vida digna etc., me tornou

um ser capaz de refletir sobre qualquer decisão a ser tomada e me deu a capacidade de buscar isso das pessoas.

6. Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Sim, que seja uma escola onde venha desenvolver e contribuir para a vida no campo, que possa dar o devido valor que o campo tem e que trabalhe as especificidades do campo. Uma escola onde todos sejam tratados igualmente, onde educador e educando possam discutir os problemas e tomar decisões, que a comunidade também faça-se corpo da escola e que todos possam usufruir da mesma.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

1. Para você, o que é ler?

É poder interpretar de uma forma crítica, ler e entender.

2. Você tem o hábito da leitura?

Hoje tenho tido com maior frequência e gosto.

3. Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

Jamais teria crescido como profissional e também como pessoa. É dela que tiro os subsídios para adquirir conhecimento e através dele ajudar as pessoas e a mim.

4. Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Bem, na verdade estou sempre lendo qualquer coisa, mas um livro, seja ele qual for, me preendo mais e gosto de ler poesia.

5. Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

Livro: pedagogia da autonomia (Paulo Freire), um depoimento onde diz que uma mulher encontrou um seio no lixo que foi amputado, levou para sua casa e foi o almoço domingueiro daquela família. Quando lembro disso, começo a pensar no dia em que tive que pedir esmola, nesse momento estava no acampamento Jardim e foi a última forma que encontrei de alimentar a mim e a minha família sem ter que roubar. Hoje, quando lembro-me, choro!

6. Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Todas as atividades são importantes e devem estar presentes na sala de aula, mesmo assim, a leitura e a escrita se fazem necessárias em quaisquer matérias utilizadas na sala de aula.

7. Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

A leitura é a essência para que possamos adquirir conhecimentos científicos. Jamais um educando estará alfabetizado sem saber ler.

8. A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Buscar no educando o trabalho coletivo, principalmente quando criança, através da leitura, reforçarmos a solidariedade e a divisão/repartição entre eles e enfatizar o que eles mais gostam.

9. Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

Deve ser avaliada a questão cultural, pois um aluno pode ler uma palavra incorretamente por ter aprendido falar daquela forma.

10. O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

O aluno não tenta executar a atividade. Os demais considero erros construtivos. É através daquele “erro” que ele(a) vai acertar.

11. Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

Foi bastante importante para mim dar uma base teórica dos assuntos trabalhados. Por exemplo: verbo, não sabia de que verbo se tratava e foi através desses materiais que entendi que verbo é uma ação. Eles poderiam ter vindo encadernados.

12. O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Sim, pois como já afirmei, os trabalhos desenvolvidos com os alunos e voltados totalmente para a nossa realidade, assim com os conteúdos e as atividades passadas para desenvolvermos na comunidade.

13. Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Digo isso por experiência própria, lendo principalmente aquilo que gosto. Pois fazemos o que gostamos com amor.

14. De e acordo com a sua concepção, defina “texto”.

É tudo aquilo que posso fazer uma leitura, seja ele escrito ou não.

15. Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

Crônicas, acrósticos, poesias, charges, etc. É através dos diferentes tipos de textos que irá despertar o interesse da leitura nos alunos.

16. Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores?

Explique.

Não. Não posso dizer que a luta por terra é boa se não participo. Como pedirei que os alunos façam luta quando eu não fiz?

17. Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

O professor que não ler não poderá formar leitores, é o mesmo que soprar o fogo de lenha sem por fogo nele.

18. Na sua opinião, o que se deve saber para “saber português”? Justifique.

Ler e escrever muito e saber as regras gramaticais.

ANEXO F

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA
CURSO DE FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO (NÍVEL MÉDIO)

EDUCADORA F

CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

1. O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

Eu penso que é um curso voltado para a educação camponesa e que é prioridade para as áreas de assentamento. Positivo: é a formação totalmente voltada para a realidade do campo. Negativo: é terminar o curso sem ter perspectiva de trabalho, porque no meu município tem prioridade aqueles que têm envolvimento político, quem tem compromisso com a luta não tem espaço para lutar.

2. O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Ele me desperta o desejo de continuar estudando, pesquisando e, ao mesmo tempo, um desejo de justiça na luta pela Reforma Agrária e trabalho.

3. No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Para ser um educador do campo é preciso conhecer a luta e os desafios dos movimentos e ter sua própria formação vivenciada na comunidade, a partir daí, passar por um desejo de transformar tudo aquilo que é possível dentro da realidade camponesa. O curso, para mim, contribuiu na aprendizagem, na realidade de mundo e na minha verdadeira realidade.

4. Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

É pouco valorizada porque não conhece e não tem interesse de conhecer ou participar dos projetos de educação do PRONERA.

5. Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim, porque foi com ele que aprendi conhecer, perceber as necessidades do campo na educação e no desenvolvimento dos trabalhadores.

6. Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Sim, porque a educação precisa estar na realidade, nos costumes, nas atividades diárias do campo.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

1. Para você, o que é ler?

Ler é transformar, modificar, é conhecimento.

2. Você tem o hábito da leitura?

Sim.

3. Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

É importante para o conhecimento e para o trabalho com a leitura, podemos perceber o que podemos transformar.

4. Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Não, gosto de ler o que me agrada, exemplo: revistas, jornais e livros, porque passa a ser motivo de distração na vida humana.

5. Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

Revistas do guia astral que traz muitas histórias reais e algumas que me identifico.

6. Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Gramática é tudo que falta para aprimorar meus conhecimentos.

7. Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

Melhorar a leitura e a forma de me expressar em público em todas as situações.

8. A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Deve-se trabalhar vários tipos de textos, leitura coletiva, individual, apresentação de mural e objetos.

9. Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

Participação dos alunos, desenvolvimento de texto, leitura e escrita nas aulas. É a partir daí que o professor deve ampliar a metodologia que está passando.

10. O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Ler com dificuldade de pronunciar as palavras e não respeitar a pontuação na escrita trocando as letras e não deixar parágrafo.

11. Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

Todos foram bons na aprendizagem, só deixou a desejar como ensinar português.

12. O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Sim, todo material traz sempre uma palavra geradora e sempre é considerada a realidade do camponês.

13. Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Trabalhando temas da realidade dos alunos, partindo da vivência e do conhecimento de cada um.

14. De e acordo com a sua concepção, defina “texto”.

Texto é o que informa o leitor todos os acontecimentos em várias formas.

15. Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

São as crônicas, poemas, charges etc., é importante que o aluno conheça as diversas formas textuais.

16. Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores?

Explique.

Não, para que possa incentivar as pessoas a fazer leitura, é preciso ler, conhecer, dominar os assuntos, como professor.

17. Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

Quer dizer que ele nunca deixou de ser aluno, a sala de aula é sempre um espaço para ele perceber que é preciso saber para ensinar, assim o professor fica impossibilitado de ser um verdadeiro formador de opinião na educação.

18. Na sua opinião, o que se deve saber para “saber português”? Justifique.

Estudo de gramática, elaborar texto, pesquisar.

ANEXO G

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA
CURSO DE FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO (NÍVEL MÉDIO)

EDUCADOR G

CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

1. O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

O magistério fez eu enxergar a minha realidade, aspectos positivo: a metodologia dos professores e negativo: a burocracia.

2. O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

O curso me deu subsídio para ser reconhecido como ser transformador de opinião, está possibilitando para ser um profissional.

3. No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

É um sujeito que ensina a ler e escrever despertando o ser crítico. Sim.

4. Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

Em vários aspectos: queimadas, problemas do lixo, não uso de agrotóxicos e cuidado com a água.

5. Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim, prepara o cidadão para exercer a sua cidadania.

6. Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Não só a escola, mas também o educador que trabalhe a realidade dos alunos e os conteúdos não sejam soltos.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO

CAMPO

1. Para você, o que é ler?

É você ler texto e logo em seguida fazer uma interpretação.

2. Você tem o hábito da leitura?

Sim.

3. Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

Este hábito capacita melhor, proporciona uma boa escrita e leitura.

4. Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Leio de tudo um pouco.

5. Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

“Educação do campo” e “Além das cercas”.

6. Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa?

Por quê?

Incentivar leitura e escrita, pensamento crítico.

7. Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

Esta é a maneira de despertar este hábito (a leitura).

8. A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Textos que chamem a atenção dos alunos.

9. Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

Tom de voz, respeitar as vírgulas e os pontos.

10. O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Não respeitar pontos, as trocas de letras (não seguir as regras).

11. Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material? **NÃO RESPONDEU!**

12. O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

No início foi sim, mas faltou trabalhar o ensino de português.

13. Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Iniciar com textos que eles gostam de ler (gibis).

14. De e acordo com a sua concepção, defina “texto”.

É quando você expressa algo.

15. Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

São diversos tipos de textos. Os alunos percebam e conheçam os tipos de textos.

16. Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

Não. O próprio não tem esse hábito (NÃO CONTINUOU)

17. Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

Professor improdutivo, ele não consegue escrever algo ao seu respeito, nem da sua realidade e não desperta interesse nos alunos.

18. Na sua opinião, o que se deve saber para “saber português”? Justifique.

Regras gramaticais.

ANEXO H

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA
CURSO DE FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO (NÍVEL MÉDIO)

EDUCADOR H

CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

1. O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

O curso de magistério é algo super importante na minha vida, para minha formação como pessoa e profissionalmente. O meu crescimento e amadurecimento politicamente, socialmente, culturalmente e outros aspectos, me sinto autônomo, capas de trilhar meu caminho sem ser induzido pela massa. São coisas positivas. Negativas algumas picuinhas entre as coordenações do curso, os impasses dos recursos e etc.

2. O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

O curso representa libertação, me sinto inserido na sociedade, sabendo me expressar, lutar e buscar direitos, e me dá subsídios para ser um bom educador do campo.

3. No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribuiu para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Educador do campo é aquele que trabalha a realidade do campo, que parte da necessidade do aluno e, acima de tudo, observa e conhece os problemas do educando. O curso magistério contribuiu demais na minha formação como educador do campo, me dando condições de diagnosticar o problema para, junto à comunidade, solucionar. Através das aulas ministradas por todos ótimos professores que passaram pelo magistério.

4. Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

A questão do lixo que foi um assunto discutido com a professora Flávia e os alunos. E depois com o professor Ismael. Levamos essa discussão para a comunidade, para as assembleias e o lixo teve um outro tratamento, como outras questões ambientais como o desmatamento, queimadas, o uso de agrotóxicos, que foi com o professor Toninho, tem repercutido na comunidade.

5. Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim. Porque é um curso voltado para a realidade, que parte de nossas necessidades e a proposta do curso é valorizar o sujeito, dando ênfase ao camponês, atendendo especificidades do nosso povo.

6. Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Sim. Porque ao longo dos anos, recebeu o resto que sobrou da cidade, que não era muito bom. A escola do campo tem que ter uma boa estrutura e o mais importante, ela tem que atender as necessidades do campo. O educador tem que se preocupar com o educando, exemplo: será que o aluno tomou café, está bem de saúde, sua família o incentiva a estudar. Então o professor precisa saber como é a realidade do aluno para junto transformar e assim virá a aprendizagem.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

1. Para você, o que é ler?

Leitura não é apenas decodificar, ler palavras ou um texto. Ler é interagir e fazer da leitura a solução de problemas. É fazer a leitura de um poema, redação ou um texto escrito e também fazer a leitura de uma imagem, de um lugar especial, algo que faça sentido etc.

2. Você tem o hábito da leitura?

Gosto de ler, através da leitura é que adquirimos conhecimentos. Reconheço que antes do magistério não lia muito, apenas algumas poesias, hoje, sou leitor de vários gêneros, principalmente poesia, revistas e jornais, leio sempre a bíblia. E vou começar a ler alguns livros, até porque vou iniciar o curso de Pedagogia e vou precisar praticar a leitura.

3. Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

Através da leitura posso viajar para o mundo inteiro, me emocionar com romances, me divertir com humor, me arrepiar com histórias arrepiantes, voar nas asas da imaginação e a leitura me prepara para ser um educador capacitado para ministrar aulas e orientar os educandos, pois a leitura proporciona e gera conhecimento.

4. Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Na verdade é o inverso, leio mais o que me agrada como poesia e reportagens esportivas. Mas, tenho procurado ler mais sobre minha profissão, porque quanto mais leitura, maior é o conhecimento, melhor saberei me expressar, quanto mais conhecimento, melhor serei professor.

5. Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

Alguns livros de literatura com poemas de grandes poetas como Augusto dos Anjos e Álvares de Azevedo. Algumas canções e poesias de poetas nordestinos que meu pai tinha. Outras histórias bíblicas como a de José do Egito e o Novo Testamento.

6. Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

A prática da leitura e da escrita, gêneros textuais, gramática, produção e interpretação de texto etc., porque será fundamental na formação do cidadão inserido na sociedade.

7. Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

É importante porque é a disciplina que irá diretamente fazer com que o aluno adquira o ato da leitura e da escrita. Na minha concepção, na língua portuguesa é que está a formação do sujeito.

8. A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

A partir da necessidade e da facilidade do educando, por exemplo: se o aluno gosta de ler histórias infantis, é começar com o gosto do aluno, mas incentivá-lo a outras leituras.

9. Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

A compreensão, o entendimento, a socialização, o interagir e em que contexto a leitura gera conhecimento.

10. O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Erro no trabalho com a leitura é quando se ler sem respeitar vírgula, pontos, desordenadamente. E com a escrita é quando da forma em que se fala, se escreve, informalmente, isso é um erro.

11. Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

Foram materiais que contribuíram para a formação de professores, todos os textos, sem exceção, tiveram sua importância a cada momento. A professora soube transmitir conhecimento para gerar o mesmo.

12. O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Sim, pois tem tratado nossa realidade de acordo com a necessidade exigida nas possibilidades dos educandos envolvidos no processo de formação.

13. Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Fazendo da leitura uma necessidade como se fosse comida. Todo dia precisamos comer, é procurar todos os dias ler um pouco e assim poderemos desenvolver o gosto pela leitura.

14. De e acordo com a sua concepção, defina “**texto**”.

Texto é tudo aquilo que se pode ler. Desde um poema, uma música, um livro, como uma fotografia, uma imagem ou paisagem etc.

15. Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

Charge, poema, música, receita e outros. É a importância do conhecimento de todos os gêneros e que irão fazer parte de suas vidas.

16. Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

Não. A partir do momento em que o professor não ler, ao mesmo tempo não incentiva a prática da leitura.

17. Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

Latifúndio que concentra terra produz miséria no campo.

18. Na sua opinião, o que se deve saber para “**saber português**”? Justifique.

Estudar, ler, escrever e praticar.

ANEXO I

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA
CURSO DE FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO (NÍVEL MÉDIO)

EDUCADOR I

CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

1. O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

Penso que o curso de magistério é importante para atender uma grande demanda de alunos que precisam de um tratamento diferenciado em seu processo básico de educação. Os aspectos positivos são: metodologia voltada para a realidade, com significado, desperta a visão crítica entre outros. Os aspectos negativos são: os preconceitos enfrentados na UFPB por quem não conhece o Programa, a dificuldade em manter-se unido em grupo etc.

2. O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Em minha vida pessoal, representa uma forma de mudança e conquista do respeito no meio em que vivo. E na minha vida profissional, vai me ajudar a ter boas relações com a sociedade e em crescimento dentro da mesma.

3. No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Ser educador do campo é ter uma das maiores oportunidades na vida de mudar a realidade em que está inserido.

4. Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

Já tem uma boa aceitação uma vez que, através de informações, muitos jovens estão interessados em participar dos próximos cursos do PRONERA, e isso é uma mudança na comunidade.

5. Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Não posso dizer que com esse estou pronto para atender a demanda, mas sim que é um início de uma mudança local tão sonhada.

6. Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

É importante pelo fato de que as existentes não atendem as necessidades por falta de estrutura adequada. As características de uma escola do campo deveriam ser totalmente desenvolvidas a partir das opiniões dos pais de alunos e sociedade civil organizada.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

1. Para você, o que é ler?

Ler é conhecer um mundo que não está perto para todos os seres sociais, é criar/traçar meu próprio futuro.

2. Você tem o hábito da leitura?

Na medida do possível sim, sempre que arrumo tempo.

3. Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

É importante porque com esta eu posso conhecer um outro mundo, interagir com pessoas e falar, debater de igual para igual com muitas “autoridades”.

4. Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Tenho a certeza de que tendo que eu leio, de uma forma ou de outra, me ajuda na vida profissional.

5. Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

A história do negro brasileiro, não lembro o autor.

6. Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Interpretação de texto e gramática contextualizada.

7. Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

É importante pelo exercício dessa que leva a melhoria do indivíduo e perceber a entonação de voz dos colegas.

8. A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

(NÃO RESPONDEU)

9. Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

Entonação, postura, tom de voz etc.

10. O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

O que é erro para algumas pessoas é construção para mim.

11. Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

A importância de melhorias e preparação para a disputa de concursos públicos.

12. O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Para as pessoas que souberam aproveitar, sim, porque nem tudo é visto por todos com o mesmo ponto de vista.

13. Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Trabalhar, em princípio, sempre com temas interessantes para o público.

14. De e acordo com a sua concepção, defina “texto”.

Texto é toda forma de expressão que diga ou passe uma determinada mensagem.

15. Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

São classificações das diversas expressões de informações para uma melhor sistematização da aprendizagem.

16. Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

Não, porque o professor é o referencial para o aluno.

17. Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

Porque este professor é reprodução da educação bancária que tanto combatemos e isso não é interessante.

18. Na sua opinião, o que se deve saber para “**saber português**”? Justifique.

Ler e entender o que se está lendo para melhor construir uma formação significativa.

ANEXO J

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA
CURSO DE FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO (NÍVEL MÉDIO)

EDUCADORA J

CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

1. O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

O curso em si, para eu que sou do campo e moro em área de assentamento, tem me proporcionado a oportunidade de interpretar de forma diferente a minha realidade e interagir com esta buscando as mudanças necessárias. Pontos positivos: o meu desenvolvimento na área profissional como educadora do campo; os conteúdos trabalhados que me dão subsídios para atuar no lado profissional e na vida social; o compromisso dos professores, com toda a dedicação e respeito, trabalhando nossa realidade, trocando saberes entre o campo e cidade numa sintonia. Pontos negativos: os tempo-escolas foram muito curtos para trabalhar todas as disciplinas; os alojamentos e hospedagem não contribuíram nas realizações das tarefas extra-classe.

2. O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Representa a forma legal de a gente procurar que agricultores e agricultoras tenham capacidade de formar seus próprios filhos.

3. No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Ser educador do campo é ter uma formação diferenciada para atender a um público específico da sociedade onde está inserido, contribuir para uma leitura de mundo a partir da realidade.

4. Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

Agora que está no final do curso, cria-se uma expectativa, pelos pais dos alunos da comunidade, para o ensino diferenciado e significativo para com estes.

5. Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim, uma vez que a formação deste foi toda contextualizada com o seguimento “educação do campo”.

6. Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

É importante pelo fato de as escolas existentes não atenderem as especificidades demandadas pelos sujeitos do campo.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

1. Para você, o que é ler?

É conhecer o mundo onde estamos inseridos para, através disso, interpretá-lo e mudar o mesmo de acordo com as necessidades.

2. Você tem o hábito da leitura?

Não, mas tento ler tudo que é agradável para, assim, adquirir o hábito.

3. Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

De uma forma ou de outra, tudo o que lemos no dia-a-dia é necessário para o nosso desenvolvimento.

4. Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

O exercício da leitura vai me dar subsídios para a minha formação contínua, refletindo tanto na vida profissional como na vida pessoal.

5. Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

O que marcou na minha vida foi o grande desejo de escrever para a minha professora, escrevia com muito erro de pontuação e sem muita coordenação motora, mas tinha o grande amor de ler para ela.

6. Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Produção de texto, gramática, interpretação textual entre outros.

7. Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

O exercício desta deve despertar o senso crítico em relação à realidade.

8. A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula.

A interação entre professor e aluno.

9. Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

A compreensão de cada um, respeitando as opiniões de cada um.

10. O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

O que pode ser erro, para mim, é conserto para outros, pois o conflito gerado resulta a construção do conhecimento.

11. Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

Contribui muito para a disputa em concursos públicos e o entendimento da sociedade como um todo.

12. O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Sim, por estar contextualizado com o mesmo.

13. Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Sendo dinâmicos e usando materiais concretos, pois, assim, o trabalho vai ter sentido na formação do indivíduo; contar histórias construídas a partir da realidade destes.

14. De e acordo com a sua concepção, defina “texto”.

Texto é o que está ao nosso redor, dependendo do ponto de vista de quem interpretar.

15. Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

Gêneros textuais é a classificação de muitas expressões presentes no dia-a-dia para uma melhor sistematização do conhecimento, a importância destes é diversificar a aprendizagem atendendo uma população múltipla de opiniões.

16. Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores?

Explique.

Não pode, porque o professor é o referencial de sua formação e reproduz esta ao passar o conhecimento.

17. Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

O professor que não produz texto está inserido na educação bancária, logo repassa a mesma para seus alunos, deixando-o incapaz de pensar.

18. Na sua opinião, o que se deve saber para “saber português”? Justifique.

É ler e interpretar o mundo das mais diversas formas.

ANEXO L

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA
CURSO DE FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO (NÍVEL MÉDIO)

EDUCADORA R

CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

1. O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

É um curso ótimo, com uma metodologia diferenciada. Aspectos positivos: metodologia voltada para realidade, preparação de educadores do campo. Aspectos negativos: encaminhamentos, às vezes, não corriam muito bem.

2. O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Crescimento como pessoa, desenvolvimento para uma vida profissional.

3. No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Educadores da liberdade, sem dúvida, porque é formação para educadores do campo.

4. Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

Passsei a me importar com o coletivo da comunidade e a saúde da comunidade como: lixo, reflorestamento e busca de cursos etc.

5. Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim, porque é um curso que trabalha a realidade do campo e as pesquisas com os próprios camponeses fez este um curso muito rico.

6. Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Para valorizar a luta dos camponeses e as culturas dos agricultores.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

1. Para você, o que é ler?

Ler é interpretar, interagir.

2. Você tem o hábito da leitura?

Pouco.

3. Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

Tem que ler para dar bons exemplos ao aluno e adquirir mais conhecimentos.

4. Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Adoro ler gibis, romances, textos literários, me atraem.

5. Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

Um livro da literatura em minha casa que contava a história do “príncipe feliz” e do “roxinol e a rosa”, leio e nunca me canso, sempre me emociono.

6. Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa?

Por quê?

Deve ser meio a meio, texto e regra da língua portuguesa.

7. Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

Melhorar leitura e escrita.

8. A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Leituras coletivas e individuais.

9. Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

Pausas e interpretações.

10. O que você considera **erro** no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Preciso amadurecer a idéia.

11. Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

NÃO RESPONDEU

12. O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique

Sim, pois é um material apropriado, sempre tratando a realidade.

13. Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Buscando a essência do texto.

14. De e acordo com a sua concepção, defina **texto**.

NÃO RESPONDEU

15. Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

NÃO RESPONDEU

16. Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

NÃO RESPONDEU

17. Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

NÃO RESPONDEU

18. Na sua opinião, o que se deve saber para **saber português**? Justifique.

NÃO RESPONDEU

ANEXO M

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA
CURSO DE FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO (NÍVEL MÉDIO)

EDUCADORA T

CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

1. O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

É um curso que abriu as portas para pessoas de áreas de assentamentos, com o objetivo de formar educadores do campo para o campo com o pensamento crítico voltado para a sua realidade. Aspectos positivos: professores capacitados, conteúdos adequados, coordenação pedagógica competente etc. Aspectos negativos: a burocracia do sistema que atrasou o processo, falta de acompanhamento dos coordenadores de área, estrutura de alojamentos, alimentação.

2. O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Representa uma grande mudança de personalidade, amadurecimento em relação a um maior interesse pela comunidade e pelo contexto em que estou inserida. E,

profissionalmente, me deu a oportunidade de adentrar no meio educacional agindo na mudança da realidade local.

3. No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Significa contribuir com o crescimento de sua comunidade, seja no meio político, social e econômico. Sim, porque abriu as portas para entrada de um novo mundo (educação).

4. Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

Há uma expectativa, por meio de alguns assentados, para que eu possa ingressar na escola que atende a demanda da comunidade, ou que seja construída uma no próprio assentamento.

5. Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Atende incentivando a procura de novos conhecimentos para aplicar no meio social.

6. Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Sim, porque a escola do campo precisa ser pensada, tanto a estrutura física como a forma humana, através de reuniões com pais, mestres e demais segmentos da sociedade.

Um aspecto desta escola seria conteúdo adequado e que tenha a cara do campo.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

1. Para você, o que é ler?

Ler não é apenas decodificar, mas entender as informações e aplicar no dia-a-dia.

2. Você tem o hábito da leitura?

Não tenho, mas estou criando. Através do curso de magistério, obtive a consciência de que ler é necessário e importante em nossa formação.

3. Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

É importante, pois, através da leitura conseguimos entender o mundo de diversas formas.

4. Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Faço leitura de vários gêneros textuais que, muitas vezes, indiretamente, acabam contribuindo na vida profissional.

5. Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

Quando escrevi começo, meio e fim da minha separação do pai dos meus filhos, também quando tive que escrever minha história no curso. Em relação ao livro, não lembro o nome do autor, mas o título era: “A máquina de pensar bonito contra o medo que o medo faz”.

6. Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Leitura e debate, interpretando, problematizando e procurando possíveis soluções para os problemas encontrados.

7. Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

É importante porque incentiva a prática desta no dia-a-dia.

8. A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Conteúdo adequado, entonação de voz, postura, debate, entre outros.

9. Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

O desempenho e a participação de cada um.

10. O que você considera **erro** no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Falta de participação e interação com o grupo.

11. Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

A contribuição para a minha formação profissional e o desempenho no meio social.

12. O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Corresponde trazendo informações diversas para as soluções múltiplas para os problemas abordados.

13. Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Trabalhando de forma dinâmica, provocando e valorizando o discurso dos indivíduos.

14. De e acordo com a sua concepção, defina **texto**.

É toda e qualquer forma de expressão que passa mensagem significativa para o ser humano.

15. Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

Gêneros textuais é a classificação das expressões portadoras de informações. É importante trabalhar, na sala de aula, porque desperta o gosto pela leitura dos diversos indivíduos.

16. Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores?

Explique.

Não, pois não podemos cobrar do aluno se não damos o exemplo.

17. Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

Não estimula a capacidade do aluno.

18. Na sua opinião, o que se deve saber para **saber português**? Justifique.

Ver, ouvir, ler e entender.

ANEXO B

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA
CURSO DE FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO (NÍVEL MÉDIO)

EDUCADORA B

CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

7. O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

Uma ótima formação com base na realidade do aluno, formando educadores do campo.

Os aspectos positivos são os avanços que cada um de nós obtivemos e um negativo é o tempo que passamos parados e a desistências dos alunos.

8. O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Na minha vida pessoal é que me tornei um novo ser, com capacidade de olhar o mundo de maneira diferente. Na profissional, atender em partes as necessidades do campo, local em que vivo.

9. No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Para mim, ser um educador do campo é trabalhar a realidade do campo de forma que venha beneficiá-lo. Contribuiu. Porque foi através da formação do curso que passei a dar valor para a minha comunidade.

10. Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

A contribuição para o seu desenvolvimento, a partir dos trabalhos desenvolvidos.

11. Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Com certeza. Uma das necessidades do campo é olhar em volta e trabalhar esta realidade. E o curso com seus trabalhos e pesquisas atendeu muito as necessidades desses sujeitos.

12. Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Sem dúvida. Porque como em todos os lugares é essencial que exista uma escola. Uma escola que tenha professores capacitados a trabalhar com a realidade, que tenha um educador que eduque, porque professores existem muitos, mas educadores que se preocupem com a educação são poucos.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

19. Para você, o que é ler?

Ler é conhecer o mundo.

20. Você tem o hábito da leitura?

Nem sempre.

21. Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

Na minha vida profissional é uma base de avanço. Na pessoal, para obter cada vez mais desempenho.

22. Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

O que é necessário e o que me agrada. Gosto de leitura como revistas de signos porque ao lê-las acabo me divertindo.

23. Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

O livro foi a bíblia, não estava passando bons momentos, por isso, comecei a ler e a refletir.

24. Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Leitura e escrita, interpretação de texto, regras gramaticais. Porque todas são de fundamental importância na formação do ser humano.

25. Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

Ler já é de fundamental importância, principalmente na aula de língua portuguesa. Faz com que o aluno aprenda a ler corretamente, respeite a pontuação, enfim, a leitura deve estar presente na vida do ser humano.

26. A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Trabalhar texto de forma coletiva, com debate e participação.

27. Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

Deve ser avaliado o empenho, participação, o desenvolvimento e a compreensão dos alunos. Porque cada um desses fatos é de fundamental importância.

28. O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

A questão de engolir palavras e atropelar a pontuação. Falta de letras, acento e pontuação.

29. Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

A importância de um grande aprendizado. Nenhuma crítica.

30. O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Com certeza. É um material que envolve o aluno sobre sua realidade.

31. Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Podemos desenvolver o nosso gosto pela leitura lendo, começando pelo que gosta de ler.

32. De e acordo com a sua concepção, defina “texto”.

Algo criado para apresentar alguma coisa.

33. Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

Gêneros textuais são diversos tipos de textos de características diferentes. A importância de aprender que o texto não é apresentado só de uma maneira.

34. Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores?

Explique.

De maneira alguma. Se o professor não tem o hábito da leitura como é que vai dar incentivo para seus alunos?

35. Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

O professor que não produz textos jamais vai formar seu aluno para dar um passo à frente, mas sim acaba atrapalhando a vida do educando, vai ser um incapaz de produzir bons frutos.

36. Na sua opinião, o que se deve saber para “saber português”? Justifique.

Primeiro saber a importância do português na nossa vida, saber as regras gramaticais e ter sempre o hábito da leitura, pois é através dela que retiramos nossos conhecimentos.

ANEXO C

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA
CURSO DE FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO (NÍVEL MÉDIO)

EDUCADORA C

CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

7. O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

Que é um curso que nos prepara não apenas para sala de aula, mas para a vida. A metodologia de ensino, com base na realidade dos educandos, é um dos aspectos positivos. Já é notadamente negativo para a nossa evolução no curso o tempo comunidade que não nos dá condições de ter o acompanhamento dos professores.

8. O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

A minha evolução crítica e pessoal, o meu amadurecimento diante da vida deve-se ao curso, profissionalmente, me possibilitará condições de estar em uma sala de aula e aprimorar meus conhecimentos.

9. No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Conhecer primeiramente a realidade dos educandos e fornecer a eles subsídios, materiais que possam ser úteis no seu dia-a-dia, no seu trabalho no campo, nas relações com os outros seres e no envolvimento com a comunidade e com os problemas do país.

10. Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

Maior conscientização na proteção para com a natureza, no problema do lixo, na participação de todos os membros da comunidade (homens, mulheres, jovens, crianças) nas assembléias, nos mutirões, nas mobilizações etc.

11. Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Em parte sim, porque é necessário que o homem do campo tenha esse conhecimento acadêmico diferenciado, voltado para a sua realidade. E que além de mostrar os erros, traga novas soluções.

12. Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Com toda certeza, a educação do campo precisa trabalhar nas crianças a essência deles que é o lugar onde eles vivem e a profissão de seus pais etc.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

19. Para você, o que é ler?

É direcionar sua própria vida, viajar por lugares através da imaginação, culturas e povos diferentes.

20. Você tem o hábito da leitura?

Às vezes, gosto muito de ler, é o que me permite a capacidade de discernimento crítico.

21. Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

Primeiro que o educador não proporciona aprendizado daquilo que não conhece, segundo que ler é viajar por mundos diferentes sem sair do lugar.

22. Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Faço outras leituras que me agradam como revistas, romances, jornais, horóscopos, piadas, crônicas etc., porque descontraem e sociabilizo as linguagens utilizadas com a vida real.

23. Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

Livro: Dom Casmurro de Machado de Assis; situação: a época da luta pela terra onde passamos por vários perigos para ir à escola, pois tínhamos que todos os dias cruzar os caminhos da fazenda.

24. Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Todas que tenham um sentido para a vida e a formação cidadã dos educandos.

25. Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

Principalmente a de ter a capacidade de se expressar diante de um público, perder o medo de falar.

26. A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Trabalhar textos significativos, deixar os educandos bem à vontade para lerem e manifestarem suas opiniões diante do texto.

27. Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique

Expressão de leitura, postura ao ler o texto, entonação de voz, leitura correta da gramática.

28. O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Incentivar pouco os alunos sobre a importância de ler também fora do ambiente escolar. Não explorar dos educandos a criação inicial de pequenos textos.

29. Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

Cultura, essência, material com significado atribuição na minha realidade. Que foram poucos materiais, queria ter utilizado outros materiais.

30. O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Sim, embora alguns achem que está fora da realidade do campo, ela está ali em alguns momentos ou em todos os momentos na vida dos sujeitos.

31. Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Lendo textos bons, livros, praticando sempre.

32. De e acordo com a sua concepção, defina “texto”.

Toda ou qualquer leitura feita pelo sujeito é um texto, seja ele escrito ou visual.

33. Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

São diferentes modelos de textos, críticos, engraçados, mas que passam uma mensagem em comum.

34. Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

Não, porque esse professor não estimulará nos seus educandos o gosto pela leitura.

35. Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

Professor que não produz textos produzirá alunos avessos à criação de textos, porque isto exige raciocínio, para criar um texto e necessário pensar e reavaliar o que escreveu-se sobre o que pensou.

36. Na sua opinião, o que se deve saber para “saber português”? Justifique.

Ler muita gramática normativa, ler muitos textos, saber interpretar e diferenciar a linguagem coloquial e falada da linguagem escrita.

ANEXO D

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA
CURSO DE FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO (NÍVEL MÉDIO)

EDUCADOR D

CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

7. O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

Individualmente o curso está sendo essencial não só para minha vida profissional, mas também para a pessoal. Julgo como pontos negativos: deixar a família, amigos e atividades do cotidiano, em nosso assentamento, para estudar no tempo-escola. Pontos positivos: amigos, brincadeiras, acesso à informação, ótimos professores...

8. O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Em termo de conhecimento acadêmico, com certeza houve um crescimento muito significativo em minha vida que me deu subsídio para continuar minha vida pessoal e ingressar na profissional.

9. No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Educador do campo é aquele que trabalha dentro de uma perspectiva de mudança, visando melhorar cada vez mais a sua comunidade, fazendo com que os camponeses sintam prazer em viver no campo. Com certeza, o curso contribuiu para iniciar minha vida de educador do campo, pois passei a valorizar mais o campo e a enxergar as desigualdades e transformá-las em desafios.

10. Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

O curso tem oferecido aprendizagens bastante significativas e estas são repassadas de alguma forma na comunidade, seja no grupo de jovens, na roda de amigos, palestras nas escolas.

11. Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim. O curso visa mudança, valorização do campo e isso é super importante para ser e formar sujeitos do campo.

12. Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Claro. É importantíssimo não uma escola no campo, mas a “escola do campo” que trabalhe com aspectos da realidade não da comunidade, mas também do aluno. A escola do campo precisa ter ferramentas que são utilizadas no trabalho. Ter novas

tecnologias como computador para facilitar a busca da informação, ter professores que trabalhem com as especificidades do campo.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

19. Para você, o que é ler?

É ver algo como é e interpretar.

20. Você tem o hábito da leitura?

Em parte.

21. Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

A leitura traz conhecimento, informações e isso é imprescindível na vida do ser humano.

22. Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Nem sempre, mas, às vezes, costumo fazer outras leituras que não são necessárias na minha vida profissional, como revistas de músicas...

23. Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

Um dos livros que marcou minha vida como leitor, foi o livro “além das cercas” do professor Toninho.

24. Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa?

Por quê?

A linguagem portuguesa é bastante complexa, mas, se tem que predominar uma atividade é a leitura.

25. Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

Com a leitura você tem o poder de conhecer mais, de se superar na busca do conhecimento.

26. A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Um critério importante é a socialização da leitura.

27. Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

Tudo tem que ser avaliado e, dependendo das circunstâncias, procurar outros caminhos, se necessário.

28. O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Não sei se é erro, mas, com certeza, é uma falha quando o professor faz uma leitura e não reflete juntamente com seus alunos e quando é um texto insignificante.

29. Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

O material trabalhado foi super importante, pois sempre vinha com uma reflexão crítica.

30. O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Sim. É um material que você pode refletir criticamente, te dá o poder de crescer.

31. Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Lendo material significativo.

32. De e acordo com a sua concepção, defina “texto”.

Texto ver como é e interpretar de acordo com o seu ponto de vista.

33. Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

São as diversidades de textos, cada um com as suas especificidades, têm pessoas que gostam de poemas, outras de crônicas... Por isso é interessante ter em sala de aula diferentes gêneros textuais.

34. Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores?

Explique.

Difícilmente, como vou aconselhar uma pessoa para não fumar se eu fumo? O professor é referencial, um espelho para o seu aluno.

35. Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

É preciso que o professor produza, expresse sua opinião através de textos escritos, que na verdade é uma produção.

36. Na sua opinião, o que se deve saber para “saber português”? Justifique.

Se deve saber que o português é essencial para a nossa vida.

ANEXO E

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA
CURSO DE FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO (NÍVEL MÉDIO)

EDUCADOR E

CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

7. O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

Ótimo. Indubitavelmente contribuiu para minha formação pedagógica. Os professores todos envolvidos com o curso, principalmente aptos ou buscando conhecer a base da nossa realidade. A ligação da atividade de um professor para o outro, enquanto no ensino tradicional praticamente não veremos essa sistematização/organização e a preocupação se os alunos estão aprendendo ou não. Negativo: o modo como os alunos acabaram ficando “soltos” em suas comunidades, o estágio que só foram duas aulas.

8. O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Na verdade, hoje devo o que sou e me tornei ao curso, pois, pessoalmente e profissionalmente cresci, posso dizer que minha vida inteira, ou melhor, nos três anos e seis meses de magistério, superou meus onze anos de estudo pelo município.

9. No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

É viver a realidade e participar não apenas por participar, mas para poder entender essa realidade e contribuir para o crescimento da comunidade, tendo em vista que educar não é apenas ensinar a ler e a escrever e sim tornar-se construtor da história, da sociedade, do mundo. Pois a ótica que tenho como educador é graças ao magistério e sei, com certeza, que jamais qualquer outro curso irá me oferecer a base que o curso de magistério me deu, realmente voltado para a vida no e do campo.

10. Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

Hoje, em minha comunidade, têm vários trabalhadores(as) e jovens que estão alfabetizados, de início o projeto Escolarização, mas se não fosse o magistério, obviamente, eu não teria conseguido ajudar a realizar sonhos como: aprender ler e escrever, desenvolver o senso crítico das pessoas e muito mais, contribuir para uma boa qualidade de vida na comunidade através dos trabalhos designados pelos professores e efetuados no acampamento em que resido, levou a comunidade a pensar em práticas como as queimadas, desmatamentos, poluição. Hoje temos cerca de mil e duzentas árvores plantadas na propriedade.

11. Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim. Além de se preocupar com a nossa formação, o curso nos instruiu a pensar na luta por reforma agrária, como por educação, saúde, por uma vida digna etc., me tornou

um ser capaz de refletir sobre qualquer decisão a ser tomada e me deu a capacidade de buscar isso das pessoas.

12. Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Sim, que seja uma escola onde venha desenvolver e contribuir para a vida no campo, que possa dar o devido valor que o campo tem e que trabalhe as especificidades do campo. Uma escola onde todos sejam tratados igualmente, onde educador e educando possam discutir os problemas e tomar decisões, que a comunidade também faça-se corpo da escola e que todos possam usufruir da mesma.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

19. Para você, o que é ler?

É poder interpretar de uma forma crítica, ler e entender.

20. Você tem o hábito da leitura?

Hoje tenho tido com maior frequência e gosto.

21. Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

Jamais teria crescido como profissional e também como pessoa. É dela que tiro os subsídios para adquirir conhecimento e através dele ajudar as pessoas e a mim.

22. Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Bem, na verdade estou sempre lendo qualquer coisa, mas um livro, seja ele qual for, me preendo mais e gosto de ler poesia.

23. Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

Livro: pedagogia da autonomia (Paulo Freire), um depoimento onde diz que uma mulher encontrou um seio no lixo que foi amputado, levou para sua casa e foi o almoço domingueiro daquela família. Quando lembro disso, começo a pensar no dia em que tive que pedir esmola, nesse momento estava no acampamento Jardim e foi a última forma que encontrei de alimentar a mim e a minha família sem ter que roubar. Hoje, quando lembro-me, choro!

24. Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa?

Por quê?

Todas as atividades são importantes e devem estar presentes na sala de aula, mesmo assim, a leitura e a escrita se fazem necessárias em quaisquer matérias utilizadas na sala de aula.

25. Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

A leitura é a essência para que possamos adquirir conhecimentos científicos. Jamais um educando estará alfabetizado sem saber ler.

26. A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Buscar no educando o trabalho coletivo, principalmente quando criança, através da leitura, reforçarmos a solidariedade e a divisão/repartição entre eles e enfatizar o que eles mais gostam.

27. Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

Deve ser avaliada a questão cultural, pois um aluno pode ler uma palavra incorretamente por ter aprendido falar daquela forma.

28. O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

O aluno não tenta executar a atividade. Os demais considero erros construtivos. É através daquele “erro” que ele(a) vai acertar.

29. Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

Foi bastante importante para mim dar uma base teórica dos assuntos trabalhados. Por exemplo: verbo, não sabia de que verbo se tratava e foi através desses materiais que entendi que verbo é uma ação. Eles poderiam ter vindo encadernados.

30. O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Sim, pois como já afirmei, os trabalhos desenvolvidos com os alunos e voltados totalmente para a nossa realidade, assim com os conteúdos e as atividades passadas para desenvolvermos na comunidade.

31. Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Digo isso por experiência própria, lendo principalmente aquilo que gosto. Pois fazemos o que gostamos com amor.

32. De e acordo com a sua concepção, defina “texto”.

É tudo aquilo que posso fazer uma leitura, seja ele escrito ou não.

33. Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

Crônicas, acrósticos, poesias, charges, etc. É através dos diferentes tipos de textos que irá despertar o interesse da leitura nos alunos.

34. Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores?

Explique.

Não. Não posso dizer que a luta por terra é boa se não participo. Como pedirei que os alunos façam luta quando eu não fiz?

35. Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

O professor que não ler não poderá formar leitores, é o mesmo que soprar o fogo de lenha sem por fogo nele.

36. Na sua opinião, o que se deve saber para “saber português”? Justifique.

Ler e escrever muito e saber as regras gramaticais.

ANEXO F

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA
CURSO DE FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO (NÍVEL MÉDIO)

EDUCADORA F

CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

7. O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

Eu penso que é um curso voltado para a educação camponesa e que é prioridade para as áreas de assentamento. Positivo: é a formação totalmente voltada para a realidade do campo. Negativo: é terminar o curso sem ter perspectiva de trabalho, porque no meu município tem prioridade aqueles que têm envolvimento político, quem tem compromisso com a luta não tem espaço para lutar.

8. O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Ele me desperta o desejo de continuar estudando, pesquisando e, ao mesmo tempo, um desejo de justiça na luta pela Reforma Agrária e trabalho.

9. No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Para ser um educador do campo é preciso conhecer a luta e os desafios dos movimentos e ter sua própria formação vivenciada na comunidade, a partir daí, passar por um desejo de transformar tudo aquilo que é possível dentro da realidade camponesa. O curso, para mim, contribuiu na aprendizagem, na realidade de mundo e na minha verdadeira realidade.

10. Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

É pouco valorizada porque não conhece e não tem interesse de conhecer ou participar dos projetos de educação do PRONERA.

11. Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim, porque foi com ele que aprendi conhecer, perceber as necessidades do campo na educação e no desenvolvimento dos trabalhadores.

12. Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Sim, porque a educação precisa estar na realidade, nos costumes, nas atividades diárias do campo.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

19. Para você, o que é ler?

Ler é transformar, modificar, é conhecimento.

20. Você tem o hábito da leitura?

Sim.

21. Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

É importante para o conhecimento e para o trabalho com a leitura, podemos perceber o que podemos transformar.

22. Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Não, gosto de ler o que me agrada, exemplo: revistas, jornais e livros, porque passa a ser motivo de distração na vida humana.

23. Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

Revistas do guia astral que traz muitas histórias reais e algumas que me identifico.

24. Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa?

Por quê?

Gramática é tudo que falta para aprimorar meus conhecimentos.

25. Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

Melhorar a leitura e a forma de me expressar em público em todas as situações.

26. A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Deve-se trabalhar vários tipos de textos, leitura coletiva, individual, apresentação de mural e objetos.

27. Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

Participação dos alunos, desenvolvimento de texto, leitura e escrita nas aulas. É a partir daí que o professor deve ampliar a metodologia que está passando.

28. O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Ler com dificuldade de pronunciar as palavras e não respeitar a pontuação na escrita trocando as letras e não deixar parágrafo.

29. Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

Todos foram bons na aprendizagem, só deixou a desejar como ensinar português.

30. O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Sim, todo material traz sempre uma palavra geradora e sempre é considerada a realidade do camponês.

31. Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Trabalhando temas da realidade dos alunos, partindo da vivência e do conhecimento de cada um.

32. De e acordo com a sua concepção, defina “texto”.

Texto é o que informa o leitor todos os acontecimentos em várias formas.

33. Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

São as crônicas, poemas, charges etc., é importante que o aluno conheça as diversas formas textuais.

34. Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores?

Explique.

Não, para que possa incentivar as pessoas a fazer leitura, é preciso ler, conhecer, dominar os assuntos, como professor.

35. Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

Quer dizer que ele nunca deixou de ser aluno, a sala de aula é sempre um espaço para ele perceber que é preciso saber para ensinar, assim o professor fica impossibilitado de ser um verdadeiro formador de opinião na educação.

36. Na sua opinião, o que se deve saber para “saber português”? Justifique.

Estudo de gramática, elaborar texto, pesquisar.

ANEXO G

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA
CURSO DE FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO (NÍVEL MÉDIO)

EDUCADOR G

CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

7. O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

O magistério fez eu enxergar a minha realidade, aspectos positivo: a metodologia dos professores e negativo: a burocracia.

8. O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

O curso me deu subsídio para ser reconhecido como ser transformador de opinião, está possibilitando para ser um profissional.

9. No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

É um sujeito que ensina a ler e escrever despertando o ser crítico. Sim.

10. Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

Em vários aspectos: queimadas, problemas do lixo, não uso de agrotóxicos e cuidado com a água.

11. Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim, prepara o cidadão para exercer a sua cidadania.

12. Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Não só a escola, mas também o educador que trabalhe a realidade dos alunos e os conteúdos não sejam soltos.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

19. Para você, o que é ler?

É você ler texto e logo em seguida fazer uma interpretação.

20. Você tem o hábito da leitura?

Sim.

21. Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

Este hábito capacita melhor, proporciona uma boa escrita e leitura.

22. Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Leio de tudo um pouco.

23. Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

“Educação do campo” e “Além das cercas”.

24. Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa?

Por quê?

Incentivar leitura e escrita, pensamento crítico.

25. Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

Esta é a maneira de despertar este hábito (a leitura).

26. A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Textos que chamem a atenção dos alunos.

27. Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

Tom de voz, respeitar as vírgulas e os pontos.

28. O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Não respeitar pontos, as trocas de letras (não seguir as regras).

29. Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material? **NÃO RESPONDEU!**

30. O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

No início foi sim, mas faltou trabalhar o ensino de português.

31. Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Iniciar com textos que eles gostam de ler (gibis).

32. De e acordo com a sua concepção, defina “texto”.

É quando você expressa algo.

33. Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

São diversos tipos de textos. Os alunos percebam e conheçam os tipos de textos.

34. Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

Não. O próprio não tem esse hábito (NÃO CONTINUOU)

35. Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

Professor improdutivo, ele não consegue escrever algo ao seu respeito, nem da sua realidade e não desperta interesse nos alunos.

36. Na sua opinião, o que se deve saber para “saber português”? Justifique.

Regras gramaticais.

ANEXO H

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA
CURSO DE FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO (NÍVEL MÉDIO)

EDUCADOR H

CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

7. O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

O curso de magistério é algo super importante na minha vida, para minha formação como pessoa e profissionalmente. O meu crescimento e amadurecimento politicamente, socialmente, culturalmente e outros aspectos, me sinto autônomo, capas de trilhar meu caminho sem ser induzido pela massa. São coisas positivas. Negativas algumas picuinhas entre as coordenações do curso, os impasses dos recursos e etc.

8. O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

O curso representa libertação, me sinto inserido na sociedade, sabendo me expressar, lutar e buscar direitos, e me dá subsídios para ser um bom educador do campo.

9. No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Educador do campo é aquele que trabalha a realidade do campo, que parte da necessidade do aluno e, acima de tudo, observa e conhece os problemas do educando. O curso magistério contribuiu demais na minha formação como educador do campo, me dando condições de diagnosticar o problema para, junto à comunidade, solucionar. Através das aulas ministradas por todos ótimos professores que passaram pelo magistério.

10. Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

A questão do lixo que foi um assunto discutido com a professora Flávia e os alunos. E depois com o professor Ismael. Levamos essa discussão para a comunidade, para as assembléias e o lixo teve um outro tratamento, como outras questões ambientais como o desmatamento, queimadas, o uso de agrotóxicos, que foi com o professor Toninho, tem repercutido na comunidade.

11. Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim. Porque é um curso voltado para a realidade, que parte de nossas necessidades e a proposta do curso é valorizar o sujeito, dando ênfase ao camponês, atendendo especificidades do nosso povo.

12. Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Sim. Porque ao longo dos anos, recebeu o resto que sobrou da cidade, que não era muito bom. A escola do campo tem que ter uma boa estrutura e o mais importante, ela tem que atender as necessidades do campo. O educador tem que se preocupar com o educando, exemplo: será que o aluno tomou café, está bem de saúde, sua família o incentiva a estudar. Então o professor precisa saber como é a realidade do aluno para junto transformar e assim virá a aprendizagem.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

19. Para você, o que é ler?

Leitura não é apenas decodificar, ler palavras ou um texto. Ler é interagir e fazer da leitura a solução de problemas. É fazer a leitura de um poema, redação ou um texto escrito e também fazer a leitura de uma imagem, de um lugar especial, algo que faça sentido etc.

20. Você tem o hábito da leitura?

Gosto de ler, através da leitura é que adquirimos conhecimentos. Reconheço que antes do magistério não lia muito, apenas algumas poesias, hoje, sou leitor de vários gêneros, principalmente poesia, revistas e jornais, leio sempre a bíblia. E vou começar a ler alguns livros, até porque vou iniciar o curso de Pedagogia e vou precisar praticar a leitura.

21. Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

Através da leitura posso viajar para o mundo inteiro, me emocionar com romances, me divertir com humor, me arrepiar com histórias arrepiantes, voar nas asas da imaginação e a leitura me prepara para ser um educador capacitado para ministrar aulas e orientar os educandos, pois a leitura proporciona e gera conhecimento.

22. Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Na verdade é o inverso, leio mais o que me agrada como poesia e reportagens esportivas. Mas, tenho procurado ler mais sobre minha profissão, porque quanto mais leitura, maior é o conhecimento, melhor saberei me expressar, quanto mais conhecimento, melhor serei professor.

23. Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

Alguns livros de literatura com poemas de grandes poetas como Augusto dos Anjos e Álvares de Azevedo. Algumas canções e poesias de poetas nordestinos que meu pai tinha. Outras histórias bíblicas como a de José do Egito e o Novo Testamento.

24. Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

A prática da leitura e da escrita, gêneros textuais, gramática, produção e interpretação de texto etc., porque será fundamental na formação do cidadão inserido na sociedade.

25. Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

É importante porque é a disciplina que irá diretamente fazer com que o aluno adquira o ato da leitura e da escrita. Na minha concepção, na língua portuguesa é que está a formação do sujeito.

26. A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

A partir da necessidade e da facilidade do educando, por exemplo: se o aluno gosta de ler histórias infantis, é começar com o gosto do aluno, mas incentivá-lo a outras leituras.

27. Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

A compreensão, o entendimento, a socialização, o interagir e em que contexto a leitura gera conhecimento.

28. O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Erro no trabalho com a leitura é quando se ler sem respeitar vírgula, pontos, desordenadamente. E com a escrita é quando da forma em que se fala, se escreve, informalmente, isso é um erro.

29. Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

Foram materiais que contribuíram para a formação de professores, todos os textos, sem exceção, tiveram sua importância a cada momento. A professora soube transmitir conhecimento para gerar o mesmo.

30. O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Sim, pois tem tratado nossa realidade de acordo com a necessidade exigida nas possibilidades dos educandos envolvidos no processo de formação.

31. Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Fazendo da leitura uma necessidade como se fosse comida. Todo dia precisamos comer, é procurar todos os dias ler um pouco e assim poderemos desenvolver o gosto pela leitura.

32. De e acordo com a sua concepção, defina “**texto**”.

Texto é tudo aquilo que se pode ler. Desde um poema, uma música, um livro, como uma fotografia, uma imagem ou paisagem etc.

33. Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

Charge, poema, música, receita e outros. É a importância do conhecimento de todos os gêneros e que irão fazer parte de suas vidas.

34. Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

Não. A partir do momento em que o professor não ler, ao mesmo tempo não incentiva a prática da leitura.

35. Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

Latifúndio que concentra terra produz miséria no campo.

36. Na sua opinião, o que se deve saber para “**saber português**”? Justifique.

Estudar, ler, escrever e praticar.

ANEXO I

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA
CURSO DE FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO (NÍVEL MÉDIO)

EDUCADOR I

CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

7. O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

Penso que o curso de magistério é importante para atender uma grande demanda de alunos que precisam de um tratamento diferenciado em seu processo básico de educação. Os aspectos positivos são: metodologia voltada para a realidade, com significado, desperta a visão crítica entre outros. Os aspectos negativos são: os preconceitos enfrentados na UFPB por quem não conhece o Programa, a dificuldade em manter-se unido em grupo etc.

8. O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Em minha vida pessoal, representa uma forma de mudança e conquista do respeito no meio em que vivo. E na minha vida profissional, vai me ajudar a ter boas relações com a sociedade e em crescimento dentro da mesma.

9. No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Ser educador do campo é ter uma das maiores oportunidades na vida de mudar a realidade em que está inserido.

10. Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

Já tem uma boa aceitação uma vez que, através de informações, muitos jovens estão interessados em participar dos próximos cursos do PRONERA, e isso é uma mudança na comunidade.

11. Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Não posso dizer que com esse estou pronto para atender a demanda, mas sim que é um início de uma mudança local tão sonhada.

12. Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

É importante pelo fato de que as existentes não atendem as necessidades por falta de estrutura adequada. As características de uma escola do campo deveriam ser totalmente desenvolvidas a partir das opiniões dos pais de alunos e sociedade civil organizada.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

19. Para você, o que é ler?

Ler é conhecer um mundo que não está perto para todos os seres sociais, é criar/traçar meu próprio futuro.

20. Você tem o hábito da leitura?

Na medida do possível sim, sempre que arrumo tempo.

21. Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

É importante porque com esta eu posso conhecer um outro mundo, interagir com pessoas e falar, debater de igual para igual com muitas “autoridades”.

22. Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Tenho a certeza de que tendo que eu leio, de uma forma ou de outra, me ajuda na vida profissional.

23. Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

A história do negro brasileiro, não lembro o autor.

24. Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Interpretação de texto e gramática contextualizada.

25. Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

É importante pelo exercício dessa que leva a melhoria do indivíduo e perceber a entonação de voz dos colegas.

26. A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

(NÃO RESPONDEU)

27. Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

Entonação, postura, tom de voz etc.

28. O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

O que é erro para algumas pessoas é construção para mim.

29. Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

A importância de melhorias e preparação para a disputa de concursos públicos.

30. O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Para as pessoas que souberam aproveitar, sim, porque nem tudo é visto por todos com o mesmo ponto de vista.

31. Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Trabalhar, em princípio, sempre com temas interessantes para o público.

32. De e acordo com a sua concepção, defina “texto”.

Texto é toda forma de expressão que diga ou passe uma determinada mensagem.

33. Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

São classificações das diversas expressões de informações para uma melhor sistematização da aprendizagem.

34. Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

Não, porque o professor é o referencial para o aluno.

35. Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

Porque este professor é reprodução da educação bancária que tanto combatemos e isso não é interessante.

36. Na sua opinião, o que se deve saber para “**saber português**”? Justifique.

Ler e entender o que se está lendo para melhor construir uma formação significativa.

ANEXO J

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA
CURSO DE FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO (NÍVEL MÉDIO)

EDUCADORA J

CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

7. O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

O curso em si, para eu que sou do campo e moro em área de assentamento, tem me proporcionado a oportunidade de interpretar de forma diferente a minha realidade e interagir com esta buscando as mudanças necessárias. Pontos positivos: o meu desenvolvimento na área profissional como educadora do campo; os conteúdos trabalhados que me dão subsídios para atuar no lado profissional e na vida social; o compromisso dos professores, com toda a dedicação e respeito, trabalhando nossa realidade, trocando saberes entre o campo e cidade numa sintonia. Pontos negativos: os tempo-escolas foram muito curtos para trabalhar todas as disciplinas; os alojamentos e hospedagem não contribuíram nas realizações das tarefas extra-classe.

8. O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Representa a forma legal de a gente procurar que agricultores e agricultoras tenham capacidade de formar seus próprios filhos.

9. No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Ser educador do campo é ter uma formação diferenciada para atender a um público específico da sociedade onde está inserido, contribuir para uma leitura de mundo a partir da realidade.

10. Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

Agora que está no final do curso, cria-se uma expectativa, pelos pais dos alunos da comunidade, para o ensino diferenciado e significativo para com estes.

11. Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim, uma vez que a formação deste foi toda contextualizada com o seguimento “educação do campo”.

12. Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

É importante pelo fato de as escolas existentes não atenderem as especificidades demandadas pelos sujeitos do campo.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

19. Para você, o que é ler?

É conhecer o mundo onde estamos inseridos para, através disso, interpretá-lo e mudar o mesmo de acordo com as necessidades.

20. Você tem o hábito da leitura?

Não, mas tento ler tudo que é agradável para, assim, adquirir o hábito.

21. Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

De uma forma ou de outra, tudo o que lemos no dia-a-dia é necessário para o nosso desenvolvimento.

22. Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

O exercício da leitura vai me dar subsídios para a minha formação contínua, refletindo tanto na vida profissional como na vida pessoal.

23. Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

O que marcou na minha vida foi o grande desejo de escrever para a minha professora, escrevia com muito erro de pontuação e sem muita coordenação motora, mas tinha o grande amor de ler para ela.

24. Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Produção de texto, gramática, interpretação textual entre outros.

25. Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

O exercício desta deve despertar o senso crítico em relação à realidade.

26. A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula.

A interação entre professor e aluno.

27. Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

A compreensão de cada um, respeitando as opiniões de cada um.

28. O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

O que pode ser erro, para mim, é conserto para outros, pois o conflito gerado resulta a construção do conhecimento.

29. Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

Contribui muito para a disputa em concursos públicos e o entendimento da sociedade como um todo.

30. O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Sim, por estar contextualizado com o mesmo.

31. Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Sendo dinâmicos e usando materiais concretos, pois, assim, o trabalho vai ter sentido na formação do indivíduo; contar histórias construídas a partir da realidade destes.

32. De e acordo com a sua concepção, defina “texto”.

Texto é o que está ao nosso redor, dependendo do ponto de vista de quem interpretar.

33. Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

Gêneros textuais é a classificação de muitas expressões presentes no dia-a-dia para uma melhor sistematização do conhecimento, a importância destes é diversificar a aprendizagem atendendo uma população múltipla de opiniões.

34. Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores?

Explique.

Não pode, porque o professor é o referencial de sua formação e reproduz esta ao passar o conhecimento.

35. Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

O professor que não produz texto está inserido na educação bancária, logo repassa a mesma para seus alunos, deixando-o incapaz de pensar.

36. Na sua opinião, o que se deve saber para “saber português”? Justifique.

É ler e interpretar o mundo das mais diversas formas.

ANEXO L

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA
CURSO DE FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO (NÍVEL MÉDIO)

EDUCADORA R

CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

7. O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

É um curso ótimo, com uma metodologia diferenciada. Aspectos positivos: metodologia voltada para realidade, preparação de educadores do campo. Aspectos negativos: encaminhamentos, às vezes, não corriam muito bem.

8. O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Crescimento como pessoa, desenvolvimento para uma vida profissional.

9. No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Educadores da liberdade, sem dúvida, porque é formação para educadores do campo.

10. Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

Passsei a me importar com o coletivo da comunidade e a saúde da comunidade como: lixo, reflorestamento e busca de cursos etc.

11. Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim, porque é um curso que trabalha a realidade do campo e as pesquisas com os próprios camponeses fez este um curso muito rico.

12. Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Para valorizar a luta dos camponeses e as culturas dos agricultores.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

19. Para você, o que é ler?

Ler é interpretar, interagir.

20. Você tem o hábito da leitura?

Pouco.

21. Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

Tem que ler para dar bons exemplos ao aluno e adquirir mais conhecimentos.

22. Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Adoro ler gibis, romances, textos literários, me atraem.

23. Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

Um livro da literatura em minha casa que contava a história do “príncipe feliz” e do “roxinol e a rosa”, leio e nunca me canso, sempre me emociono.

24. Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa?

Por quê?

Deve ser meio a meio, texto e regra da língua portuguesa.

25. Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

Melhorar leitura e escrita.

26. A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Leituras coletivas e individuais.

27. Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

Pausas e interpretações.

28. O que você considera **erro** no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Preciso amadurecer a idéia.

29. Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

NÃO RESPONDEU

30. O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique

Sim, pois é um material apropriado, sempre tratando a realidade.

31. Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Buscando a essência do texto.

32. De e acordo com a sua concepção, defina **texto**.

NÃO RESPONDEU

33. Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

NÃO RESPONDEU

34. Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

NÃO RESPONDEU

35. Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

NÃO RESPONDEU

36. Na sua opinião, o que se deve saber para **saber português**? Justifique.

NÃO RESPONDEU

ANEXO M

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA
CURSO DE FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO (NÍVEL MÉDIO)

EDUCADORA T

CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

7. O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

É um curso que abriu as portas para pessoas de áreas de assentamentos, com o objetivo de formar educadores do campo para o campo com o pensamento crítico voltado para a sua realidade. Aspectos positivos: professores capacitados, conteúdos adequados, coordenação pedagógica competente etc. Aspectos negativos: a burocracia do sistema que atrasou o processo, falta de acompanhamento dos coordenadores de área, estrutura de alojamentos, alimentação.

8. O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Representa uma grande mudança de personalidade, amadurecimento em relação a um maior interesse pela comunidade e pelo contexto em que estou inserida. E,

profissionalmente, me deu a oportunidade de adentrar no meio educacional agindo na mudança da realidade local.

9. No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Significa contribuir com o crescimento de sua comunidade, seja no meio político, social e econômico. Sim, porque abriu as portas para entrada de um novo mundo (educação).

10. Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

Há uma expectativa, por meio de alguns assentados, para que eu possa ingressar na escola que atende a demanda da comunidade, ou que seja construída uma no próprio assentamento.

11. Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Atende incentivando a procura de novos conhecimentos para aplicar no meio social.

12. Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Sim, porque a escola do campo precisa ser pensada, tanto a estrutura física como a forma humana, através de reuniões com pais, mestres e demais segmentos da sociedade.

Um aspecto desta escola seria conteúdo adequado e que tenha a cara do campo.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

19. Para você, o que é ler?

Ler não é apenas decodificar, mas entender as informações e aplicar no dia-a-dia.

20. Você tem o hábito da leitura?

Não tenho, mas estou criando. Através do curso de magistério, obtive a consciência de que ler é necessário e importante em nossa formação.

21. Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

É importante, pois, através da leitura conseguimos entender o mundo de diversas formas.

22. Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Faço leitura de vários gêneros textuais que, muitas vezes, indiretamente, acabam contribuindo na vida profissional.

23. Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

Quando escrevi começo, meio e fim da minha separação do pai dos meus filhos, também quando tive que escrever minha história no curso. Em relação ao livro, não lembro o nome do autor, mas o título era: “A máquina de pensar bonito contra o medo que o medo faz”.

24. Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Leitura e debate, interpretando, problematizando e procurando possíveis soluções para os problemas encontrados.

25. Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

É importante porque incentiva a prática desta no dia-a-dia.

26. A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Conteúdo adequado, entonação de voz, postura, debate, entre outros.

27. Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

O desempenho e a participação de cada um.

28. O que você considera **erro** no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Falta de participação e interação com o grupo.

29. Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

A contribuição para a minha formação profissional e o desempenho no meio social.

30. O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Corresponde trazendo informações diversas para as soluções múltiplas para os problemas abordados.

31. Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Trabalhando de forma dinâmica, provocando e valorizando o discurso dos indivíduos.

32. De e acordo com a sua concepção, defina **texto**.

É toda e qualquer forma de expressão que passa mensagem significativa para o ser humano.

33. Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

Gêneros textuais é a classificação das expressões portadoras de informações. É importante trabalhar, na sala de aula, porque desperta o gosto pela leitura dos diversos indivíduos.

34. Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores?

Explique.

Não, pois não podemos cobrar do aluno se não damos o exemplo.

35. Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

Não estimula a capacidade do aluno.

36. Na sua opinião, o que se deve saber para **saber português**? Justifique.

Ver, ouvir, ler e entender.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)